

Grupo Educacional Signorelli

***Revista Científica Internacional
em EaD***

PUBLIT SOLUÇÕES
EDITORIAIS

2011

Copyright© 2011 por Signorelli

Título Original: Revista Científica Internacional em EAD - 2º edição

Editor

André Figueiredo

Editoração Eletrônica

Ana Paula Cunha

Publit Soluções Editoriais

Rua Miguel Lemos, 41 sala 605

Copacabana - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22.071-000

Telefone: (21) 2525-3936

E-mail: editor@publit.com.br

Endereço Eletrônico: www.publit.com.br

FACULDADE INTERNACIONAL SIGNORELLI

Diretor Geral: Hércules Pereira

Vice-Diretora: Mônica Ferreira Coelho Pereira

Direção de Ensino Superior

Luiz Annunziata Neto

Grupo Gestor

Coordenação do CEAD: Maria Céri da Silva Amaral

Coordenação do NUPEDI: Marcos Soares de Mello

Coordenação de Graduação: Sheila Melo

Coordenação de Pesquisa : Rita de Cássia Borges de Magalhães Amaral

Coordenação de Pós-graduação: Fábio Rhein

CONSELHO EDITORIAL (ordem alfabética)

Conselheiros Nacionais

Prof. Dr. Allan Rocha Damasceno - *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*

Prof. Mestre Fábio Rhein - *Faculdade Internacional Signorelli*

Prof. Mestre Hércules Pereira - *Faculdade Internacional Signorelli*

Prof^ª. Mestre Idalina de Meirelles Pinto - *Faculdade Internacional Signorelli*

Prof. Mestre Luiz Annunziata Neto - *Faculdade Internacional Signorelli*

Prof. Dra Lia Ciomar Macedo de Farias - *Universidade Estadual do Rio de Janeiro*

Prof. Dra Maria Céri da Silva Amaral - *Faculdade Internacional Signorelli*

Prof. Dra Mônica Ferreira Coelho Pereira - *Faculdade Internacional Signorelli*

Prof. Dra Rita de Cássia Borges de Magalhães Anaral - *Faculdade Internacional Signorelli*

Conselheiros Internacionais:

Prof. Dr Francisco Muscará - *Universidad Nacional de Cuyo*

Prof^ª Dra María Emília Ortiz - *Universidad Nacional de Cuyo*

Prof^ª. Mestre Marisa Carina Fazio - *Universidad Nacional de Cuyo*

Equipe de Editoração
Cláudia Bernardi: Jornalista
Marcos Soares de Mello: Publicitário

Projeto Gráfico
Rosane Furtado

Capa
Leeladhar

Tradução
Igor Jakimczyk Baptista

Sumário

Prefácio.....9

A Gestão das Práticas Pedagógicas na EAD: Construção do Material Didático, Mídias Integradas e Conteúdos Educacionais, como Elementos Centrais de Apoio ao Aluno.....11

Amaral Rita de Cássia Borges de Magalhães
Coordenadora Geral Pesquisa e Iniciação Científica e Líder do Grupo de Pesquisa em EaD da Faculdade Internacional Signorelli

Mello Marcos
Coordenador de Tutoria da Faculdade Internacional Signorelli

Amaral Maria Céri
Diretora de Educação a Distância da Faculdade Internacional Signorelli

Neto Luiz Annunziata
Diretor de Ensino Superior

Melhoria da Qualidade em Educação a Distância, Estratégias para manter o cliente satisfeito.....25

Amim Lucia Helena Luiza Vieira
Doutoranda em Ciências pela UFRJ;
Especialista em Gestão pela Qualidade total-MBA pela UFF,
Especialista em Análises Clínicas,
Especialista em Gestão Ambiental pela FIJ
Especialista em EaD- IGES-FIJ

Situações Problemas no Processo de Mediação Pedagógica e um Estudo de Caso.....35

Vicente Andréia Oliveira
Especialista em Teoria e Clínica Psicanalítica;
Tutora de Pós-Graduação a Distância – Instituto de Gestão Educacional Signorelli (IGES);

Tutora de Graduação a Distância da Universidade do Estado do Maranhão (UEMA/UAB)

A Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação em Cursos de Educação a Distância.....47

Neto Juvenal Bacellar

Horizontalidades e Verticalidades: A Educação a distância como forma de inclusão social.....63

Baptista Nelson Jakimczyk

Professor de Ensino Superior da Faculdade Internacional Signorelli;

Docente I - Geografia da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias;

Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

O Surgimento das Novas Tecnologias Educacionais: Uma Abordagem Sócio-Histórica.....71

CABRAL, Rosane Maria

Pedagoga, Especialista em Alfabetização;

Técnica em Assuntos Educacionais UFRJ;

Tutora a distância da Pós-graduação das Faculdades Integradas de Jacarepaguá

Tutora a distância da Graduação de Licenciatura em

Filosofia da Universidade

Aberta do Brasil UAB através do convênio com a Universidade do Estado do Maranhão UEMA.

A Educação a Distância como Facilitador ao Acesso ao Ensino: Da Correspondência ao Correio Eletrônico.....81

GUIMARÃES, Camila de Carvalho

Advogada, Mestranda pela UNIMAR –SP,

Pós-Graduada em Direito e Processo Civil, Direito do Consumidor e

Responsabilidade Civil, Direito Constitucional Contemporâneo.

MBA em Gestão de Negócios com ênfase em IES.

Professora Titular da Faculdade de Direito da Universidade Estácio de Sá e

Orientadora Acadêmica da Faculdade Internacional Signorelli.

As Ciências Sociais na EAD: A Questão da Teoria e da Experiência.91

Pereira Karina Arroyo Cruz Gomes

Especialista em Sociologia pelo Instituto de Gestão Educacional Signorell;

Bacharel em Ciências Sociais pelo Instituto de Humanidades da Universidade Cândido Mendes.

Formação de Docente: Desafios da EAD no Brasil.....99

Figueiredo Márcia Aparecida

Sobre la Naturaleza de los Estudios Universitarios.....109

Muscará Francisco

Prefácio

A Signorelli Revista Científica Internacional em EaD (Educação a Distância), é uma ferramenta de grande valor no processo de implantação da educação a distância em uma instituição que prima pela qualidade e aperfeiçoamento de seu corpo técnico e docente.

O fato de serem seus próprios docentes e técnicos que estão produzindo diferentes capítulos da revista demonstra que, a instituição está preocupada em construir com sua equipe as estratégias de atendimento educacional em EaD e, além do aspecto relacionado especificamente com o processo docente constata-se também que há uma preocupação com a gerência do processo educacional em EaD.

Segundo minha opinião, baseada em várias experiências em diversas instituições públicas e privadas, verifica-se que este é o ponto mais sensível do processo de implantação e desenvolvimento da EaD em uma instituição, isto é, perfeitamente compreensível pela falta de experiência dos profissionais que estão a frente a um desafio imposto pela nova alternativa educacional estabelecida pela atual LDB 9394/96.

Outro aspecto que gostaria de ressaltar aqui é a coragem de todos relatando sua vivência de campo, não devemos ler com olhos de quem está buscando grandes descobertas, mas são textos escritos por profissionais que muitas vezes tiveram que colocar toda sua criatividade para poder garantir a qualidade de seu trabalho, uma vez que enfrentam muitas adversidades próprias das instituições que apesar de recursos parcos procuram oferecer ensino de qualidade.

Ressalto ainda, o ânimo desses profissionais de apresentarem suas experiências profissionais vividas no dia a dia de sua desafiadora proposta de construir uma estrutura pedagógica e gerencial para desenvolver cursos em EaD e que seja capaz de atender o estabelecido na legislação vigente e nos referenciais de qualidade para o ensino superior e ainda permita que os alunos de baixa renda possam ter acesso.

Finalmente desejo externar meu agradecimento pela consideração com a qual fui brindada de escrever o prefácio de uma revista, que sem dúvida alguma será o orgulho de todos, uma vez que, a mesma está sendo o resultado dos esforços de todos indistintamente que estão apostando e nós podemos ajudar a fazer um país mais justo através da educação que é uma das ferramentas que conduz todos ao caminho do sucesso.

*Profa. Dra. Ana de Lourdes Barbosa de Castro
Doutora em Educação a Distância pela UNED-Espanha*

A Gestão das Práticas Pedagógicas na EAD: Construção do Material Didático, Mídias Integradas e Conteúdos Educacionais, como Elementos Centrais de Apoio ao Aluno

***Rita de Cássia Borges de Magalhães Amaral**

Coordenadora Geral Pesquisa e Iniciação Científica e
Líder do Grupo de Pesquisa em EaD da
Faculdade Internacional Signorelli

***Marcos Mello**

Coordenador de Tutoria da Faculdade Internacional Signorelli

***Maria Céri Amaral**

Diretora de Educação a Distância da Faculdade Internacional Signorelli

***Luiz Annunziata Neto**

Diretor de Ensino Superior

O presente artigo, partindo da concepção da Gestão da Educação a Distância expressa no princípio estratégico de uma concepção pedagógica da EaD, objetiva apresentar a experiência vivenciada em programas de EaD, no que se refere desde a gestão das práticas pedagógicas na implantação e avaliação dos procedimentos, advindos na construção do material didático veiculados nos conteúdos educacionais a partir da integração das mídias educacionais, a partir de uma visão gestora mais adequada e eficaz ao modelo da educação a distância que se quer implementar.

Palavras-chave: Conteúdos educacionais e educação a distância. Gestão em educação a distância. Material didático. Mídias integradas. Práticas Pedagógicas.

Résumen

El presente artículo, partiendo de la concepción de la Gestión de la Educación a Distancia expresa no principio estratégico de una concepción pedagógica de la Educación a Distancia, objetiva presentar la experiencia vivenciada en programas de Educación a Distancia, en lo que se refiere desde la gestión de las prácticas pedagógicas en la implantación y evaluación de los procedimientos, llegados en la construcción del material didáctico transmitidos en los contenidos educativos a partir de la integración de los medios educativos, a partir de una visión gestora más adecuada y eficaz al modelo de la educación a distancia que se quiere implementar.

Palabras-claves: Contenidos educativos y educación a distancia. Material didáctico. Gestión en educación a distancia. Medios integrados. Prácticas pedagógicas.

1 Introdução

Com o crescimento do potencial interativo trazido, principalmente, pela internet, e considerando a educação como um todo, a modalidade de educação a distância (EaD) transforma-se em uma fantástica opção de atendimento a um grande número de pessoas que estão dispersas geograficamente, visando satisfazer aos anseios que o sistema educacional convencional não tem conseguido atender. No entanto, para desenvolver essa modalidade, se faz necessário um sistema de gestão que permita trabalhar as práticas pedagógicas na construção de conteúdos educacionais, alicerçados na qualidade de um bom material didático, veiculado nas mídias, utilizando-se das novas tecnologias de comunicação e informação, de modo a dirigir o foco para a aprendizagem e construção do conhecimento. A construção de tal sistema é um dos grandes desafios da EaD.

A construção desse sistema de gestão pedagógica é um todo complexo e está condicionada por muitas variáveis. A escolha das tecnologias convencionais e modernas e as estratégias da linguagem mais adequadas para o material didático, bem como o modo como se deve gerenciar todo o processo de modo eficaz, já representa um bom começo.

No entanto, esses dois elementos – material didático e linguagem (a partir das mídias veiculadas) - aparecem intrinsecamente ligados aos objetivos educacionais mais amplos, às competências a serem atingidas com um curso ou programa, com o desenho instrucional que se opta, com as condições e recursos institucionais, com o perfil do público-alvo, com os sistemas complementares de aprendizagem com que se pode contar. Portanto, por todos esses fatores, não há receita única de material didático e nem de gestão de sua produção. Cada programa ou curso possui sua especificidade, e as considerações sobre todos esses itens.

Interposições mútuas que fazem do projeto algo único. Nesse sentido, o que se pode dizer a respeito de material didático, da linguagem, das mídias integradas e da gestão de sua produção são indicações de possibilidades e de recursos e experiências já existentes a que se pode recorrer para inspirar um trabalho que se inicia como projeto pedagógico, mas que estará, mesmo depois de implantado, em permanente reelaboração, tendo em vista a garantia da qualidade.

A educação a distância (EaD) é “[...] o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais” (MOORE ; KEARSLEY, 2007 , pg.87)

1.2 A Construção do material didático e a integração de mídias em EaD

A educação a distância é definida como a aplicação de um conjunto de métodos, técnicas e recursos, postos à disposição dos alunos para que, em regime de autoaprendizagem, possam adquirir conhecimentos ou qualificações em diferentes níveis, desde que seja fornecida a totalidade dos elementos didáticos associados a uma determinada aprendizagem.

Muitas soluções para educação estão surgindo com grande velocidade e abrindo possibilidades para o avanço dos processos educacionais.

O desenho que propicia uma nova relação pedagógica entre professor e aluno e a demanda por educação permanente apontam para a crescente utilização da educação a distância. Nessa forma de ensinar, mediada por novas tecnologias, modelos de gestão, se fazem necessários, não apenas porque muitos ainda não têm acesso às mais recentes tecnologias, mas também porque para cada situação de aprendizagem é preciso definir as soluções mais pertinentes.

O processo de planejamento de um curso ou programa de EAD pode ser caracterizado em três diferentes etapas ou níveis hierárquicos. O primeiro nível define a concepção e pressupostos fundamentais de estruturação logística e pedagógica do curso; o segundo, refere-se à abordagem pedagógica do material a ser utilizado pelos alunos; e o terceiro, diz respeito à avaliação da aprendizagem do aluno, aspectos de suma importância nos processos de ensino-aprendizagem, sejam na modalidade presencial ou a distância, especialmente tratados nos projetos de EaD.

Conforme as Diretrizes do MEC (2007) na formulação dos materiais didáticos, os objetivos de aprendizagem devem estar claramente definidos, de modo a facilitar a construção de conteúdos disciplinares, organizados em blocos temáticos, quer sejam módulos, aulas ou unidades de ensino, conforme o planejamento adotado. Independentemente da denominação ou classificação adotada, a contextualização, a significação de conceitos, conhecimentos, atitudes, habilidades e valores devem permitir que a avaliação da aprendizagem esteja associada diretamente aos objetivos que fundamentaram a produção do material didático. (MEC-SEED, 2007)

É importante, ainda, que sejam definidos os objetivos e que estejam articulados aos processos de avaliação da aprendizagem. Se, por um lado, os conteúdos apresentados devem pressupor a sua contextualização e as estratégias de ensino adotadas, por outro, os conteúdos avaliados devem estar associados aos objetivos de aprendizagem, definidos, de forma clara e precisa, no início de cada etapa, unidade ou módulo.

A elaboração de material didático deve fundamentar-se em uma visão de matriz gerativa, que permita a coautoria e promova a interação, ou seja, partir de

uma estrutura genérica, que vá possibilitando a criação de novos módulos, visando aos interesses e singularidades regionais (BELINTANE, 2002).

A etapa correspondente à prática pedagógica que consta no material didático, foco de nosso trabalho, se inicia com a questão a seguir.

1.3 Quais os meios em que o material didático pode ser produzido para uma prática pedagógica eficaz em educação a distância?

O material didático pode ser editado em diferentes mídias, que têm suas particularidades e seus modos próprios de apresentá-lo. O uso de cada mídia traz problemas diferenciados para quem desenvolve material didático e exige profissionais nela especializados, tanto do ponto de vista das tecnologias envolvidas em cada uma delas quanto da linguagem.

Vejamos, agora, quais são as características de cada uma das mídias em que o material didático pode ser apresentado:

a) Meio impresso

É o mais tradicional. São livros ou apostilas para autoestudo e com proposta de atividades a serem realizadas pelos alunos de modo presencial ou online, individual ou em grupo. No que se refere ao ensino a distância, o material impresso é empregado quando o público-alvo tem dificuldade no manejo de tecnologias de informática e de acesso à internet. Da mesma forma que há profissionais especializados na produção dos livros didáticos da educação presencial, também na EaD devem ser observados uma série de cuidados com relação à escrita do conteúdo impresso, como por exemplo:

- Estrutura composta por seções autossuficientes.
- Parágrafos com apenas uma ou duas ideias relacionadas.
- Uso de subtítulos que apresentem uma ideia nova.
- Inclusão de elementos de transição entre seções ou parágrafos.
- Recapitulação das ideias principais no fim de cada seção.

Para alcançar a unidade e a integração de conteúdos deve-se:

- Incluir cada um dos pontos principais exigidos pelo tópico.
- Deixar de fora qualquer ponto que sugira um tópico diferente.
- Dividir cada ponto principal em subpontos que pertençam a ele.
- Certificar-se de que todos os pontos principais e subpontos sejam, aproximadamente, da mesma importância.
- Certificar-se que todos os pontos e subpontos estejam na ordem certa.

- Assegurar-se de que não vai fugir do ponto central da questão durante o processo de definição das linhas gerais da unidade.
- Imaginar, antecipadamente, as dúvidas que os alunos poderão ter e respondê-las.

b) Meio audiovisual

São os seguintes:

- Rádio –O MEC mantém o programa Rádio Escola cujo objetivo é desenvolver ações que utilizam a linguagem radiofônica para o aprimoramento pedagógico de comunidades escolares, o desenvolvimento de cidadãos e o treinamento de grupos profissionais.
- Vídeo – Aulas gravadas em formato de vídeo para serem distribuídas em forma de VHS e DVD e, mais recentemente, colocadas em repositórios de mídia para serem baixadas pela internet.
- Teleconferência – Consiste na geração, via satélite, de palestras, apresentações de expositores ou aulas, com a possibilidade de interação via fax, telefone ou internet. Teleconferência por satélite é, essencialmente, uma via de vídeo e uma via de áudio simultâneas, com a utilização de uma via de áudio ou fax como retorno para perguntas ou opiniões.
- Videoconferência – Tecnologia que permite que grupos distantes, situados em dois ou mais lugares geograficamente diferentes, comuniquem-se "face a face", por meio de sinais de áudio e vídeo, recriando, a distância, as condições de um encontro entre pessoas. A transmissão pode acontecer tanto por satélite quanto pelo envio dos sinais comprimidos de áudio e vídeo, por intermédio de linhas telefônicas.
- Televisão – o principal exemplo é o Telecurso 2000, programa educacional supletivo a distância dirigido a jovens e adultos que pretendem cursar o ensino fundamental e o ensino médio.

c) Internet

É um meio e uma tecnologia que incorpora todas as mídias citadas anteriormente. Daí ser multimídia, porque inclui:

- o rádio, por meio de programação ou de podcasts;
- a televisão e o vídeo, por meio dos arquivos de vídeo que podem ser digitalizados e transmitidos pela rede;
- a videoconferência por IP, que utiliza software que facilita a interação entre as pessoas.

Na internet, o material didático desenvolvido para cursos a distância é experimental e perecível. Portanto, podem e devem ser encarados como passíveis

de serem revisados, ampliados, modificados, reformulados e adaptados, conforme as necessidades encontradas ao longo da implementação e desenvolvimento do curso. Além disso, com o desenvolvimento da *web 2.0*, novos desdobramentos ocorrem na educação online, acentuando-se a percepção de que as pessoas buscam as mídias, e a internet particularmente, mais com objetivos colaborativos e participativos. Essa nova orientação aponta o princípio de que o conhecimento é construído de modo compartilhado.

A *web 2.0* tem certas características e possibilidades que começam a ser exploradas no material didático de EaD, como os diários individuais nos blogs; os materiais permanecem online para serem acessados e atualizados pelos próprios usuários, como exemplo, o *Wikipédia* com seus vários projetos (enciclopédia, livros colaborativos, imagens compartilhadas e com direito autoral liberado etc.).

d) Mídias integradas

Um programa de curso a distância não precisa utilizar somente uma mídia. Por influência da internet e da integração das mídias, cresce o uso do material didático que se apóia em tecnologia e linguagens híbridas e combinadas. Deve-se buscar a integração do material didático (impressos, audiovisuais e material para ambientes virtuais de ensino e aprendizagem), no intuito de que eles se complementem. O material produzido pode apresentar certo grau de redundância ao aproveitar as potencialidades das diversas mídias. Quando se emprega materiais em diversas mídias é necessário que seja desenvolvida uma identidade visual que permita a percepção de que essas mídias pertencem a um determinado curso ou programa.

2. Gestão das práticas pedagógicas na construção do conhecimento – elementos centrais no apoio ao aluno da modalidade em EaD

No que diz respeito aos aspectos de conteúdo, objetivando uma prática pedagógica eficaz em EaD, entendemos que materiais didáticos, conteúdos educacionais e outros elementos, especialmente, utilizados com a finalidade de apropriação do conhecimento, são concernentes ao tipo de conteúdo que se pretende trabalhar (conceitual, fatural, atitudinal, procedimental) de acordo com uma das classificações aceitas na educação (ZABALA, 1998)

Esse grupo de elementos deve ser planejado, de forma eficiente, para que, a partir deles, seja possível construir conhecimento, desenvolver capacidades, habilidades, competências no aluno que estuda na modalidade de educação a distância.

A educação a distância oferece uma oportunidade diferenciada para o estabelecimento de novas e outras relações entre educador-educando-conhecimento, bem como para a socialização e construção do conhecimento. Percebemos

nesse cenário que cada vez mais as diferentes mídias, especialmente as com maior capacidade de promover interação entre seus usuários, sustentam as formas de aprender e ensinar, assim como também mudam os modos de organizar o conteúdo gerador das relações dialógicas.

Quando nos referimos à prática pedagógica na EaD, nos reportamos à sistematização a ações do professor (conteudista) e dos alunos, bem como a ação da tutoria na construção e qualidade do conhecimento no processo de aprendizagem.

O planejamento da disciplina se faz em razão dos objetivos educacionais a serem alcançados, e não devem ser construídos de acordo com os conteúdos a serem transmitidos. É preciso ter em vista que qualquer plano para ser eficaz precisa ser flexível e adaptável, mesmo em se tratando em conteúdos para EaD.

Nesse contexto, é preciso empreender nessa prática a mesma linguagem utilizada nos materiais didáticos, devendo conduzir o aluno à reflexão, à resolução de problemas, ao posicionamento crítico em sua busca de respostas. Por isso, a linguagem tem que ser um facilitador da aprendizagem. Para isso é preciso que reconheçamos as especificidades da educação a distância. A discussão sobre essa modalidade de ensino e aprendizagem avança e, atualmente, as atenções se dirigem a identificar as melhores estratégias pedagógicas existentes nesse novo cenário e qual o conjunto de meios de comunicação e informação favorece a melhoria da qualidade dos processos educativos. As opções variam em decorrência do modelo e desenho pedagógico do programa, conforme o perfil discente e do conteúdo a ser trabalhado.

A práxis pedagógica dos processos de aprendizagem na modalidade a distância reconhece o aluno como sujeito do processo educativo e, conseqüentemente, na relação dialógica com outros sujeitos do processo, colegas de turma e professores tutores, que se encontram no conhecimento do mundo a partir de suas relativas experiências, dos materiais didáticos e conteúdos de aprendizagem geradores da interação, proporcionados também com as novas tecnologias da comunicação.

Podemos compreender a questão da interação na concepção de:

Interagir com as informações e com as pessoas para aprender é fundamental. Os dados encontrados livremente na internet transformam-se em informações pela ótica, pelo interesse e pela necessidade com o que o usuário os acessa e os considera. Para a transformação das informações em conhecimentos é preciso um trabalho processual de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderações que é mais facilmente conduzido quando partilhado com outras pessoas. (KENSKI, 2004, p.38)

Interação significa, entre outras coisas, ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma sociedade. As interações entre colegas de turma, a diversidade de opiniões ante as informações, a reflexão e o debate possibilitam que os conhecimentos possam ser construídos e reconstruídos numa ação proativa dos participantes do grupo. (AMARAL; ROSINI,2009)

Nos esforços para atender as novas demandas, a educação a distância é compreendida como método apropriado para suscitar diferentes concepções, transmissões e aquisições de conhecimentos. Com uma abordagem mais centrada no aluno, ela possibilita mais flexibilidade em relação ao tratamento dos conteúdos e também na organização de programas de aprendizagem.

O cenário atual exige do professor e sua prática docente uma mudança de paradigma, que promova uma mudança no aluno. Pró-atividade e autonomia na busca do conhecimento são dois elementos necessários ao aluno dessa modalidade.

Nesse sentido:

[...], a prática pedagógica nesta modalidade deve proporcionar momentos de reflexão e problematização das situações pedagógicas vividas, o que implica um exercício de crítica sobre sua atuação e sobre a atuação do outro nos espaços, tempos e contextos em que estão interagindo, pois, além do conteúdo que está sendo trabalhado, há a dimensão pedagógica, a qual precisa ser pensada e vivida de forma reflexiva. (HENRIQUES; AIMI; GIORDAN; FELDKERCHER, 2008, p.87).

Em síntese, a prática pedagógica na EaD, de forma interativa, torna a aprendizagem possível, pois sabemos que ensinar não é um processo que se aprende com a prática e sim uma atividade que requer conhecimento, formação e constante atualização com novos conteúdos e metodologias, fazendo com que as habilidades básicas sejam adquiridas, melhoradas e ampliadas.

3. O Gestor em EAD: da sua ação depende o sucesso do projeto

A rápida evolução tecnológica abstrai, muitas vezes, o real foco da educação a distância que é o aprendiz. Muitas vezes, inovar resume-se no acúmulo de mídias que não interagem, que não atendem àquele público-alvo. As transformações vão muito além da tecnologia e da informação, e a evolução tecnológica não é a única responsável pelos processos de mudança; a economia e o processo da globalização também acionaram a velocidade e a amplitude da informação. É indiscutível que o mundo passa por fortes mudanças – políticas, sociais, filosóficas e humanas que afetam consideravelmente a educação. O próprio homem possui uma nova perspectiva de vida, de mundo. Até bem pouco tempo, a formação inicial de um indivíduo seria suficiente, para que ele exercesse sua profissão. No

entanto, o conhecimento adquirido nessa formação, rapidamente, se desatualiza e o que torna necessário que se invista na formação continuada. A educação a distância, pela sua abrangência e capacidade rápida de atualização, se destaca e vem evoluindo mundialmente, mas uma das reflexões desse artigo é trazer para o centro da questão o gestor da educação a distância, como profissional responsável pelo planejamento, pela adequação, pela execução, pela qualidade e pela avaliação do programa.

Segundo (VIEIRA, 2003, pg.3) “[...]os elementos-chave do gerenciamento de projetos são os *stakeholders*, áreas de conhecimentos, ferramentas de gerenciamento e técnicas.” Os stakeholders são todos os indivíduos envolvidos e afetados pelas atividades do projeto e incluem o patrocinador do projeto, o gerente do projeto, a equipe que vai implementar ou desenvolver o produto ou serviço do projeto, os clientes e os usuários. “Saber gerenciar as necessidades e as expectativas dos stakeholders desde o começo até o fim do ciclo de vida do projeto é um fator de sucesso.”

Na educação a distância, é muito importante estar atento a essa premissa, pois, como em todo projeto, sua unicidade e personalização é o grande desafio do gestor. Engana-se quem imagina que conseguirá racionalizar custos na duplicação do mesmo projeto para diferentes instituições. A transferência de um curso ou programa para uma determinada instituição ou público pode ser catastrófica, não só com relação à potencialidade de absorção das mídias aplicadas, mas também pelo aspecto cultural, pelo tipo de linguagem aplicada e pelo nível de desenvolvimento intelectual do público a que se destina.

Uma mesma disciplina, contendo o mesmo conteúdo programático, por exemplo, não pode ser utilizada por diferentes públicos, haja vista a diversidade de compreensão da linguagem do material apresentado – para uns, clara e simples – para outros – rebuscada e intangível. Os exemplos, as analogias, os exercícios precisam ser adequados.

A quem se destina, portanto, é o primeiro cuidado do gestor. No caso do material impresso, não se pode perder de vista que esse material não deve obliterar a capacidade de o estudante pesquisar nos livros indicados nas bibliografias indicadas. Ser didático, aqui, vai além de ser um facilitador da aprendizagem, mas sim um motivador à pesquisa. Esse estudante pode estar na sua primeira graduação, e a motivação para a formação continuada deve ser cultuada desde o início. A linguagem é sempre dialógica, na tentativa de aproximação, mas sempre induzindo ao pensamento reflexivo, contextualizando-se com assuntos ou temas da realidade próxima do estudante. Ao se preparar um material impresso para um curso de graduação, por exemplo, é muito importante situar esse estudante. Não se pode nivelar por baixo a linguagem e nem torná-la inacessível. O material impresso é um convite à pesquisa aos livros e deve sempre ser estimulada.

Definir as competências do curso é fundamental, pois promove a seleção das informações necessárias à aquisição das requeridas competências, mantém a coesão das unidades, estabelece avaliações mais adequadas, colabora na escolha dos recursos. O gestor precisa acompanhar e zelar por essa coerência interna do princípio ao fim do curso, referente às competências elencadas, para que a qualidade do curso seja preservada.

É fato que cada um de nós aprende de uma forma, que o lúdico interfere no processo de aprendizagem, que aprendemos com mais facilidade aquilo que tem significado para a vida, que aprendemos com o outro, e que a aplicação das teorias da aprendizagem no desenho pedagógico do curso interfere, substancialmente, na produção de todo material didático em educação a distância. Embora este seja o papel do desenhista instrucional, o gestor precisa acompanhar todo o trabalho em benefício da coerência e da qualidade propostas.

Sem dúvida, o gestor de educação a distância prescinde ser dotado de competências não só na área da educação, como da modalidade a distância, mas também na área da gestão. Pela pertinência ao tema, trazem-se à luz, as cinco regras e os dez compromissos da liderança de Kouzes e Posner (2008) por se alinharem na gestão dos projetos em educação a distância, não só pelo teor de cada item, mas pela sua influência direta com os seus *stakeholders*: apontar o caminho, inspirar uma visão compartilhada, desafiar o estabelecido, permitir que os outros ajam.

4 Considerações finais

Na Sociedade do Conhecimento, nesse mundo globalizado, esse tipo de sociedade demanda atores sociais que trabalhem de uma forma inovadora, e a prática pedagógica na EaD não foge dessa regra. O ambiente mediatizado em EaD é um processo de transformação do cenário educativo, onde professores e alunos edificam novos procedimentos e relações de cooperação em busca da aprendizagem -proativa.

Procuramos demonstrar aqui como o material didático, as mídias integradas na construção de conteúdos educacionais possibilitam uma prática pedagógica inovadora no ambiente de trabalho da educação a distância. A reflexão constante sobre a prática e os princípios adotados pelos professores constituem fundamental importância para modificar a atuação no processo ensino-aprendizagem do ensino a distância. Nesse contexto, o professor da Ead, no desempenho de sua função, reconstrói sua própria prática pedagógica, interfere criticamente no sistema como um todo; enquanto mediador pedagógico contribui para o desenvolvimento de uma educação a distância de qualidade. Mais um ator cria força no contexto da educação a distância: o gestor. Ao imprimir suas compe-

tências educacionais e gerenciais mantém a equipe multidisciplinar alinhada, em permanente avaliação, em busca da qualidade.

Por fim, é importante destacar que a **ética** deve permear as ações dos atores tanto na construção quanto na execução de projetos em EaD, para que se garanta a qualidade e a personalização de cada projeto.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R.C.B.; ROSINI, A. Concepções de interatividade e tecnologia no processo de tutoria em programas de educação a distância: paradigmas na construção do conhecimento. *Revista Científica Intersaberes*. PR: Facinter, v.1, n.1, set. 2009.

HENRIQUES, C.M; AIMI, D.S.; GIORDANI, E.M.; FELDKERCHER, N. Implicações na formação dos profissionais envolvidos nas práticas pedagógicas em educação a distância. *Paidéi@- Revista Científica de Educação a Distância*. UNIMES VIRTUAL, v.1, n. 2 dez. 2008.

KENSKI, V. M. *Tecnologias de ensino presencial e a distância*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2004.

KOUZES, J.M.; POSNER, B.Z. *O desafio da liderança*. 3ª Ed.. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Referências para elaboração de material didático para EaD no Ensino Profissional e Tecnológico. 2007. Disponível: http://mecsrv04.mec.gov.br/encontro/materiais/distancia/2.2_referenciais_material_didatico.pdf . Acesso em: 10 abr.2010.

MOORE; KEARSLEY. *Educação a distância*. Uma visão integrada. SP: Thomson Learning, 2007.

VIEIRA, F. M. *Gerenciamento de projetos de tecnologia da informação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Melhoria da Qualidade em Educação a Distância, estratégias para manter o cliente satisfeito

Lucia Helena Luiza Vieira Amim
Doutoranda em Ciências pela UFRJ;
Especialista em Gestão pela Qualidade total-MBA pela UFF,
Especialista em Análises Clínicas,
Especialista em Gestão Ambiental pela FIJ
Especialista em EaD- IGES-FIJ

Resumo

As questões pedagógicas sempre constituíram um foco importante nos debates educacionais, principalmente, se considerar as influências políticas, econômicas e sociais que atuam decisivamente na qualidade dos resultados construídos nas instituições educacionais. A articulação do processo de ensino-aprendizagem nos remete, necessariamente, para o planejamento e a mediação das condições de interação entre professor, aluno e objeto – de – conhecimento. Com o crescente aumento na oferta por cursos na modalidade EaD, e, com isso, o crescimento da concorrência, esse artigo tem como objetivo, identificar principais causas responsáveis pela deficiência na qualidade, com a consequente evasão, e sugerir possíveis soluções. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desse artigo, foi baseada em uma pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso, com experiências adquiridas pela autora em gestão de qualidade e em tutoria, a identificação dos momentos da “hora da verdade” e os processos envolvidos nessa tríade, resultam na somatória de todas essas horas, experimentadas por seus clientes, e na imagem do serviço prestado. Cada funcionário de serviço é, de certo modo, um administrador. Por isso, não basta possuir uma tutoria treinada e capacitada, e disposta a atender aos seus alunos, mas é preciso identificar as várias falhas no processo, desde o primeiro contato, até a certificação do estudante com a conclusão do curso e criar meios de corrigir os erros identificados, visando manter um padrão de qualidade elevado no serviço prestado na EaD.

Palavras-chave: Educação à distância. Gestão pela qualidade. Tutoria,.

Resumen

Las cuestiones pedagógicas siempre constituirán un enfoque importante en los debates educativos, a partir de las influencias políticas, económicas y sociales que actúan decisivamente en la calidad de los resultados construidos en las instituciones educativas. La articulación del proceso de enseñanza-aprendizaje nos remete, necesariamente, para la planificación y la mediación de las condiciones de interacción entre profesor, alumno y objeto – de – conocimiento. Con el creciente aumento en la oferta por cursos en la modalidad Educación a Distancia, y con ese la competencia, este artículo tiene como objetivo, identificar principales causas responsables por la deficiencia en la calidad, con consecuente evasión y sugerir posibles soluciones. La metodología utilizada para el desarrollo de este artículo, fue basada en una investigación cualitativa, a través de un estudio de caso, con experiencias adquiridas por la autora en Gestión de Calidad y en tutoría, la identificación de los momentos de la “hora de la verdad” y procesos involucrados en esta tríada, resultan en la sumatoria de todas estas horas, experimentadas por sus clientes, y en la imagen del servicio prestado. Cada empleado de turno es un administrador de cierto modo. No basta poseer una tutoría entrenada y capacitada, y dispuesta a atender a sus alumnos, sino también identificar las varias fallas en el proceso, desde el primer contacto, hasta la certificación del estudiante por la conclusión del curso y crear medios para corregir los errores identificados, buscando mantener una norma de calidad elevada en el servicio prestado en la Educación a Distancia.

Palabras-clave: Educación a distancia. Gestión por la calidad. Tutoría.

1 Introdução

A idéia básica de educação a distância (EaD) é simples, pois é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Estando em locais diferentes, dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informações e proporcionar um meio de interagir. A educação a distância significa que mais pessoas estão obtendo acesso facilmente e com melhores recursos de aprendizado do que podiam no passado. A educação a distância pode ter ou não momentos presenciais, mas envolve fundamentalmente professores e alunos separados fisicamente no espaço e/ou no tempo, mas podendo estar juntos por meio de tecnologias de comunicação.

Para os professores que atuam na modalidade a distância, a dificuldade está em vencer suas dificuldades para o diálogo, principalmente, porque lidamos com diferentes culturas, com estudantes das mais variadas localidades, dentro do território nacional, quando se trata de Brasil. Para essa superação, a reflexão sobre a Pedagogia de Paulo Freire (2003) torna-se essencial, principalmente se analisar se sua prática vem ao encontro do conceito de educação dialógica proposta pelo célebre educador, refletindo sobre a educação dialógica a distância, sendo a interatividade considerada a ponte entre o diálogo, tendo uma importância muito grande no ensino e na aprendizagem na EaD.

Um estudo elaborado por Dilvo Ristoff, em 2007 que comparou os resultados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade/2006) nas modalidades presencial e a distância, das 13 áreas em que o confronto foi possível, os de EaD se saíram melhor em sete: Pedagogia, Biologia, Física, Matemática e Ciências Sociais, além de Administração e Turismo.

O nível de exigência das provas, que são discursivas, é o mesmo das aplicadas nas faculdades presenciais. Muitas vezes, elas se tornam ainda mais difíceis pelo acúmulo de conteúdos cobrados. Isso porque, num curso de qualidade, o conhecimento sobre o material complementar disponível no ambiente virtual também é avaliado. O Ministério da Educação e Cultura – MEC, determina que as provas devam ocorrer nos pólos presenciais, sob o olhar dos tutores da turma. Além disso, as boas instituições pedem, em média, dois trabalhos por semana, com data limite para a postagem na rede. Por sua natureza, a EaD apresenta uma peculiaridade: o meio eletrônico garante o registro de cada passo do aluno, dando destaque à avaliação processual. É possível saber quantas vezes ele entrou no ambiente virtual, o tempo passado em fóruns e chats e qual a qualidade dessa participação.

Na EaD, o estudante torna-se corresponsável pelo seu processo de aprendizagem, construindo conhecimentos e desenvolvendo competências, habilidades, atitudes e hábitos relativos ao estudo, à profissão e à sua própria vida, no tempo e no local que lhe são adequados, sem a participação, em tempo integral, de um professor. Assim, o educador (professor e/ou tutor) é o mediador desse processo e pode atuar, ora a distância, ora em presença física ou virtual, participando do processo de aprendizagem do estudante, ajudando-o a se organizar temporalmente para permanecer atento às necessidades dos saberes e às necessidades sociais de cada disciplina. Para desenvolver essa mediação, ele conta com o apoio de sistemas de gestão e operacionalização específicos, bem como materiais didáticos intencionalmente organizados e apresentados em diferentes suportes de informação.

A figura 1, representa a tríade do sistema de EaD, onde principalmente, estão envolvidos: o tutor, o aluno e o objeto de estudo; o tutor com a responsabilidade de orientar, motivar e construir o conhecimento, o aluno motivado, organizado e com prévios conhecimentos do sistema de informação e uso de novas tecnologias e o objeto de estudo, que envolve material atualizado e desenvolvido com a linguagem da EaD.

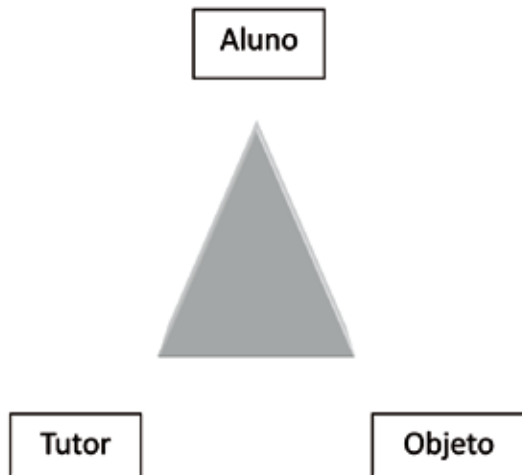


Figura 1: tríade do sistema EaD. (Fonte, Lucia Amim)

De acordo com Dias (2010), as funções básicas da tutoria compreendem motivar, despertar o interesse do aluno e facilitar-lhe o processo de aprendi-

zagem, sem limitar sua autonomia. Ao respeitar a autonomia da aprendizagem do aluno, o tutor orienta e supervisiona, permanentemente, o seu processo de aprendizagem e, dessa forma, desperta e mantém o seu interesse e a sua participação. Ao colocar o aluno diante de problematizações, desafios e estudo de casos, o tutor estará possibilitando ao aluno a construção do conhecimento. Por sua vez, o aluno não só desenvolve seu senso de responsabilidade, mas também, se conscientiza do quanto a sua aprendizagem lhe é importante e útil.

A região Sudeste do Brasil, foi a primeira a abraçar a EaD (educação a distância) e ramificá-la em suas diversas instituições de ensino. Seja pela grande quantidade de instituições de Ensino Superior e, também, pela enorme demanda de alunos presentes, a região dominou desde meados de 2001, quando houve seu primeiro "boom", na expansão da EaD no Brasil. No ano de 2005, segundo dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação a Distância (ABRAED, 2008), a região concentrava 50% dos alunos estudando a distância. A edição 2007 do ABRAED, aponta para uma mudança radical na EaD no Brasil, colocando o Sul do país como primeiro colocado entre as regiões que mais concentram alunos de EaD e, juntamente com a região Centro-Oeste, a que mais cresce em número de estudantes.

Em 2006, do total de 778.458 estudantes matriculados em cursos de educação a distância em instituições de ensino credenciadas, 258.623 (33,2%) estavam concentrados na região Sul, 243.114 (31,2%) na região Sudeste e 135.998 (17,5%) na Centro-Oeste, o que mostra uma acentuada queda de alunos na EaD na região Sudeste, o que pode representar, uma maior busca por outras regiões na oferta dessa modalidade com menor concentração de renda, além do que, a região Sudeste possui uma maior oferta em instituições de Ensino Superior.

Em 2007, segundo ABRAED, foram catalogadas 257 instituições credenciadas com cursos autorizados de ensino a distância, reconhecidos pelo MEC, com um quantitativo de 972.826 alunos inscritos. Com a crescente oferta por cursos na modalidade EaD, a concorrência vem aumentando, o que tem deixado muitas instituições de ensino preocupadas com o aumento da perda de alunos. Com base em uma gama de processos envolvidos nessa modalidade de ensino, esse artigo tem como objetivo identificar as principais causas responsáveis por essa perda abrupta e sugerir possíveis soluções, visando uma gestão de qualidade em serviços na EaD.

2 Gestão de qualidade em serviços

É cada vez maior, o número de campanhas publicitárias, que se concentram no serviço como fator de concorrência. A demanda de produtos de treinamento e informações sobre a gestão de serviços, vem se expandindo rapidamen-

te. Muitas empresas esperam transformar o serviço em seu fator de superioridade competitiva, porém, de 10 a 15% das empresas de qualquer setor, estarão dispostas a fazer o tipo de esforço total necessário para tornar-se verdadeiramente preocupadas com o serviço em suas atividades.

A qualidade do serviço está nos detalhes, ou seja, a relação entre o fornecedor do serviço e o comprador, está presente em muitos pontos individualizados de contato. Esse fato torna um produto, sob a forma de serviço fundamental, inevitavelmente distinto, de um produto físico tangível, especialmente, no que se refere à garantia de qualidade (AMIM e cols,2002).

Jan Carlzon, presidente da *Scandinavian Airlines* chama esses pontos de entrega, pela metáfora “hora da verdade”, que na terminologia da administração de serviços, significa: qualquer episódio no qual o cliente entra em contato com qualquer aspecto da organização e obtém uma impressão da qualidade de seu serviço.

O ponto de vista da administração de serviços, sugere que, essas muitas horas da verdade, representam as pedras fundamentais do “produto” serviço. Desse modo, pergunta-se qual é o serviço que você produz? Quais são as horas da verdade? Pode-se começar imediatamente, a fazer um inventário das horas da verdade passadas por seus clientes, enquanto o pessoal de linha de frente presta o serviço. Assim que souber quais são essas horas da verdade, estará em condições de analisar todas elas, do ponto de vista da qualidade, poderá melhorar aquelas que exigem melhorias e buscar maneiras de acrescentar valor a todas elas. Nem todas as horas da verdade são iguais, algumas delas, em geral, podem ser consideradas de importância crítica para as percepções dos clientes.

No caso desse artigo, que tem como propósito, avaliar o processo de gestão de qualidade no serviço prestado na educação a distância, alguns itens podem ser citados, como integrantes da” hora da verdade” presentes nesse serviço, tais como:

- 1- Informação sobre o serviço (preço, tempo de curso, formas de pagamento);
- 2- Aula inaugural (local apropriado, apresentação da aula com pessoal qualificado, material de apresentação de qualidade, correto esclarecimento das dúvidas, apresentação da plataforma de acesso com os recursos disponíveis, como web aulas, vídeo aula, fórum, e outros);
- 3- Apresentação do Material institucional (atualizado);
- 4- Contato com a Tutoria (qualificada e treinada, com carga horária apropriada ao quantitativo de alunos);
- 5- Contato com secretaria ou outros setores da empresa;
- 6- Feedback ao aluno, (com acompanhamento integral ao longo do curso até a expedição do certificado).

Assim que forem identificadas as “horas da verdade”, você estará em condições, de analisar todas elas, do ponto de vista da qualidade, podendo começar a melhorar aquelas que exigem melhorias e buscar maneiras de acrescentar valor a todas. Devemos lembrar, que nem todas as “horas da verdade” envolvem interação direta de seus funcionários com clientes. O somatório de todas essas horas, experimentadas por seus clientes, irá se transformar na imagem do serviço. Cada funcionário de serviço é um administrador de certo modo.

Se o pessoal de serviço for apático, desagradável, frio, distante ou pouco cooperativo, suas horas da verdade estarão indo “para o brejo”, velozmente. Se for ativo, agradável, amigoso, cooperativo e usar da iniciativa para resolver o problema do cliente, então suas horas serão brilhantes, e o cliente tenderá a generalizar essas experiências, criando uma boa imagem geral do serviço. Como citado por Amaral e Rosini (2010), um modelo ou uma metodologia específicos não dão conta da complexidade da gestão de programas de EaD. São modelos e estratégias de gestão que vão surgindo da dinamicidade do real, que se reinventam na prática e que acabam sinalizando novos procedimentos.

No caso desse artigo, que teve como propósito avaliar o processo de gestão de qualidade no serviço prestado na educação a distância, a metodologia utilizada para o desenvolvimento desse artigo, foi baseada em uma pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso, com experiências adquiridas pela autora em Gestão de Qualidade e em tutoria.

3 Considerações finais

Conforme citado por Annunziata (2010), a eficácia da educação a distância está, inegavelmente comprovada, o que não significa falta de questionamentos e estudos contínuos sobre essa modalidade. Há uma significativa produção internacional que aponta aspectos positivos e negativos referentes ao sistema. O importante, é que se conceba essa modalidade de educação como um sistema que pode possibilitar atendimento de qualidade, além de se constituir como forma de democratização do saber. A mudança constante é um invariante, mas as orientações possíveis para a transformação estão em aberto.

Coelho, 2002, cita como as principais suposições sobre a evasão nos cursos em EaD são: a falta da tradicional relação face a face entre professor e alunos, insuficiente domínio técnico do uso do computador, ausência de reciprocidade da comunicação, ou seja, dificuldades em expor ideias, numa comunicação escrita a distância e a falta de um agrupamento de pessoas numa instituição física. Desse modo, podemos observar que podem ser vários os motivos das desistências e dificuldades encontradas por nosso aluno.

Este artigo não tem a pretensão de traçar solução para todos os problemas, mas tentar identificar pontos que poderiam ser considerados como negativos, e interferirem na questão da qualidade do serviço prestado, conforme o objetivo da pesquisa que foi avaliar o processo de gestão de qualidade no serviço prestado na educação a distância, e com isso, contribuir para diminuir a perda do alunado para os concorrentes, não basta possuir uma tutoria qualificada, e disposta a atender aos seus alunos, mas identificar as várias falhas no processo, desde o primeiro contato, até a certificação do estudante com a conclusão do curso e criar meios de corrigir os erros identificados.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R.C.B.M.; ROSSINI, A.M.R. Gestão estratégica em programas de educação a distância: O impacto do processo de aprendizagem na construção do conhecimento. *Signorelli Revista Científica Internacional em EaD*, p.27, 2010.

AMIM, L.H. e cols. Melhoria da qualidade no atendimento em serviços: experiências desenvolvidas em um laboratório de análises clínicas. Monografia (apresentada para obtenção do título de especialista em Gestão pela Qualidade Total-UFF), Niterói, 2002.

ABRAED. Coordenação: Fábio Sanchez. 4. ed., São Paulo: Instituto Monitor, 2008.

COELHO, M. L. A. Evasão nos cursos de formação continuada de professores universitários na modalidade de educação a distância via internet. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

DIAS, S.S. Deficiências no atendimento do tutor on-line. *Signorelli Revista Científica Internacional Em EAD*, p.76, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa*, edição 26, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

ANNUNZIATA, N.L. Cenários: imagens da educação a distância. *Signorelli Revista Científica Internacional Em Ead*, p.20, V1,2010.

RISTOFF, D. No painel “Avaliação do Ensino Superior a Distância” 2007. Disponível em: <http://www.newtonpaivavirtual.br/conteudo/default.aspx?cid=331> Acesso em: 8 out. 2010.

Situações Problemas no Processo de Mediação Pedagógica e um Estudo de Caso

Andréia Oliveira Vicente
Especialista em Teoria e Clínica Psicanalítica;
Tutora de Pós-Graduação a Distância – Instituto de Gestão
Educacional Signorelli (IGES);
Tutora de Graduação a Distância da Universidade do Estado
do Maranhão (UEMA/UAB)

Resumo

Esse artigo tem como objetivo apresentar o estudo de caso de três situações problemas de alunos, que estudam na modalidade de educação a distância, e que podem ocorrer no dia a dia da prática tutorial. O estudo de caso será realizado por meio da análise das situações problemas, utilizando referências de artigos publicados recentemente sobre mediação pedagógica em EAD. O intuito é de contribuir para as práticas educativas no campo da educação a distância, por intermédio das estratégias de mediação apresentadas como possíveis soluções, partindo das considerações realizadas com base nas referências e na experiência da autora. Esse texto aborda como centro de discussão, a temática em torno das investigações a respeito do serviço tutorial desenvolvido nas universidades a distância, de maneira geral, que têm demonstrado que um dos elementos constitutivos da EaD, e que a diferencia do ensino presencial, é a apresentação de um processo de ensino e aprendizagem mediatizado, em que o sistema de tutoria apresenta-se como fundamental para o êxito dos cursos e a baixa evasão nos programas em que esse serviço é mais efetivo. Mesmo tendo algumas características em comum, cada instituição que oferece cursos em EaD busca construir seu modelo de tutoria, que emerge de referências teóricas e pedagógicas, produzidas cientificamente pelos educadores atuantes nessa modalidade.

Palavras-chaves: Educação a distância. Mediatização. Tutoria

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar un estudio de caso de tres situaciones problemáticas de los estudiantes que estudian en modalidad de educación a distancia, y puede ocurrir en la práctica tutorial día a día. El estudio de caso se llevará a cabo mediante el análisis de situaciones problemáticas, utilizando las referencias a artículos publicados recientemente en la enseñanza de la mediación en la educación a distancia. El objetivo es contribuir a las prácticas educativas en el ámbito de la educación a distancia, a través de las estrategias de mediación presentados como posibles soluciones, con base en las consideraciones se basan en las referencias y la experiencia del autor. El texto explica cómo el centro de la discusión, el tema en torno a las investigaciones sobre el servicio de tutoría desarrollado en la Universidad de Aprendizaje a Distancia, en general, que han demostrado que uno de los elementos constitutivos de la educación a distancia, que la diferencian de la enseñanza en el aula es la presentación un proceso de enseñanza y el aprendizaje mediado, en el que se presenta el sistema de tutoría como crucial para el éxito de los cursos y los programas de abandono de baja en la que este servicio es más eficaz. A pesar de que algunas características en común, cada institución que ofrece cursos de educación a distancia en su búsqueda para construir el modelo de tutoría, surgida de las referencias teóricas y pedagógicas, científicas producidas por los educadores que trabajan en esta modalidad.

Palabras-clave: Educación a distancia. Mediatización Tutorial

1 Introdução

Se considerarmos a história da EaD, recuando aos cursos por correspondência, passando pelo uso do rádio e da televisão e chegando ao emprego das novas TICs ou da internet, identifica-se, como traço distintivo, a mediatização das relações entre os tutores e os alunos. Segundo Belloni (2001), mediatizar é conceber metodologias de ensino e estratégias para a utilização dos materiais didáticos, de forma a desenvolver as possibilidades de autonomia na aprendizagem. Isso inclui desde a elaboração de conteúdos até a criação de estratégias para a utilização dos materiais por meio das ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem, passando pelo acompanhamento do estudante, de modo a assegurar sua interação com o sistema de ensino.

No entanto, a educação a distância só poderá ocorrer se houver uma interlocução, ou seja, um diálogo permanente entre os envolvidos na prática educativa, constituindo, assim, a comunicação como um dos seus elementos fundamentais, sobretudo na relação tutor-aluno.

Os tutores são fundamentais na organização do sistema de EAD, tendo em vista que desempenham o papel de mediadores entre os alunos e os materiais didáticos trabalhados e por serem os avaliadores do processo de ensino-aprendizagem. Como um dos sujeitos da EAD, cabe ao tutor o acompanhamento sistemático da aprendizagem do aluno e das condições pedagógicas e materiais para que ocorra essa aprendizagem.

O tutor deve ter uma prática articulada com o diálogo e com orientações acadêmicas que levem a reflexão sobre os conteúdos, despertando atitudes críticas, de forma a estimular o estudante a construir conhecimento. Cabe a ele garantir o alcance dos objetivos propostos, criando uma parceria com o aluno para contribuir no processo de construção do pensamento em rede e mediar as interações.

Em resumo, um dos elementos constitutivos da EaD, que a difere do ensino presencial, é a apresentação de um processo de ensino e aprendizagem mediatizado, em que o sistema de tutoria apresenta-se como fundamental.

Nesse sentido, iremos abordar nesse artigo, a tutoria na EaD, na perspectiva do papel de mediador, com o intuito de refletir sobre as estratégias de mediatização diante de situações que podem ocorrer no dia a dia da prática tutorial, e para tal intento, a autora irá apresentar três situações problemas, que serão analisadas criticamente por meio do suporte de referências publicadas por autores que pesquisam sobre essa temática, considerando, também sua experiência como tutora.

1.2 Reflexões sobre estratégias de mediatização em EAD para situações problemas

De acordo com o texto de Padro (2006), na educação a distância, o tutor deve estar atento para conhecer o aluno, e poder planejar suas ações de acordo com os objetivos educacionais que os alunos pretendem atingir. E a etapa inicial do curso é crucial para que o aluno sinta-se seguro e acolhido, pois assim, provavelmente, ele terá uma participação efetiva ao longo do curso. Vejamos a situação a seguir:

Situação do aluno Clóvis (início do curso): Entusiasmado com o início do curso; apreensivo em relação ao desconhecido; inseguro quanto à carga de trabalho; o aluno Clóvis demonstrou não entender as primeiras comunicações e orientações encaminhadas pelo tutor; atrasou a entrega das atividades e trabalhos iniciais, demonstrou dificuldades com as ferramentas tecnológicas, e apresentou intenção de desistir do curso.

(Fonte: <http://www.uab.unb.br/cursodeformaçãocontinuadadetutores>. Disponível em: 28 out.2010)

Portanto, a qualidade das interações, segundo Possari (2002), deve ser cuidada desde o início do curso, e a atenção do tutor deve estar voltada para o grau de familiarização que o aluno tem em relação as diversas ferramentas do ambiente virtual, além de verificar a interpretação que o aluno construiu em relação as ações mais imediatas no curso, e qual a visão que ele está tendo da estrutura geral do curso, pois por mais que os materiais sobre a organização do curso tenham sido elaborados em uma linguagem dialógica clara e objetiva, requer que o tutor verifique como o aluno transformou as informações recebidas em conhecimento, como comenta Prado (2006):

Este processo de interpretar, ou seja, de dar sentido à informação, requer ações de conhecimento. Para transformar a informação em conhecimento é preciso que as informações sejam trabalhadas conjuntamente em várias situações de aprendizagem, de modo que o aluno possa estabelecer relações, comparar, diferenciar, experimentar, analisar, atribuir significado e sistematizar os conceitos envolvidos num processo contínuo de (re)construção de conhecimento (PIAGET, 1977, apud, PRADO, 2006, p, 4)

Dessa forma, o tutor tem a função de observar e orientar o aluno constantemente, de maneira significativa e direta, procurando clarificar as informações que ficaram confusas ou equivocadas, até porque o uso adequado das ferramentas do ambiente virtual, e o entendimento da organização do curso passa pela

concepção educacional que o aluno construiu ao longo das suas experiências de aprendizados formais, que, provavelmente, ocorreram no modelo de ensino presencial.

Portanto, quando o aluno não realiza as atividades ou as entrega com atraso, pode estar relacionado com questões pedagógicas e/ou tecnológicas, e nesse caso o tutor deve procurar primeiro saber com o aluno o motivo da não entrega da atividade ou de ele ter atrasado na entrega, pois entendendo o aluno ele poderá buscar estratégias para realizar uma mediação que o ajude a superar suas dificuldades de adaptação a uma nova concepção educacional e, também, a utilização de ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem que possuem características próprias para atingir seus determinados fins.

Além dessas ações, o tutor poderá interagir com o tutor presencial para que, em parceria com este, possam elaborar ações pedagógicas que auxiliem os alunos a esclarecer suas dúvidas e/ou superar suas dificuldades do processo de aprendizagem, nos encontros presenciais.

Agora analisemos a situação do aluno abaixo:

Situação do aluno Augusto (terceira semana de curso): mostra domínio do conhecimento e aponta questionamentos que o tutor não consegue resolver. Participa ativamente das atividades do curso e suas colocações inibem a participação dos outros colegas.

(Fonte: <http://www.uab.unb.br/cursodeformaçãocontinuadadetutores>. Disponível em: 28 out.2010)

Essa situação nos faz lembrar que o tutor, como mediador da ação pedagógica, tem responsabilidade social com seus alunos e o compromisso com a inclusão social e a redução das desigualdades, logo suas intervenções devem ser cautelosas para não “quebrar” a dinâmica do grupo e, muito menos, desestimular a busca de novos conhecimentos dos alunos.

No processo de interação entre os alunos deverá ocorrer trocas de ideias por meio dos questionamentos e posicionamentos, diante da temática proposta, de forma que o grupo se torna condutor dos novos direcionamentos a serem investigados, o que requer do tutor flexibilidade e comprometimento (SOUZA; SARTORI; ROESLER, 2008), de forma que as questões levantadas possam ser aproveitadas para o aprendizado de todo o grupo, de acordo com os objetivos do curso, e para tanto o tutor deverá ter participado das atividades de capacitação e atualização promovidas pela instituição de ensino.

Nesse caso em particular, que está sendo analisado, o tutor parece estar se permitindo inibir pelo aluno que está demonstrando dominar mais o conteúdo do curso e realizando provocações que o tutor não consegue acompanhar e, conseqüentemente, por estar o tutor inibido os demais alunos tendem a se sentirem inibidos também, pois provavelmente o tutor não está exercendo sua função mediadora por não buscar o conhecimento necessário para saber aproveitar o conhecimento do aluno, de forma a favorecer a todo o grupo.

A capacitação do tutor e a sua atualização antes e durante o curso, é de suma importância, pois no ambiente virtual a troca de informações e de experiências, assim como o confronto de ideias que surge entre os participantes do grupo, faz parte do processo de construção de conhecimento do aluno e ocorre coletivamente, e o tutor deve estar envolvido nesse processo, mas para isso deverá estar capacitado e atualizado para poder atuar nessa interação com atitude de busca e compreensão dos integrantes do grupo e de si mesmo. Logo, o tutor deverá ter disponibilidade interna, para trocar experiências e conhecimentos e crescer com o grupo.

Segundo Neder (2000) é natural que nesse processo de interação, novas referências surjam levando os alunos a atribuírem um novo significado a seus pontos de vista e a buscarem novas informações que venham a ser transformadas em conhecimento. Portanto, o aluno que participa ativamente e levanta questionamentos pertinentes pode ser um grande aliado nesse processo, desde que o tutor se coloque como articulador nessa troca de experiências, tendo a cautela de não inibir um aluno como o Augusto, da situação apresentada, e nem deixando de motivar os demais.

O vínculo estabelecido pelo tutor com os alunos pode ser responsável pela motivação deles nas atividades propostas, pois quando o aluno percebe que o tutor está envolvido e integrado às atividades propostas, o ambiente torna-se acolhedor com atitudes, por parte de todos, de respeito, reciprocidade e confiança.

Passemos agora a situação de um outro aluno que já está no curso a três semanas:

Situação do aluno Petrônio: O aluno vem demonstrando pouca atuação nos fóruns de discussão (por insegurança no que se refere aos conhecimentos ou à capacidade de fazê-lo), especialmente se estiver afastado dos estudos há algum tempo. Critica negativamente e frequentemente todo o material do curso perante os colegas. Passa vários dias sem manter contato, alegando falta de tempo. Nunca está nos chats. Além disso, as poucas intervenções realizadas por Petrônio revelam dificuldade de compreensão do conteúdo estudado.

(Fonte: <http://www.uab.unb.br/cursodeformaçãocontinuadadetutores>. Disponível em: 28 out.2010)

Nessa situação parece que o aluno não apenas apresenta dificuldades de entendimento do conteúdo do material do curso, como também, não compreendeu a forma como o conhecimento é produzido no ambiente virtual de aprendizagem, onde o fórum é uma das ferramentas mais utilizadas para a produção de conhecimento.

No desenvolvimento do curso, o tutor desempenha papel fundamental, principalmente no que diz respeito ao acompanhamento do percurso do aluno e, somente acompanhando o cotidiano dele é possível avaliar se o aluno tem conseguido desenvolver um processo de ação-reflexão-ação, que lhe permita, à luz da teoria, pensar sua prática. O tutor deve, nesse processo de acompanhamento, estimular, motivar e, sobretudo, contribuir para o desenvolvimento da capacidade de organização das atividades acadêmicas e de autoaprendizagem.

A orientação acadêmica traz possibilidade, de se garantir o tempo como o tempo de cada um, na perspectiva do respeito às diversidades e singularidades de grupos e /ou indivíduos. Nesse processo cabe ao tutor produzir e orientar atividades didáticas, necessárias para que os alunos desenvolvam seu processo de aprender, auxiliando-os a sistematizar os processos de produção e assimilação de conhecimentos, coordenando, problematizando e instaurando o diálogo.

O processo dialógico que se estabelece, entre aluno e o tutor, deve ser único, num tempo/espaço de cada um dos alunos em particular, e por essa razão, essa dimensão da orientação impõe que o ideal é uma relação de um tutor para cada 20/30 alunos, para que o processo de interlocução permita não só o respeito às diversidades dos alunos, mas também as especificidades e particularidades de cada programa de formação.

Outro aspecto a se considerar é que vivemos numa sociedade em que a presença física do professor está no imaginário coletivo, e, por isso, lidar com a cultura do ensino presencial, que parece estar arraigada no imaginário dos alunos, inclusive do aluno em questão, como referência, é um desafio para o tutor.

Dessa forma, podemos destacar a grande dependência da presença física da professor e a pouca iniciativa de alguns alunos, como Petrônio, pois como não há aula na forma convencional e presencial ou controle, pelo fato de terem entre si uma distância, esses alunos são levados a pensar que não precisam estudar, mesmo que mediada por recursos diversos, e assim vem à tona a dependência e a heteronomia.

Promover uma maior autonomia dos alunos é um dos dilemas que afligem os tutores na EaD, pois tanto os alunos quanto os tutores, apesar de desenvolvem formas de relacionamento, de comunicação, de ensino e de aprendizagem diferentes do presencial, buscam a segurança e confiabilidade que têm ou tinham nele, provavelmente por não terem refletido mais apuradamente sobre a concepção de autonomia em EaD, conforme podemos analisar a seguir:

[...]a autonomia na EaD deveria ser mais adequadamente entendida como a busca de todo e qualquer processo de formação do sujeito, que visa à sua emancipação, e não como uma realidade ou dado inextricável de um processo de aprendizagem que oferece certa liberdade de procedimentos e uma margem de escolha ou de flexibilização nos programas educacionais. (SALDANHA, 2008, p.4)

Diante desse dilema, vamos analisar a seguir primeiro a situação dos alunos e depois dos tutores, oriundos do contexto educacional presencial.

A experiência prévia dos alunos pode influenciar no seu desempenho e nas suas expectativas em relação a atuação dos tutores, e, nesse aspecto, há de se avaliar até que ponto os alunos mais jovens, já familiarizados com as novas tecnologias, irão apresentar uma atuação diferente em relação a aprendizagem online e as ações dos tutores, com podemos verificar no comentário a seguir:

[...]as novas gerações que chegam à universidade podem já estar mais adaptadas à aprendizagem colaborativa, graças à convivência em inúmeras comunidades virtuais da Internet, ao contrário da geração anterior, que chegou ao Ph.D. aprendendo segundo um modelo de estudo que ocorre em semiisolamento, ou seja, dentro de um modelo que prioriza o individualismo e põe o professor em posição de destaque. (BRODSKY 1998, APUD, ARAUJO, 2001, p. 4)

Segundo Palloff e Pratt, (2005), os alunos virtuais que são bem-sucedidos têm uma visão mais ampliada e compartilham detalhes sobre sua vida, trabalho e outras experiências educacionais, o que é muito importante quando eles ingressam em comunidades de aprendizagem para utilizarem um determinado material do curso, além disso demonstram ser capazes de aplicar sua aprendizagem, de maneira contínua, nas suas experiências de vida.

Dessa forma, o aluno Petrônio, deveria ser esclarecido pelo tutor sobre o seu papel de aluno virtual, de ser ele próprio o responsável pelo seu processo de aprendizagem online, devendo, portanto, realizar pesquisas na internet ou seguir o caminho indicado por um colega para a suplementação do material do curso, ajudando-o a entender que a construção do conhecimento ocorre de forma colaborativa, reforçando assim a importância de participar nos fóruns, o que irá contribuir para aumentar sua capacidade crítica.

Por meio de uma orientação clara sobre o que se espera do aluno e as diretrizes do curso, os alunos que, ao começarem o curso, ainda estiverem com as expectativas de um curso presencial ou se achando incapazes por não terem vivenciado ainda o processo de aprendizagem online, irão, aos poucos, se tornando capazes de facilmente seguirem adiante podendo esperar um bom desempenho.

Agora, considerando a experiência prévia dos tutores na modalidade de ensino presencial, podemos afirmar que um dos fatores para o sucesso do tutor não é apenas a fidelidade a uma proposta pedagógica, mas sim a habilidade de, mesmo trabalhando de acordo com uma tal proposta, ser capaz de avaliar a necessidade de fornecer feedback individualizado aos aprendizes, de acordo com suas expectativas de qualidade e quantidade.

Tal conclusão torna necessário refletir sobre a formação dos tutores que atuam em EaD online. Segundo Preti (2003) normalmente os tutores são aqueles que já possuem experiência em contextos educacionais presenciais, e eles fazem uma transição para o contexto virtual trazendo uma bagagem de habilidades já desenvolvidas e testadas em salas de aula físicas. No entanto, não são todas as habilidades que serão transferíveis, algumas precisarão ser adaptadas ou mesmo desenvolvidas, tendo em vista as características específicas do meio online e da comunicação mediada por computador.

2 Metodologia

Proponho um estudo exploratório e qualitativo dos eixos que norteiam a prática tutorial e as estratégias de mediação na modalidade de educação a distância – EaD. Optando pelo método e contexto de um estudo exploratório, por meio da realização de um estudo de caso de três situações problemas vivenciadas em instituição que se utiliza dessa modalidade de ensino no país. Esse artigo baseia-se em evidências empíricas qualitativas coletadas por meio da técnica de análise interpretativa de três situações problemas e das referências consultadas.

3 Resultados e discussão

Tendo em vista todas as questões que foram pontuadas ao longo desse artigo, é necessário que o tutor, antes de assumir esse papel, receba um preparo, e, para isso, acredito ser imprescindível que ocorram encontros destinados à discussão teórica e prática sobre educação a distância, contemporaneidade, novas tecnologias da informação e outros temas relevantes para o trabalho em educação a distância.

O tutor deverá ter a capacidade de realizar uma integração dos conteúdos trabalhados ao longo das disciplinas do curso, e para tanto, deve ter uma noção ampla que possa fundamentar a sua atuação de modo que os conteúdos não fiquem segmentados e desconexos, assim como, entender o processo de aprendizagem e possibilitar ao aluno a oportunidade de ir em busca do conhecimento que for mais interessante para ele e que tenha relação com a disciplina estudada.

Um outro alicerce na concepção do tutor em EaD, é a interatividade, pois ele atua juntamente com outros membros da equipe na promoção de processos interativos qualificados, e por isso deve estar atento as necessidades do aluno, fazendo ponte entre as demandas dos alunos e a proposta do curso. Nesse contexto, pode agir para solucionar as questões tanto teóricas quanto de situações do dia a dia, o que significa que o tutor deverá estar atento ao nível de interatividade dos alunos, para então identificar quais alunos estão ou não interagindo e tentar resgatar a relação interativa com os menos atuantes.

Acredito, também ser pertinente uma postura crítica e criativa; uma abertura às possibilidades das novas mediatizações e, também, um constante exercício de reflexão crítica que considere as contribuições teóricas do campo educacional, pois a educação a distância, como uma modalidade de organização e desenvolvimento de currículo educacional, não deve ser reduzida apenas a questões metodológicas ou a possibilidades de uso de novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Deve ser vista sempre como parte de um projeto político que vincule a educação com a luta por uma vida pública em que o diálogo, a tolerância e o respeito à diferença estejam atentos aos direitos e condições que organizam a vida pública como uma forma social justa e democrática.

4 Considerações finais

Após ter apresentado o estudo de caso, de três situações problemas de alunos, realizando uma análise interpretativa e crítica, podemos considerar que a educação a distância só poderá ocorrer se houver uma interlocução, ou seja, um diálogo permanente entre os envolvidos na prática educativa, constituindo a comunicação como um dos elementos fundamentais.

Como afirma Possari (2002), comunicar é interagir. Nesse processo, os interlocutores são entendidos como dois pólos de qualquer situação de comunicação, que constroem juntos os sentidos e significados. Assim, os processos de interlocução a distância devem ser uma preocupação constante na relação tutor-aluno-material didático.

Dessa forma, a relação dialógica entre tutor e aluno é fundamental para o sucesso do processo educativo na educação a distância, pois se a educação tem uma função libertadora, o diálogo é sua base. Portanto, no processo de comunicação a distância, o tutor deverá considerar tanto a dimensão semântico-conceitual do que é comunicado quanto a sociocomunicativa dos significados que o conteúdo comunicado poderá assumir para os alunos, ou seja deve se preocupar em como esse diálogo será construído.

A maioria dos estudantes que frequentam os cursos de modalidade a distância são adultos, e muitos estão marcados por experiências escolares não edu-

cativas, de passividade e repetição de conhecimentos, que contribui para que tenham dificuldades em desenvolver um método próprio de estudos, e até o momento poucas pesquisas foram desenvolvidas sobre como os adultos aprendem.

Portanto, há necessidade de serem desenvolvidos estudos para a construção de metodologias de ensino mais dinâmicas e com base no princípio da autonomia, além de elaborarem teorias de modelos tutoriais que se preocupem mais com a concepção de tutoria do que em descrever as tarefas a serem executadas pelos tutores, aprofundando os estudos sobre as teorias construtivistas e sociointeracionistas, para que, de fato, o tutor venha atuar mais como mediador e educador e não como mero facilitador e motivador do processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, J.P. O que os aprendizes esperam dos professores na educação a distância on-line? Disponível em: <http://www.comunicar.pro.br/artigos/expect.htm>, 2001. Acesso em: 18 out.2010.

BELLONI, M. L. Educação a distância. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

NEDER, M. L. C. A orientação acadêmica na educação a distância: a perspectiva de (re)significação do processo educacional. In: PRETI, Oresti (Org). **Educação a distância: construindo significados**. Brasília: Plano, cap. 6, p. 105 – 123, 2000.

PALLOFF, R.M.; PRATT, K. Quem é o aluno virtual? In:_____. *O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line*. Porto Alegre: ArtMed, p. 23-35, 2005.

PRADO, M.E.B.B. *A mediação pedagógica: suas relações e interdependências*. Brasília (DF): Anais do SBIE, Nov. 2006.

PRETI, O. O Estado da Arte sobre “Tutoria”: modelos e teorias em construção. Relatório de Pesquisa, Canadá: agosto de 2003.

SALDANHA, L.C.D. Concepções e desafios na Educação a Distância. 2008. Disponível em:<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/511200810841PM.pdf>. Acesso em: 28 nov.2010.

SOUZA, A.R.B.; SARTORI, A.S.; ROESLER, J. Mediação pedagógica na educação a distância: entre enunciados teóricos e práticas construídas. *Rev. Diálogo Educ* Campinas., v. 8, n. 24, p. 327-339, maio/ago. 2008.

A Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação em Cursos de Educação a Distância

Juvenal Bacellar Neto*

- É orientador acadêmico - tutor do Instituto de Gestão Educacional Signorelli.
- Graduado em direito pela sociedade unificada de ensino superior e cultura.
- Especialista em direito civil e direito processual civil pela Universidade Gama Filho.
- Especialista em Educação a distância pela Faculdade Internacional Signorelli.
- bacellar@signorelli.edu.br.

Resumo

Esse artigo teve como objetivo pesquisar algumas tecnologias da informação e comunicação disponíveis no mercado, quais e como estas podem ser utilizadas pelos envolvidos em cursos no formato de educação a distância. Foi averiguado, também, o processo de produção do material didático a ser utilizado nos cursos a distância. A educação a distância é a modalidade educacional em que o processo de ensino aprendizagem ocorre por meio da utilização das tecnologias da informação e comunicação, as TICs, resultando na mediação didático-pedagógica, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Essa definição está presente no Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que regulamenta o Art. 80 da Lei 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Como resultado, foram sequenciadas algumas TICs e feito um breve comentário sobre suas formas de utilização, tanto pelos professores/tutores quanto pelos alunos. Relatou-se também a importância do planejamento na produção do material didático, que deve possuir um formato específico para cursos em EAD, e fez-se uma descrição sucinta da utilização dos novos sistemas de geração de apresentações, que podem ser utilizados pelos professores/tutores na confecção de material didático para seus respectivos cursos.

Palavras-chave: Comunicação em Ead. Material em Ead. Tecnologias da informação.

Resumen

Educación a Distancia es la forma en que la enseñanza de la educación y el proceso de aprendizaje se produce con el uso de la Información y Comunicación, TIC, lo que resulta en la didáctica y la mediación pedagógica con los estudiantes y profesores el desarrollo de actividades educativas en distintos lugares o tiempos. Esta definición en el Decreto 5622 de 19 de diciembre de 2005, que regula el artículo 80 de la Ley 9394/96, Ley de Directrices y Bases (LDB). Este estudio tuvo como objetivo investigar algunas tecnologías de información y comunicación disponibles, cuáles y cómo pueden ser utilizados por los participantes en los cursos en formato de educación a distancia. Se examinó también el proceso de producción de material didáctico para ser utilizado en cursos a distancia. Como resultado, algunos las TIC se han secuenciado e hizo un breve comentario sobre sus formas de uso por los profesores / tutores y sus estudiantes. Se describió también la importancia de la planificación en la producción de material didáctico, que debe tener un formato específico para los cursos de educación a distancia, y una breve descripción de la utilización de nuevos sistemas para la generación de presentaciones, que pueden ser utilizados por los profesores / tutores en la fabricación de materiales libro de texto para sus cursos.

Palabras-clave: Comunicación Ead. Material en el EAD. Tecnología de la información.

1 Introdução

1.1 A Educação a distância

A situação da educação a distância vem se modificando ao longo dos anos. Essa modalidade, que já foi vista como solução paliativa e denunciada por estudantes e professores como uma oferta de ensino de baixa qualidade, aparece no contexto atual como uma alternativa para o acesso ao ensino superior e como uma nova solução de melhoria da qualidade do ensino, desenvolvendo novos modos de ensinar.

Não há dúvidas quanto à eficácia e pertinência de projetos de educação à distância no campo de formação e capacitação profissional. Tanto em nível da formação profissional básica quanto em níveis universitários, a educação a distância tem demonstrado ser uma modalidade com grandes potencialidades. Do ponto de vista tecnológico, a presença da informática nos processos de capacitação tem gerado grandes avanços nos procedimentos de treinamento a distância. No caso de capacitação e atualização de professores é importante salientar que não bastam programas esporádicos de formação de professores para que o problema da capacitação para o magistério seja minimizado. Há necessidade de promoverem-se ações integradas e permanentes.

Esse artigo justifica-se pela situação atual do mercado de trabalho que exige sempre profissionais mais capacitados e qualificados para as funções que exercem ou pretendem exercer, independentemente de sua área de atuação. Em contrapartida, as jornadas de trabalho têm aumentado, diminuindo, consequentemente, o tempo livre disponível que poderia ser usado no processo de capacitação profissional.

Nessa situação a educação a distância (EAD) ganhou espaço como uma alternativa aos cursos presenciais, e como uma oportunidade de acesso aos alunos residentes em municípios distantes dos grandes centros urbanos, onde convencionalmente estão concentradas as maiores instituições educacionais.

As tecnologias da informação e comunicação (TICs) evoluíram significativamente nos últimos trinta anos. Com elas, as noções de tempo e espaço ganharam novas dimensões e tiveram reflexos diretos na educação. A linha que antes distinguia o ensino presencial e a distância está desaparecendo, possibilitando o surgimento de uma nova realidade. Uma simples constatação disso pode ser feita quando se verifica o quanto ambas as modalidades incorporaram possibilidades,

funções e atividades que eram típicas da outra. Esse fenômeno se deve, basicamente, a dois fatores. De um lado, os profissionais que lidam com a modalidade a distância passaram a perceber que ela pode ser melhor se possibilitar, entre outras coisas, a interação. Por sua vez, na educação presencial, incorpora-se a concepção de que todas as tecnologias, com destaque para as digitais, podem e devem ser utilizadas para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, gradativamente, passa-se do “presencial” ou “a distância” para o presencial mediado, ou melhor, para uma aprendizagem que utiliza a mediação tecnológica, fazendo com que o experimento, a simulação e a coletividade sejam realidade efetivas.

Dessa forma, faz-se necessária a arquitetura de um simples manual que apresente, aos envolvidos na EAD, as tecnologias pertinentes ao processo e um breve comentário sobre sua funcionalidade, não discriminando as tecnologias consideradas antigas, ou quem sabe até obsoletas, das extremamente modernas como os sistemas de geração de apresentações para a produção de material didático a partir do próprio coordenador/tutor, especificamente para aquele conteúdo programático, e que ainda estão em fase de aperfeiçoamento e testes.

O objetivo geral desse artigo é pesquisar as diferentes tecnologias de informação e comunicação disponíveis e sua forma de utilização pelos profissionais da educação a distância.

Os objetivos específicos seriam, pesquisar as tecnologias de informação e comunicação (TICs) aplicadas na educação a distância e averiguar a produção do material didático utilizado pelos cursos de Educação a Distância nessa modalidade de curso.

1.2 Tecnologias de informação e comunicação (TICs)

A educação a distância se aprimorou na medida em que se aperfeiçoaram as tecnologias informativas e comunicativas, o que possibilitou o aumento das possibilidades dos instrumentos mediadores da aprendizagem, do material impresso aos ambientes virtuais de aprendizagem.

Segundo Miranda (2007), as tecnologias de informação e comunicação referem-se a conjugação da tecnologia computacional ou informática com a das telecomunicações e tem na internet a sua mais forte expressão.

Em razão do caráter da distância entre o professor-aluno torna-se necessário criar estratégias para que esse diálogo ocorra. Nesse contexto, é imprescindível o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). A utilização das TICs evoluiu em conjunto com o avanço da tecnologia na sociedade. Anos atrás, o diálogo era mediado via correios, fax e televisão. Atualmente utiliza-se a internet para acessar os mais variados ambientes virtuais, que podem possuir espaços para fóruns de discussão com o tutor, com outros alunos da disciplina,

para material didático (textos, vídeos, animações etc.) e para links de material complementar.

1.3 As Tecnologias utilizadas na EAD

O sucesso de um curso depende também do tipo de mídia e tecnologia escolhidas e de como elas são utilizadas. Segundo os dados divulgados pelo Abraead (2006, p. 26) “A mídia mais utilizada para aulas de EAD é a impressa (84,7% das escolas a utilizam). Em seguida, vem o e-learning (61,2%) e o CD-ROM (42,9%)”.

A partir das décadas de 1970 e 1980, a disseminação dos aparelhos de áudio e vídeo (VCRs) fez com que essas tecnologias se tornassem convenientes para a EAD. Já a partir de 1990, os aparelhos de CD e de DVD começaram a substituir os cassetes, mostrando-se mais duráveis e com menor custo. Os CD-ROMs também se tornaram acessíveis e passaram a ser utilizados na disseminação de programas de aprendizado para serem vistos em computador. A produção de materiais em áudio e vídeo pode ser mais cara do que a de materiais impressos, pois exige técnicos específicos dessa área. No entanto, a disponibilidade de *software* para edição de áudio e vídeo digitais para computador pessoal está, no momento atual, revertendo esse processo, pois possibilita que quase todos possam produzir materiais audiovisuais por baixo custo (DIAS, 2000).

A tecnologia de áudio e vídeo sob demanda permite assistir, assincronamente, a vídeos ou ouvir áudios previamente gravados e armazenados no servidor. Para isso, o usuário dispõe de controles semelhantes aos encontrados em um VCR, podendo avançar, pausar ou retroceder. Com o sistema *streaming* (fluxo contínuo), o usuário não precisa carregar todo o arquivo antes de começar a assistir ou ouvir, otimizando o tempo de espera, principalmente em conexões lentas. Esse recurso exige grande espaço de armazenamento de arquivo digitalizado no servidor (GONZALEZ, 2005).

Os recursos da internet permitem que se transmitam programas de rádio e televisão, que podem ser acessados em qualquer parte do mundo, sem a necessidade de antenas especiais ou recursos sofisticados. Existem milhares de emissoras de rádio em vários países que transmitem programas pela internet, utilizando a tecnologia *streaming*. Emissoras de rádio com transmissão pela web, como a da Universidade Federal do Paraná e Rádio USP são alguns exemplos das possibilidades pedagógicas oferecidas pelo rádio e televisão, via *web*.

O material didático com recursos multimídia é gravado em CD-ROM e pode ser tratado como um site de internet. Portanto, é possível desenvolvê-lo tanto como ferramentas para interatividade quanto de integração multimídia. Dispõe de grande capacidade de armazenamento (650MB) e rápido acesso às informações, o que é uma vantagem em relação a um site. Além disso, pode ser largamente distribuído, pois a mídia (CD) é barata.

A sigla de digital vídeo é um disco óptico de leitura a laser, semelhante ao CD-ROM, porém com capacidade de armazenamento muito maior. Funciona basicamente como o videocassete.

Entre suas vantagens está sua versatilidade em permitir a gravação de várias trilhas de áudio ou legendas em diferentes idiomas, além de vídeos e dados; permite pular de um ponto ao outro rapidamente; e a mídia não se desgasta com o uso.

É um conjunto de recursos que visa assegurar a comunicação em grupo, entre duas ou mais localizações, compartilhando espaço virtual e acústico.

O uso da teleconferência na EAD permite a interação entre os envolvidos no processo: professores e alunos.

Na audioconferência, os participantes são conectados por linha telefônica. Trata-se de um sistema de transmissão de áudio e sinais de controle recebidos por um ou mais usuários simultaneamente que exige o uso de microfones e/ou alto-falantes ou telefones viva-voz; com baixo custo em equipamentos e infraestrutura, que exige, porém, que haja disponibilidade de horário entre as duas partes. A tecnologia audiográfica também é transmitida por linhas telefônicas, mas agrega imagens ao áudio. A videoconferência, por sua vez, permite a transmissão nos dois sentidos de imagens televisadas via satélite e cabo. Essa tecnologia, embora cara, pois exige estúdios de geração de programas e investimentos em equipamentos e equipes para produção, geração, transmissão e recepção, é capaz de satisfazer tanto aos alunos quanto aos professores, facilitando a interação e o aprendizado.

Segundo Guarezi (2009), a cada dia mais pessoas em todo o mundo estão conectadas à rede mundial de computadores. No que se refere à educação, pode-se observar que as possibilidades desse meio superam os demais, talvez por ser a mais rica contribuição da tecnologia à educação, pois facilita a comunicação e o acesso às informações de forma muito mais rápida e a um custo bem menor.

A *World Wide Web* (grande teia da informação) ou simplesmente *web*. Foi concebida para permitir a interconexão, por meio de vínculos hipertextuais de todos os documentos digitalizados do planeta e torná-los acessíveis, com alguns cliques, de qualquer ponto do planeta. Hoje é um dos meios de informação e comunicação mais utilizado no mundo (DIAS, 2000).

1.4. Algumas ferramentas de comunicação viabilizadas pela interface web

Há ferramentas na *web* que potencializam o processo de comunicação. Algumas são derivadas de estruturas tradicionais, como o correio, a biblioteca e o banco. Há ferramentas **síncronas**, que permitem a comunicação instantânea, como o bate-papo ou *chat* e o ICQ (da empresa *Digital Sky Technologies*).

Correio Eletrônico (e-mail): é a forma de comunicação mais usada na internet, permite a troca de mensagens escritas e o envio de arquivos anexados às mensagens, em qualquer formato (áudio, imagem, filmes, textos etc) (GONZALEZ, 2005).

Lista de Discussão: baseado no serviço de correio eletrônico, conta com as mesmas características, não necessitando de recursos adicionais. Facilita a comunicação do tipo *broadcast* (difusão), em que o remetente pode enviar uma mensagem para um determinado grupo de pessoas da lista. Esse recurso é especialmente interessante para o professor que pretende comunicar-se com seus alunos fora da sala de aula. É um serviço de comunicação assíncrono (GONZALEZ, 2005).

Bate-Papo (Internet Relay Chat – IRC): é um serviço de comunicação síncrona, bastante popular. Permite a troca de mensagens escritas; pode ser implementado por meio de um programa específico (MIRC, ICQ e MSN) ou ser integrado em páginas de *web*.

A conferência *web* é uma ferramenta de comunicação e colaboração síncrona e assíncrona. Promove encontros virtuais entre dois ou mais participantes em locais diferentes, distantes geograficamente, podendo utilizar recursos diversos como texto, imagens, áudio, vídeo, compartilhamento de arquivos e tela do computador entre outros (DIAS, 2000).

Diferentemente da teleconferência, na conferência *web*, cada participante permanece em seu próprio computador e a conexão com outros usuários é feita por meio de um sistema central, que pode ser tanto instalado na empresa quanto alugado de companhias que proveem o serviço de aluguel de salas virtuais.

O uso da conferência *web* pode trazer uma grande economia de tempo e custos com viagem, além de agilizar contatos, permitindo uma maior interação entre os participantes.

Os portais de educação: o objetivo dos portais educativos é possibilitar acesso rápido e econômico ao conhecimento, bem como facilitar a construção e armazenamento do conhecimento produzido. Assim, esses portais relacionam-se diretamente com a EAD, uma vez que cumprem o papel de fazer a ponte entre o aluno e o conhecimento (DIAS, 2000).

1.5. Ambientes virtuais de aprendizagem (AVA)

Os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) podem ser definidos como uma sala de aula virtual acessada via *web* (DIAS, 2000). Também conhecidos como *learning management system* (LMS) ou sistema de gerenciamento de aprendizado, são *softwares* que, disponibilizados na internet, agregam ferramentas para a criação, tutoria e gestão de atividades que normalmente se apresentam na forma de cursos.

Sendo constituídos do uso de diferentes mídias e linguagens, sua intenção é de proporcionar não só a disponibilização de conteúdos, mas principalmente plena atividade e interação entre pessoas e grupos, viabilizando o conhecimento

O Moodle (*Modular object-oriented dynamic learning environment*) é uma AVA, que segundo seu criador, Martin Dougiamas, tem o objetivo de permitir que processos de ensino-aprendizagem ocorram por meio não apenas da interatividade, mas, principalmente, pela interação, privilegiando a construção e reconstrução do conhecimento (SILVA, 2010).

Whiteboard. Trata-se de uma área de desenhos que permite que os usuários possam importar imagens gráficas ou fazer anotações. Muitas escolas têm usado esse recurso para a tutoria de seus alunos, em complemento às aulas presenciais. No entanto, é um sistema ainda muito caro para que os usuários comuns tenham acesso como participantes ativos. Em geral, os *whiteboards* são usados em sala de aula pelos professores, o que permite que os alunos assistam às aulas em casa, em tempo real.

1.6. A Produção do material didático

O material didático para EAD configura-se como um conjunto de mídias (impresso, audiovisual e informático), cujos conteúdos devem apresentar-se de forma dialógica, interativa e contextualizada, favorecendo uma aprendizagem significativa (UFBA, 2010). Segundo Belisário (2006), a dialogicidade é entendida como a capacidade de produção de um material em que os textos, por exemplo, reproduzam, simulem ou antecipem a possibilidade de um diálogo entre autor e leitor, que permita a este último uma percepção de igualdade e não de inferioridade ou passividade frente ao “professor”. E, a interatividade é compreendida como a capacidade de tornar o diálogo concreto, indo além da simples sensação de diálogo proposta pela forma adotada na construção do texto. O material didático precisa garantir ao aluno o desenvolvimento de uma ação interativa, por meio da proposição de exercícios, provocações etc., que possa conduzir à alteração ou transformação de material, de modo que haja uma troca de influências, ideias e permanente atualização do material, por meio da contribuição dos alunos.

O projeto político-pedagógico dos cursos, entre outros aspectos, deve ser específico para essa modalidade e orientar as escolhas quanto aos recursos didáticos necessários para o alcance dos objetivos educacionais propostos. A produção do material didático é de suma importância na EAD e exige alguns diferenciais em sua elaboração, que devem ser levados em consideração por aqueles que estão envolvidos no processo. Alguns elementos a serem considerados na escolha e na produção do material didático são os seguintes: o perfil do público-alvo; condições de infraestrutura e de recursos materiais para o desenvolvimento do curso;

potencialidades e limitações das linguagens de cada uma das mídias (linguagem hipermediática); definição clara de objetivos gerais e específicos orientadores da aprendizagem; possibilidade de conservação, reprodução e utilização livre, integração das diversas mídias, buscando a complementariedade.

Parte-se do princípio de que qualquer pessoa é capaz de aprender por si só (autoaprendizagem) desde que tenha acesso a materiais suficientemente compreensíveis e atrativos (FLEMMING 2010). Quanto mais diversificado o material, mais nos aproximamos das diferentes realidades dos educandos e possibilitamos que interajam de diferentes formas com o conteúdo. Nesse sentido, o material didático a ser utilizado na EAD não deve se limitar a textos estáticos e figuras; deve conter recursos de áudio (trilha sonora, ruídos especiais, músicas, jingles, falas, verbalização) e recursos visuais (vídeos, dramatização, simulação, gráficos, mapas, fotos, ilustrações animadas e inanimadas, charges, hipertextos, efeitos de computação gráfica entre outros). Além disso, o material didático, sendo ele digital ou não, quando pensado no contexto da *cibercultura*, deve seguir uma lógica hipertextual, promovendo a não linearidade dos conteúdos e possibilitando que o aluno participe da construção de seu caminho de aprendizagem, com autonomia e flexibilidade, dois pressupostos da EAD (UFBA, 2010; SALES, 2005).

Independentemente da mídia utilizada para elaboração do material didático de EAD, todas têm que objetivar a busca de um instrumento de aprendizagem que apresente condições para: interatividade; sequenciamento de ideias e conteúdos; relação teoria-prática; autoavaliação com linguagem clara e concisa; relação prática-teórica na linguagem escrita; glossário; exemplificações cotidianas e/ou científicas; resumos; animações. Em suma, proponha um diálogo constante entre conhecimento/aluno/professor/ mundo (SALES, 2005).

Nessa modalidade de ensino, observa-se a presença da figura do tutor que é um especialista preparado para desenvolver o papel de facilitador e mediador junto ao aluno. Mesmo que não elabore o material didático é importante que o tutor tenha conhecimento sobre como é elaborado, disponibilizado nos ambientes de aprendizagem e, além disso, saber saiba se os conteúdos são contemplados no material (NEIVA, 2010).

1.7. A Estrutura do hipertexto

O conceito de hipertexto foi criado em 1960 por Ted Nelson e compreendia um sistema não linear de organização da informação.

A diferença entre o texto convencional e o hipertexto é a forma como se trabalha a informação, pois o texto deixa de ser linear, como em um livro, e permite que o aluno possa construir a informação desejada no momento da leitura. Há a possibilidade de escrever no corpo do texto, cortar, deslocar, mudar a ordem e construir links (GONZALEZ, 2005)

O hipertexto possibilita que as salas de aula se transformem em um espaço de redes de conhecimentos, de construção coletiva. Um dos elementos mais importantes na criação de hipertexto é a sua organização que compreende pensar cuidadosamente o que se pretende informar, como se pretende informar e, principalmente, quem será o usuário dessa informação.

O hipertexto, pela sua natureza não sequencial e não linear, afeta não só a maneira como lemos, possibilitando múltiplas entradas e formas de prosseguir, que irão afetar o modo como escrevemos, proporcionando a distribuição da inteligência e cognição. (MARCUSCHI, 2001)

Gonzalez (2005) esquematizou a maneira de ver o trabalho com hipertexto em cinco etapas a serem alcançadas pelos alunos:

1º: Dados: etapa em que o aluno descobrirá fatos e relações - reconhece, retém, copia e memoriza.

2º: Processamento: etapa que consiste na ação do sujeito - contextualiza, verifica, relaciona e ordena.

3º: Informação: interpretação dos dados inseridos em um contexto, sempre da sua estrutura - o aluno constrói a informação, a informação é subjetiva, a informação é significativa;

4º: Aprendizagem: integração da informação à estrutura cognitiva do sujeito que aprende - ocorre em razão de um conhecimento prévio; deve ser lógica e psicologicamente significativa.

5º: Conhecimento: domínio por meio do tempo – na aplicação de resolução de problemas; na transferência a novos campos e situações.

A capacidade para desenvolver múltiplas ligações entre os conteúdos, e múltiplos níveis de representação desses mesmos conteúdos ou materiais, constitui o princípio da flexibilidade do hipertexto. O acesso aos conteúdos num hipertexto ideal é completamente livre, interativo e não sequencial entre os conteúdos, e entre esses e o utilizador, processo este que é organizado preferencialmente de acordo com as necessidades e estilos individuais de aprendizagem e não por uma sequência formal estabelecida pelo autor (DIAS, 2000).

1.8. A Importância do material multimídia

A utilização de diversos recursos no processo de ensino-aprendizagem é de extrema importância, pois o processo de assimilação e retenção do aprendizado ocorre de forma diferente de acordo com o estímulo utilizado e, sabemos que algumas pessoas são mais visuais, outras auditivas, etc.

Guarezi (2009) resgataram em seu livro os resultados obtidos por Norbis, em 1971, em sua pesquisa realizada pela Oficina de Estudos da Sociedade Norte-Americana *Socondy-Vacuum Oil*, sobre como se apreende e retém as informações

pelas percepções e, como seria a retenção dos conhecimentos, nos diferentes métodos de apresentar os conteúdos.

De acordo com estudos realizados, a literatura aponta que a visão é o sentido no qual há maior possibilidade percentual de aprendizagem, não só por discentes surdos, mas pelos ouvintes também. Todavia, a forma como estes conteúdos são memorizados é diferente, não dependendo apenas da visão. Isso pode ser verificado na Tabela 1.

Tabela 1: Retenção mnemônica.

Como se aprende	Como se retém
1% mediante o paladar	10% do que se lê
1,5% mediante o tato	20% do que se escuta
3,5% mediante o olfato	30% do que se vê
11% mediante a audição	50% do que se vê e escuta
83% mediante a visão	70% do que se diz e se discute
	90% do que se diz e logo se pratica

FONTE: Férrez (1996)

Sabe-se que cada indivíduo tem uma forma própria de construir o conhecimento, mas por meio de pesquisas, constatou-se que o método pelo qual os seres humanos retêm melhor as informações adquiridas é utilizando a linguagem oral e a visual conjuntamente (LA TAILLE, 1992). Dessa maneira é possível compreender a dificuldade de aprendizagem dos discentes surdos, pois os mesmos são desprovidos de audição e, conseqüentemente, da fala. Isso pode ser visualizado na Tabela 2.

Tabela 2: Retenção mnemônica em diferentes métodos.

Método de Ensino	Dados retidos depois de 3 horas	Dados retidos depois de 3 dias
Somente oral	70%	10%
Somente visual	72%	20%
Oral e visual conjuntamente	85%	65%

FONTE: Férrez (1996)

1.9. Alguns softwares para desenvolvimento do material

Em sua dissertação de mestrado, Viera (2004) discute que o desafio dos novos cursos de educação a distância é a geração/criação de material didático que não seja um material estático de páginas *HTML*, que costumam ser digitalizações de livros e apostilas. Essa geração de conteúdo multimídia deve ocorrer de forma rápida para suprir as necessidades atuais, porém, ainda oferecendo alta interatividade e contendo alto nível de qualidade no material gerado. Esse problema vem sendo resolvido por novos sistemas de geração de apresentação. Viera (2004) desenvolveu dois *softwares*: a versão orientada por eventos, e o *easypre*.

A versão orientada por eventos tem por objetivo criar um conjunto de ferramentas que possibilite que um professor seja capaz de gerar suas apresentações, gravá-las e recuperá-las de forma que recursos como a banda de rede sejam economizados. Dessa forma, um professor gerará suas apresentações como se estivesse navegando entre páginas *web*, inserindo sons de narração à sua apresentação, imagens e fazendo anotações no próprio documento *HTML* que está visível no momento.

O *easypre* é um sistema que visa a simplificação do processo de criação do material de ensino a distância, a flexibilidade de seu uso e a qualidade do material final.

O processo completo para se criar uma apresentação multimídia usando o *easypres* apresenta três etapas: 1º- a gravação do áudio; 2º- a captura de outros tipos de mídia e sincronização; e 3º- a codificação da apresentação.

Já a ferramenta *Maestro*, resultado da parceria *EADtec* (entre a *Finatec*, a Universidade de Brasília e a empresa *EADweb*) se encontra em fase de alfa-testes. Essa ferramenta é baseada na tecnologia de sistemas hipermídia que visa facilitar a geração, pelos professores e especialistas em conteúdos, de suas próprias aplicações, permitindo-lhe implementar textos, imagens, exemplos e exercícios que facilitem a aprendizagem, sem exigir conhecimentos informáticos mais sofisticados que os de um usuário comum da internet.

2 Metodologia

O método utilizado para a pesquisa foi o desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, uso de artigos científicos e teses específicos sobre o desenvolvimento e utilização da EAD, de como utilizar as tecnologia como algumas ferramentas de comunicação viabilizadas pela interface Web, ambientes virtuais de aprendizagem (*Ava*), a produção do material didático, a estrutura do hipertexto, a importância do material multimídia e alguns softwares para desenvolvimento do material.

3 Considerações finais

Cada vez mais os programas de educação a distância no mundo, tendem a ser desenvolvidos com base nas novas tecnologias comunicacionais, levando à concentração das preocupações e atividades em torno da chamada mídia eletrônica, sendo natural que os avanços na área, particularmente da internet, tornem possível o enriquecimento das atividades de educação a distância, levando a uma aprendizagem interativa em que o aluno deixe de ser um mero receptor dos conteúdos para passar a interagir e modificá-los.

Falamos sobre as formas de utilização, tanto pelos professores/tutores quanto pelos alunos. E, que o sucesso de um curso depende também do tipo de mídia e tecnologia escolhida e de como elas são utilizadas.

Ficou constatado que a produção do material didático é tópico de extrema importância, mas que ainda os coordenadores encontram leves dificuldades durante a criação de um material que possua todas as características pertinentes à educação a distância.

Foi descrita também a importância do planejamento na produção do material didático, que deve possuir um formato específico para cursos em EAD, e uma descrição breve da utilização dos novos sistemas de geração de apresentações, que podem ser utilizados pelos professores/tutores na confecção de material didático para seus respectivos cursos.

Destacamos também como seria a retenção dos conhecimentos e os diferentes métodos de apresentar os conteúdos. Os resultados são apresentados nas tabelas 1 e 2, com isso demonstramos que algumas características são fundamentais para quem pretende trabalhar na produção de material didático multimídia de excelência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 9394 – LDB- Lei das Diretrizes e Bases da Educação, 20 de dezembro de 1996.

BELISÁRIO, A. O material didático na educação a distância e a constituição de propostas interativas. In: *Educação on-line: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DIAS, P. Hipertexto, hipermídia e media do conhecimento: representação distribuída e aprendizagens flexíveis e colaborativas na web. *Revista Portuguesa de Educação*, n°13, v.1, 2000.

FLEMMING, D. M; LUZ, E. F; COELHO, C. *Desenvolvimento de material didático para educação a distância no contexto da educação matemática*. Disponível em: < http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=35> Acesso: setembro/2010.

FÉRREZ, Joan (1996), *Vídeo e Educação*. Disponível em: http://www.faced.ufba.br/~edc287/t01/textos_doc/11_video_na_educacao.doc (Acesso em: 23 de setembro de 2010).

GONZALEZ, M. Fundamentos da tutoria em educação a distância. São Paulo: Avercamp, 2005.

GUAREZI, R. M; MATOS, M. M. Educação a distância sem segredos. Curitiba: Ibpx, 2009.

MARCUSCHI, L. O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. v. 4, n. 1, 2001, p.79-111.

MIRANDA, G. L. Limites e Possibilidades das TIC na Educação. *SÍSIFO/Revista de Ciências da Educação*, n°3, mai/ago 2007.

NEIVA, M. *Tecnologia e material didático na aprendizagem a distância*. Disponível em: <http://blogs.universia.com.br/motivacaonaead/category/material-didatico-na-ead/>. Acesso em: setembro/2010.

SILVA, R. S. *Moodle para autores e tutores*. São Paulo: Novatec Editora, 2010.

SALES, M.V.S. *Uma reflexão sobre a produção do material didático para EAD*. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Maio, 2005.

UFBA *Curso Moodle para professores: A educação online na UFBA – 2007*. Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=12529>>. Acesso em: agosto/2010.

VIEIRA, A. B. *Sistema gerador de apresentações para ensino a distância*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência da computação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

Horizontalidades e Verticalidades: A Educação a distância como forma de inclusão social

Nelson Jakimczyk Baptista
Professor de Ensino Superior da Faculdade Internacional Signorelli;
Docente I - Geografia da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias;
Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

Resumo

A tecnologia é uma ferramenta que pode provocar o aumento das desigualdades e da exclusão social, mas também pode auxiliar na emancipação pessoal e, conseqüentemente, na melhoria da qualidade de vida da população. Esse artigo vai discutir como a tecnologia, por meio da educação a distância, pode se transformar em uma forma de inclusão social. Isso ocorre pois, atualmente, nos encontramos na sociedade do conhecimento e a inclusão social só é possível por meio da educação.

Palavras-chave: Educação a distância. Horizontalidades, verticalidades. Inclusão social.

Resumen

La tecnología es una herramienta que puede provocar el aumento de las desigualdades y de la exclusión social, pero también puede auxiliar en la emancipación personal y, consecuentemente, en la mejoría de la calidad de vida de la población. Este artículo va a discutir como la tecnología, a través de la educación a distancia, se puede transformar en una forma de inclusión social. Esto ocurre porque, actualmente, nos encontramos en la sociedad del conocimiento y la inclusión social solo es posible a través de la educación.

Palabras-clave: Educación a distancia. Horizontalidades. inclusión social. verticalidades.

1 Introdução

O Brasil sempre foi um país de contrastes. Apesar de sua enorme riqueza natural, a desigualdade social sempre foi uma marca que nos caracterizou. Com o processo de globalização, a tendência mundial é de aumento da concentração de renda e de poder em alguns flancos do planeta e, ao mesmo tempo, de aumento da pobreza e da miséria da maioria.

Milton Santos (2000), um dos maiores geógrafos brasileiros, observou o atual processo de globalização como perverso, na medida em que se baseava na lógica mercantil que se impunha de cima para baixo, isto é, por meio do receituário econômico dos países centrais para os periféricos. Para esse autor, o atual processo de globalização é irreversível, em razão da evolução da tecnologia, mas sua natureza poderia e deveria ser alterada. Nesse contexto, ao invés de ser excludente, a tecnologia deveria ser includente. O grande foco dessa transformação deveria estar relacionado à forma como a tecnologia seria utilizada. Para Santos, a tecnologia deveria ter a finalidade de contribuir para a emancipação individual por intermédio de uma integração solidária.

A educação a distância tem por princípio utilizar a tecnologia para auxiliar o crescimento individual e permitir que o conhecimento se generalize, sem barreiras e nem fronteiras. A educação a distância pode se tornar uma forma de inclusão social quando adota políticas públicas que se destinem a ampliar as oportunidades de acesso aos estudantes e, ao mesmo tempo, qualifiquem os professores/ tutores para essa nova modalidade de ensino.

As novas tecnologias são utilizadas de acordo com o interesse dos seres humanos. Dessa forma, assim como podem e são utilizadas, muitas vezes, para explorar, alienar e excluir; também podem e devem servir para a prática da solidariedade e da inclusão social. A educação a distância possui grande potencial para auxiliar na inclusão social.

Nesse trabalho, o objetivo é demonstrar que a globalização, com base nas novas tecnologias, pode ter uma face humana, para isso, utiliza como forma de inclusão social, a educação a distância.

2 As Verticalidades e as horizontalidades

O atual processo de globalização é o ápice do processo de internacionalização do capitalismo e baseia-se, segundo Santos (2000), no estado das técnicas (terceira revolução industrial) e no estado da política (neoliberalismo). As verticalidades e as horizontalidades se impõem como formas político-ideológicas de utilização da atual tecnologia e se estabelecem como dois projetos distintos de globalização.

As verticalidades provocam a globalização perversa e excludente. “A integração que se estabelece por meio da globalização é dependente e alienadora, já que as decisões essenciais concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem a motivações distantes” (SANTOS, 2000, p.106). Tal integração é, portanto, vertical, uma vez que se estabelece uma subordinação do local ao global.

Os grandes agentes da globalização perversa que se utilizam das verticalidades para aumentar sua lucratividade, são as empresas multinacionais. Mediante elevados investimentos em pesquisa e tecnologia, novas tecnologias foram desenvolvidas e hoje essas empresas se encontram em todos os flancos do planeta integradas em rede, vinte e quatro horas por dia. O seu objetivo de produzir em países e regiões periféricas não se pauta em objetivos nobres, como levar o “desenvolvimento” para regiões carentes do planeta, mas em aumentar a sua lucratividade por meio de vantagens relacionais, como a mão de obra mais barata dos países periféricos, por exemplo.

O poder dessas empresas é muito grande. Muitas vezes, inclusive, são mais ricas do que os países em que estão inseridas algumas de suas filiais e, dessa forma, influem decisivamente na política local em prol dos seus interesses.

Já as horizontalidades buscam uma outra globalização, mais justa e solidária. Esta se assenta numa outra forma de utilização da tecnologia por meio de uma “[...]integração solidária que é tanto econômica, social e cultural como propriamente geográfica. À sobrevivência do conjunto, não importa que os diversos agentes tenham interesses diferentes, depende desse exercício da solidariedade, indispensável ao trabalho e que gera visibilidade do interesse comum”. (SANTOS, 2000, p. 110).

De acordo com essa outra perspectiva, a tecnologia não deve ser utilizada para subordinar o local ante o global. Ao contrário, as novas tecnologias devem ter o objetivo central de promover a emancipação do local. Os indivíduos devem utilizar-se dos novos meios tecnológicos para se aprimorar e se desenvolver, tanto economicamente quanto culturalmente.

Não se trata do local se “fechar” ao global, mas sim do estabelecimento de políticas públicas que possam utilizar as novas tecnologias a serviço das pessoas e das comunidades e não a serviço das grandes corporações. Com essa outra forma

de promover o processo de globalização, o Estado deve estar fortalecido e ser o grande indutor de medidas inclusivas.

Nesse trabalho, a educação a distância se insere com um grande potencial para a prática da horizontalidade, na medida em que utiliza as novas tecnologias como forma de emancipação individual num contexto em que a educação é uma variável essencial para a ampliação do leque de oportunidades e de inserção no mercado de trabalho.

3 A Educação a distância no Brasil

A educação no Brasil, em sua gênese, não era para todos. Além de ser um país de dimensões continentais, fato que dificulta o acesso à escola, muitas vezes, nosso sistema educacional foi acadêmico e voltado para as elites. Assim, além do grande número de reprovações, os exames de qualificação, como o antigo exame de admissão e o vestibular, contribuíram para a evasão escolar e, conseqüentemente, o baixo nível educacional da população do país.

Nas últimas décadas, houve a universalização do acesso ao ensino fundamental, mas ainda há muitos brasileiros fora da escola, seja em razão da evasão anterior, seja pelo mercado de trabalho, ou por outros fatores. Além disso, o número de brasileiros cursando o ensino médio, cursos de nível superior, ou de pós-graduação, ainda é bem menor se compararmos o Brasil a outros países similares ao nosso em nível de desenvolvimento econômico.

Esse cenário educacional do país impede que o Brasil se desenvolva mais aceleradamente, pois a educação é um elemento central na atual sociedade do conhecimento. Nesse contexto, acreditamos que a educação a distância possui um papel central no aprimoramento do nível educacional da população do país e, conseqüentemente, na melhoria das condições de vida das pessoas e do próprio país.

Segundo Annuziata Neto (2010, p.13), a Educação a distância pode receber diferentes denominações, como: “estudo ou educação por correspondência (Reino Unido); estudo em casa ou estudo independente (Estados Unidos); estudos externos (Austrália); telensino ou ensino a distância (França); estudo ou ensino a distância (Alemanha); educação a distância (Espanha); teleducação (Portugal)”.

A educação a distância pressupõe a separação física do aluno com o seu professor/ tutor. Contudo, possibilita que pessoas em locais distantes e sem acesso à educação se aproveitem das oportunidades oferecidas pela tecnologia moderna.

A educação a distância no Brasil surgiu por meio dos cursos por correspondência, no início do século XX. Nas décadas seguintes, houve a oferta de cursos pelo rádio e até mesmo pelo cinema. O modelo de curso que marcou a educação a distância no Brasil, entretanto, foi o telecurso, que era divulgado pelos meios de massa.

Essas formas de ensino tiveram como objetivo inicial oportunizar o acesso à educação para aquelas pessoas que não puderam frequentar a escola, no ensino presencial. Por meio do telecurso, muitos jovens e adultos puderam completar seus estudos em nível de ensino fundamental e médio.

Com o advento da internet, houve grande proliferação dos cursos a distância, principalmente de graduação e pós-graduação. Esses cursos são de grande valia, pois são realizados, em sua maioria, por pessoas que já se encontram no mercado de trabalho e não possuem tempo disponível para fazer um curso presencial.

Dessa forma, em razão do baixo custo e da grande oferta de cursos, a modalidade a distância está atraindo cada vez mais alunos e está contribuindo para aumentar o nível de escolaridade e melhorar a formação da mão de obra do país.

4 A Educação a distância como forma de inclusão social

Na sociedade do conhecimento em que estamos inseridos no século XXI, a inclusão social só é possível pela educação. Dessa forma, a educação a distância é muito importante, na medida em que abre oportunidade para que mais pessoas, seja pela distância física ou pela falta de tempo para realizar um curso presencial, possam estudar e melhorar sua qualificação.

Nos dias de hoje, o nível educacional está vinculado, diretamente, ao seu nível de renda, e a falta de escolaridade ou a sua insuficiência, são fatores que proporcionam a exclusão. O próprio certificado de conclusão de escolaridade, contudo, não garante mais um emprego certo e bem remunerado. Assim, o estudo continuado e a busca por novas tecnologias são imprescindíveis para o acesso ao emprego e a renda.

A tecnologia, portanto, pode contribuir para a democratização das oportunidades educacionais, para o acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, para reduzir a exclusão social no Brasil. Entretanto, é importante salientar que a tecnologia é uma mera ferramenta a serviço do ser humano. Nesse sentido, é necessário que haja políticas públicas que tenham como objetivo implementar um grande projeto de inclusão educacional a partir da educação a distância. Os seus principais pontos seriam: formação de professores/tutores para trabalhar com as novas tecnologias, a aquisição e o acesso aos equipamentos, além de materiais didáticos e pedagógicos específicos.

É importante salientar que a educação a distância não é e nem nunca será a solução para todos os problemas do sistema educacional brasileiro. Ela é apenas um meio que permite àqueles que não teriam oportunidades no ensino presencial de ter acesso a educação, ajudando, com isso, a minimizar os efeitos da exclusão social.

Consideramos a educação a distância como um ótimo vetor de horizontalidade e, conseqüentemente, para uma outra forma de globalização, na medida em que utiliza as novas tecnologias a serviço da melhoria das condições de vida das pessoas, principalmente nos dias de hoje, em que a educação e o aprimoramento constante são essenciais no mercado de trabalho.

Entretanto, para se qualificar como horizontalidade é necessário que a educação a distância tente modificar alguns dos fatores que a caracterizam. A distância física, por exemplo, tende a tornar as relações entre o professor/tutor com os alunos, bastante impessoal. Essa é uma característica da verticalidade. Para que se torne uma horizontalidade, é necessário que se estabeleça outra forma de relação. Ao invés de buscar uma prática generalista, cabe ao professor/tutor buscar conhecer a realidade social e cultural do tutorado, como forma de melhor atendê-lo e realmente suprir suas necessidades. Dessa forma, é importante que se estabeleça um vínculo afetivo, pois a impessoalidade causada pela distância e as dificuldades oriundas do isolamento são as grandes causas de desistência e evasão nos cursos a distância.

É importante frisar que o professor/tutor é apenas um elo da cadeia. Esse profissional precisa ser treinado para que essa nova forma de se relacionar com o aluno efetivamente aconteça. Além disso, a redução do quantitativo de alunos por professor/ tutor é fundamental para que o atendimento ao tutorado seja mais eficiente, de melhor qualidade e relacionado com a sua realidade.

5 Considerações finais

A globalização perversa, baseada nas verticalidades, impõe aos lugares uma lógica excludente, em que as empresas multinacionais desarticulam as realidades locais e, no seu lugar, configuram uma nova realidade calcada no “racionalismo econômico” que se estabelece pela exploração da mão de obra local e pelo aumento da lucratividade por parte do grande capital.

Acreditamos, baseado no pensamento do Milton Santos, que uma outra globalização é possível e ela deve se estabelecer por meio das horizontalidades, isto é, a partir do estabelecimento dos vínculos identitários e comunitários que se formam no local e que possuem nas modernas tecnologias, o seu novo paradigma.

A educação a distância possui grande potencial para se tornar uma horizontalidade, pois permite à tecnologia beneficiar um grande número de pessoas, mediante o acesso a educação. Entretanto, em razão da separação física, muitas vezes essa forma de educação tende a ser impessoal. Para que esse problema seja solucionado, é necessário que haja políticas que qualifiquem o professor/tutor para essa nova forma de trabalho e que se reduza o quantitativo de alunos por professor.

Acreditamos que a partir de políticas públicas eficientes, com profissionais qualificados, bem remunerados e com boa condição de trabalho, a educação a distância possui grande potencial para gerar oportunidades de desenvolvimento local, pois permitirá a qualificação de pessoas da própria comunidade e, consequentemente, a sua melhoria.

REFERÊNCIAS

ANNUZIATA NETO, L. Cenários: imagens da educação a distância. In: *Revista Científica Internacional em EAD*. RJ: Publit, 2010.

FERNANDES, K.; BIRNFELD, C.A. Educação X inclusão social: o porquê da educação a distância. Congresso de Iniciação Científica, 16. 2007.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. SP: Record, 2000.

O Surgimento das Novas Tecnologias Educacionais: Uma Abordagem Sócio-Histórica

Rosane Maria CABRAL,
Pedagoga, Especialista em Alfabetização;
Técnica em Assuntos Educacionais UFRJ;
Tutora a distância da Pós-graduação das Faculdades
Integradas de Jacarepaguá
Tutora a distância da Graduação de Licenciatura em
Filosofia da Universidade
Aberta do Brasil UAB através do convênio com a Universidade
do Estado do Maranhão UEMA.

Resumo

Este texto apresenta o surgimento das novas tecnologias educacionais por meio de uma abordagem sócio-histórica. Pretende-se demonstrar, partindo de reflexões sobre a prática docente e de uma pesquisa bibliográfica, que as tecnologias sempre estiveram presentes no cotidiano das pessoas e que as novas tecnologias iniciaram, de uma forma textual, com o surgimento da escrita. O que vivenciamos, atualmente, é a evolução das formas de lidar com o conhecimento e de fazer dele algo acessível, em que a educação amplia a visão de mundo pelo uso de ferramentas que o próprio desenvolvimento do conhecimento propicia.

Palavras-chave: Conhecimento, Desenvolvimento, Ferramentas e Novas tecnologias.

Resumen

En este trabajo se presenta la aparición de nuevas tecnologías educativas dentro de un enfoque socio-histórico. Tenemos la intención de demostrar, a partir de reflexiones sobre la práctica docente y una revisión de la literatura, las tecnologías que estuvieron siempre presentes en la vida cotidiana y que las nuevas tecnologías han comenzado, en una forma textual, con el advenimiento de la escritura. Lo que experimentamos hoy en día es la evolución de las formas de tratar con el conocimiento y convertirlo en algo accesible. A través de una educación que amplía la visión del mundo utilizando las mismas herramientas que promueve el desarrollo del conocimiento.

Palabras-clave: Conocimiento, El desarrollo, Herramientas e Nuevas tecnologías.

1 Introdução

Vivemos um momento histórico de grandes transformações nas diversas áreas do conhecimento, que se refletem na cultura e, conseqüentemente, na vida em sociedade. As teorias científicas vêm sendo questionadas, o que impulsiona a busca por novos paradigmas que expliquem os fenômenos sociais e da natureza.

Esse artigo busca mostrar, com uma abordagem socio-histórica, que o homem, no transcorrer dos séculos, vem passando por crises e são nesses momentos que os grandes avanços científicos e culturais ocorrem.

Entender o que ocorreu na Grécia Antiga nos faz perceber que uma crise, nas formas de pensar e entender o mundo, motivou a busca por novas formas de transmitir o conhecimento. Esse fato, levou os teóricos da época a formular técnicas voltadas para a educação formal, que passou a ser uma necessidade para, preparar cidadãos para a vida em sociedade.

A prioridade em incorporar novas técnicas entra em conflito com as formas já estabelecidas de atuação, principalmente no meio acadêmico. Tal estranhamento ocorreu na Grécia Antiga e continua ocorrendo atualmente. Essa oposição pode ser consequência do desconhecimento conceitual do que é uma tecnologia e das motivações sociais que as fazem necessárias.

O esclarecimento desses fatos se faz necessário para favorecer e estimular a utilização e criação de novas tecnologias nas salas de aulas de nossas escolas e universidades.

O que norteou essa pesquisa foram reflexões sobre a prática docente. A proposta metodológica teve como base uma pesquisa bibliográfica que buscava identificar historicamente o surgimento das novas tecnologias.

O estudo foi motivado pela vivência na prática educativa e pelo contato constante com questionamentos, por parte de educadores, sobre questões relacionadas às tecnologias e que tratam sobre a validade da utilizado ou não das técnicas educacionais, sobre como conceituar uma técnica e qual seria sua aplicabilidade prática. A hipótese de que o esclarecimento sobre a origem da técnica e do entendimento sobre sua função propiciou a pesquisa buscando bases teóricas em autores como Sílvia Lane, Leopoldo Meis, Celso Furtado, Bernadete Abrão, Joseph Veroff e Jean Piaget.

2 Pressupostos teóricos

Segundo Abrão (1999), existe um mistério que cerca a humanidade, mesmo com todos os avanços e descobertas e que não tem uma resposta precisa e ou única para os seguintes questionamentos: Como e quando a técnica ou as tecnologias surgiram? Como podemos defini-las ou conceituá-las?

Segundo a autora é difícil precisar quando o pensamento sistematizado iniciou, ou seja, quando o homem começou a organizar as formas de pensar para elaborar as “[...]primeiras tentativas de explicação do mundo e de seus fenômenos” Tendo como ponto de partida os séculos VI e V a.C com “[...]homens como Sócrates (Grécia), Buda (Índia) e Lao-Tsé (China)”, inicia-se um modo de pensamento que faz com que as formas de explicação dos fatos ou fenômenos fiquem mais fáceis para nosso entendimento. (ABRÃO, 1999, p. 9).

A primeira escrita de que se tem notícia - a suméria - apareceu nessa região da Ásia, situada entre os rios Tigres e Eufrates (parte, hoje, do Iraque e do Irã). A roda, a organização da agricultura e a engenharia hidráulica foram outras inovações surgidas ali. Além disso, cidades como Nippur Uruk e Eridu já existiam em 3000 a.C., com um comércio de crescimento regular e uma cultura que se estendeu a povos vizinhos, alcançando terras distantes como a Índia e a China. (ABRÃO, 1999, p. 10)

Uma nova forma de entender e explicar os fenômenos da natureza nasce e se desenvolve na Grécia clássica. Esse desenvolvimento influenciou as culturas da época e a filosofia e os grandes filósofos foram se afirmando. Com isso, novos valores emergiram, entre eles, a educação, que, nesse momento, vinha com o objetivo “[...]de formar cidadãos aptos à vida pública” (ABRÃO, 1999, p. 36).

Os educadores da época entendiam que a habilidade que deveria ser desenvolvida era a da argumentação. Os sofistas, sábios que se dedicavam ao ofício de educador, se propunham a fazer com que seus discípulos desenvolvessem essa técnica do “[...]aprender a falar – não importa o quê, mas bem, de modo convincente” (ABRÃO, 1999, p. 37). Pode-se inferir que essa foi uma das primeiras tecnologias desenvolvidas exclusivamente para a educação formal.

Segundo Piaget (1969), a ação humana necessita de um interesse ou motivação para dar início.

Em todos os níveis, a ação supõe sempre um interesse que a desencadeia, podendo-se tratar de uma necessidade fisiológica, afetiva ou intelectual (a necessidade apresenta-se neste último caso sob a forma de pergunta ou de um problema), (PIAGET, 1969, p. 12)

Os sofistas, mesmo sem ter o conhecimento dessa teoria, desenvolveram uma técnica que objetivava o desenvolvimento intelectual de seus discípulos. O interesse era apenas o de desenvolver a habilidade de argumentar, pois segundo Abrão não havia a cobrança de ser falso ou verdadeiro, justo ou injusto, moral ou imoral. Tinha se, inclusive uma suposta motivação:

Dizia-se até que o aluno, para se considerar apto, devia convencer o mestre a não receber o pagamento; se não conseguisse convence-lo, a lição fora mal ministrada e não mereceria remuneração. Se o conseguisse, não haveria por que pagar. (ABRÃO, 1999, p.37)

Nessa perspectiva histórica, pode-se perceber que a busca por uma educação sistematizada propiciou o desenvolvimento de diversas tecnologias voltadas para a educação. Talvez não se possa afirmar quando o quadro negro ou lousa e o giz começaram a ser utilizados, entretanto é uma tecnologia, ou ferramenta que até hoje é utilizada.

O quadro negro passou a ser verde e hoje utilizamos, em nossas salas de aula, o quadro branco com pilot. Nas plataformas dos cursos de educação a distância temos a ferramenta Wiki, onde alunos e professores criam coletivamente um mesmo texto .

Segundo Birch e Veroff (1970, p. 5) “A seleção, intensidade e persistência do comportamento situam-se no domínio da motivação.” O autor coloca que a base para o estudo da motivação e a análise da atividade, é concepção de comportamento como uma sequência de atividades. Essa teoria estabelece que as atividades são agrupadas em duas classes: consumatória e instrumental.

Por exemplo, tendo terminado o jantar (uma atividade consumatória) a pessoa pode voltar-se para qualquer uma, dentre inúmeras atividades novas (dormir, uma atividade consumatória em si mesma; ou vestir-se para sair à noite, uma atividade instrumental, etc.). As pessoas, frequentemente, se referem às atividades consumatórias como objetivos e às instrumentais como dirigidas para um objetivos. (BIRCH; VEROFF, 1970, p. 7)

A tecnologia educacional por ser considerada uma forma de linguagem que, de acordo com cada época, reflete sobre a aplicação de técnicas para a solução de problemas educativos. Ou seja, ela deve instrumentalizar professores e alunos motivando-os na busca de novos objetivos e possibilidades. Mais do que isso a tecnologia tem a finalidade, de contribuir para controlar o processo ensino-aprendizagem promovendo e garantindo qualidade, além de buscar novas técnicas para atender as necessidades e à realidade dos educandos.

Segundo Furtado, Bresser e Rego (2001), o sujeito ao nascer é inserido num meio onde as classes e valores já estão formados, e em que a realidade social vai se constituindo, dialeticamente onde sujeito e o meio interagem, só que em um processo individual por meio do coletivo. Nesse processo sua subjetividade que é sua maneira particular de perceber e se posicionar no mundo vai se formando.

Percebendo a técnica como uma forma de linguagem que, na maioria das vezes, é repassada de forma verbal, pode-se considerar que ela atua sobre o homem modificando seu comportamento e sua forma de pensar.

Skinner inicia o seu *Verbal Behavior* com a seguinte frase: “Os homens agem sobre o mundo e o transformam, e são, por sua vez, transformado pelas conseqüências de suas ações”. E mais adiante define comportamento verbal como todo aquele mediado por outra pessoa, e assim inclui, no verbal, gestos, sinais, ritos e, obviamente, a linguagem. Assim, podemos dizer que o homem ao falar transforma o outro e, por sua vez, é transformado pelas conseqüências de sua fala. (LANE; GODO, 2004, p. 32)

Segundo Kenski, as novas tecnologias devem ser percebidas como geradoras de possibilidades de interação de conhecimento entre alunos, professores..

Professores e alunos, reunidos em equipes ou comunidades de aprendizagem, partilhando informações e saberes, pesquisando e aprendendo juntos; dialogando com outras realidades, dentro e fora da escola, este é o novo modelo educacional possibilitado pelas tecnologias digitais. (KENSKI, 2003. p. 66.).

3 Discussão

O entendimento que as inovações tecnológicas propiciam transformações significativas no cotidiano das pessoas é verificado quando nos debruçamos nos relatos de pessoas mais velhas, nos retratos, filmes, livros, etc. Entramos em contato com formas de vida em lugares e épocas em que as tecnologias, que conhecemos, não existiam e, dessa forma, podemos perceber as transformações que elas podem realizar na cultura e na vida dos indivíduos.

Devemos considerar que a forma de agir e lidar com o mundo se modifica a quando se entra em contato com as novas tecnologias. Muitas vezes, não percebemos que algumas tecnologias transformam de forma profunda e significativa o ser humano gerando alterações internas, ou seja, em nossa subjetividade. Que influenciam em nossos sentimentos, comportamentos e na forma de nos relacionar com o outro e conosco mesmos.

Na contemporaneidade considera-se que a educação deve preparar o indivíduo para exercer sua cidadania e para o trabalho. Entretanto, é preciso pensar a quê realidade estamos nos referindo ou a quê realidade devemos nos referir, já que o contexto social é constantemente modificado e, dessa forma, modifica os diversos vetores que influenciam a sociedade.

O sistema educacional necessita atuar com outros tempos e espaços diferenciados, o que deve propiciar um repensar sobre as formas de atuação do educador e das políticas educacionais. Esse é um momento que possibilita o resgate do trabalho em sala de aula, com a retomada da dignidade e autonomia do professor que deve experimentar e se apropriar dos novos elementos de informação e comunicação que as novas tecnologias oferecem.

A ideia que perpassa pelo mundo acadêmico é que a tecnologia é algo muito elaborado e que está diretamente relacionado com o mundo científico, ou seja, prevalece a percepção de que as tecnologias são aplicações das ciências. Essa ideologia acaba afastando os profissionais de educação do entendimento real do que é uma técnica e ou tecnologia, o que acaba comprometendo o envolvimento desses profissionais com as tecnologias educacionais.

Perceber a tecnologia como objeto de ensino envolve um conhecimento epistemológico que abrange o entendimento do seu conceito e sua relação com a ciência. Compreender a tecnologia, de forma crítica e simples, percebendo, de forma ampla, as possibilidades de atuação que ela oferece, faria com que os professores atuassem de forma autônoma percebendo as implicações sociais do seu papel de agente de transformação social. Esse conhecimento deve ser um estímulo para que os educadores criem novas tecnologias educacionais.

A compreensão da natureza da tecnologia deve ser oferecida, também, para os alunos para que possam estabelecer relações com os aparatos tecnológicos, que estão a sua volta, com um maior conhecimento de suas particularidades e implicações sociais.

A motivação para a realização da pesquisa teve como ponto inicial a vivência na prática educativa e o contato constante com questionamentos, por parte dos educadores, sobre questões relacionadas às tecnologias em que buscavam entender a validade da utilização ou não das novas tecnologias educacionais, sobre como se deve conceituar uma técnica e qual seria sua aplicabilidade prática. Para buscar o esclarecimento sobre a origem da técnica e do entendimento sobre sua função buscou-se fundamentar essa pesquisa em bases teóricas de Lane (2004), Meis (2002), Furtado (2001), Abrão (1999), Veroff (1970), Piaget (1969).

Teve-se como proposta metodológica uma pesquisa bibliográfica, buscando identificar historicamente o surgimento das novas tecnologias, tendo como base norteadora reflexões sobre a prática docente.

4 Considerações finais

Apresentar, de forma simples e contextualizada, as novas tecnologias foi o propósito dessa pesquisa. O estudo histórico do cotidiano demonstra o quanto estamos cercados de técnicas novas ou antigas e essas possibilidades, com o passar do tempo, vão se ampliando.

A utilização das novas tecnologias pelo docente deve, continuamente, estar sendo estimulada. De fato, devemos considerar que a utilização das ferramentas que temos disponibilizadas no mundo contemporâneo estimula e amplia a visão de mundo tanto do educador quanto do educando.

Pode-se considerar que estudar as motivações e as consequências dos fatos históricos continua a nos ensinar a lidar com os acontecimentos do presente. Entretanto, lidar e aceitar o novo continua sendo difícil, mesmo que os estudos sobre o passado demonstrem a dialética entre os movimentos socio-históricos e sua influencia positiva no comportamento humano.

A pesquisa relacionou o início, formal, das novas tecnologias com o surgimento da escrita, mas, segundo Vieira (2010), a etologia, uma nova área da ciência que estuda, entre outros, o comportamento humano, coloca que o movimento de pinça foi o grande avanço para que o homem começasse a fazer suas ferramentas e, dessa forma, garantisse sua sobrevivência em um momento histórico onde a seleção natural predominava.

Será que poderíamos relacionar esse momento com o início das novas tecnologias?

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, B.S. História da filosofia. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.
- BIRCH, D.; VEROFF, J. *Motivação*. Trad. Olivia M. Malmegrin Rocha, São Paulo: Ed. Herder, 1970.
- FURTADO, C.; BRESSER PEREIRA, L.C.; REGO, M.R. (orgs.). *A grande esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos*, São Paulo, Editora 34, 2001.
- LANE, S.T.M.; GODO, W. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- KENSKI, V.M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas SP: Papirus, 2003.
- MEIS, L de. *Ciência, educação e o conflito humano-tecnológico*.- 2ª ed. Rev. e ampl., São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1969.
- VIEIRA, M.L. *Contribuições da Etologia para a compreensão do comportamento humano*. Disponível em <http://www.pet.vet.br/puc/contri.pdf>. Acesso em 28 out..2010.

A Educação a Distância como facilitador ao acesso ao ensino: Da Correspondência ao Correio Eletrônico.

GUIMARÃES, Camila de Carvalho.
Advogada, Mestranda pela UNIMAR –SP,
Pós-Graduada em Direito e Processo Civil, Direito do Consumidor e
Responsabilidade Civil, Direito Constitucional Contemporâneo.
MBA em Gestão de Negócios com ênfase em IES.
Professora Titular da Faculdade de Direito da
Universidade Estácio de Sá e
Orientadora Acadêmica da Faculdade Internacional Signorelli.

Resumo

O artigo a seguir trata da educação à distância como facilitador ao acesso ao ensino. Pretende-se demonstrar que a educação à distância não se trata de meio de ensino moderno, mas que já existe desde a Grécia antiga e Roma, quando este modelo era utilizado através de correspondência. Verifica-se que o que é modernidade são os meios e tecnologias empregados para diminuir a distância, economizar tempo e espaço, permitindo a existência da relação professor x aluno. Este estudo demonstrará a importância do ensino à distância como facilitador de acesso àqueles que não possuem condições, sejam elas econômicas, disponibilidade de tempo ou de distância geográfica, de estudar através do ensino presencial, bem como demonstrar a evolução, queda e ascensão da educação a distância e dos meios de tecnologia utilizados para a transmissão do conhecimento. Aplicar-se-á a metodologia de pesquisa de cunho bibliográfico, tendo em vista a diversidade de obras literárias sobre este tema. O mundo globalizado onde tempo é dinheiro, e este primeiro é escasso, especialmente nos grandes centros econômicos, fez com que uma prática de ensino já difundida há muitos séculos, ressurgisse com uma velocidade nunca vista antes. É a modalidade de educação à distância, conhecida erroneamente como o popular ensino à distância. Tal modalidade de educação permite que ocorra a separação espacial e temporal existente na relação presencial, na qual discente e docente estão presentes em

espaço físico e tempo pré-estabelecidos pela instituição de ensino que fornece o serviço educacional, tendo como um dos prejuízos desta metodologia a reprovação pelo não comparecimento em 75% (setenta e cinco por cento) dos encontros pré-agendados. A Educação à Distância, embora por muitos, identificada como uma ferramenta do mundo moderno, remonta o Séc. XIX, sendo sua atuação, em grande escala, nos países europeus. Segundo dados históricos, identificou-se em meados de 1830 a publicação de um anúncio, na Suécia, referindo-se ao ensino à distância, apresentado na modalidade de correspondência. Todavia, uma ação institucional sobre a educação a distância só teve início a partir da metade do Séc. XIX. Tem-se, por fim, que a Educação à Distância, não é metodologia de ensino moderna, visto que presente em nossa sociedade há alguns séculos. Hodiernamente, tem-se novas e mais sofisticadas tecnologias de aplicação da Educação à Distância.

Palavras-chave: Educação à distância, Evolução, Correspondência, Correio Eletrônico, Meios de Comunicação

Resumen

El siguiente artículo trata de la educación a distancia como un facilitador de acceso a la educación. Tenemos la intención de demostrar que la educación a distancia no se trata de ambiente de enseñanza moderna, pero que ha existido desde la antigua Grecia y Roma, cuando este modelo fue utilizado por correo. Parece que lo que es la modernidad son los medios y tecnologías utilizados para reducir la distancia a ahorrar tiempo y espacio, permitiendo la existencia de la relación entre el profesor x alumno. Este estudio demuestra la importancia de la educación a distancia como un facilitador de acceso a aquellos que no pueden pagar, ya sean económicos, la disponibilidad de tiempo o de distancia geográfica, a través del estudio de la enseñanza en el aula, así como demostrar su evolución, su caída y elevación de la educación distancia y los medios de la tecnología utilizada para la transmisión de conocimientos. Se aplicará la metodología de una búsqueda bibliográfica, teniendo en cuenta la diversidad de obras literarias sobre el tema. Ver diccionario detallado

El mundo globalizado donde el tiempo es dinero, y la primera esta es escasa, especialmente en los principales centros económicos, ha hecho una práctica ya generalizada de la enseñanza desde hace muchos siglos, saldrá con una velocidad nunca antes vista. Es el tipo de educación a distancia, erróneamente

conocido como el aprendizaje a distancia populares. Este tipo de educación permite que la separación espacial y temporal que existe en la clase de relación, donde profesores y alumnos están presentes en el espacio y el tiempo por la institución de educación pre-establecida que proporciona servicios educativos, teniendo como una de las pérdidas de esta metodología para desaprobación por parte de no asistencia a un 75% (setenta y cinco por ciento) de las reuniones pre-agendadas. La Educación a Distancia, aunque para muchos, identificado como una herramienta del mundo moderno, se remonta al siglo XIX, y su rendimiento en gran escala, en los países europeos. Según datos históricos, se identificó a mediados de 1.830 la publicación de un anuncio en Suecia, en referencia a la educación a distancia, se presenta en forma de correspondencia. Sin embargo, una acción institucional en la educación a distancia ha comenzado a partir de mediados del siglo XIX. Hay, por último, que la educación a distancia no es metodología de la enseñanza moderna, tan presente en nuestra sociedad durante siglos. En nuestro tiempo, tenemos las tecnologías nuevas y más sofisticadas para la aplicación de la educación a distancia.

Palabras clave: La educación a distancia, la evolución, la correspondencia, correo, los medios de comunicación

Introdução

A etimologia e origem da palavra educação advêm do latim **educĕre** de **e(x)**, "para fora" e **ducĕre**, "conduzir", da mesma origem de educador. A educação integra os processos de ensinar e aprender, sendo este um fenômeno observado nas mais diversas sociedades e grupos culturais. O objetivo é perpetuar a transmissão dos conhecimentos adquiridos ao longo da experiência vivida por estes grupos sociais.

A educação não compreende somente a transmissão de estudos técnicos, mas também sócio-culturais que viabilizam equilíbrio e facilita no processo de sociabilização do indivíduo perante a sociedade e seus costumes, sendo este último conhecido como endocultura.

Salienta-se que educação e ensino são conceitos distintos, por isso não deve conceituar-se a educação à distância como ensino a distância. Trata-se de ensino o ato de designar, mostrar coisas, deriva do latim in+signare, ou seja, tem-se ensino como uma forma sistemática de transmissão de conhecimentos utilizada pelo homem para instituir e educar seus semelhantes, de onde conclui-se que ensino é o meio para chegar a educação.

A educação pode ser transmitida na forma de educação presencial, semi-presencial e a distância, sendo este último o objeto de nosso estudo. Observa-se que embora seja uma modalidade já exercida há alguns séculos nos países mais desenvolvidos, nos quais o índice de alfabetização é elevado, conforme depreende-se no gráfico abaixo, no Brasil, a educação a distância ganhou fôlego nas últimas décadas.



(Disponível em: www.wikipedia.com.br Acesso em 28/10/2010 às 14:50)

Nota-se que nos países mais desenvolvidos, onde a Educação À Distância já é uma prática comum desde o Séc. XVIII, o índice de analfabetismo é muito menor do que nos países ainda em desenvolvimento. A educação à distância pode ser vista, especialmente, como um facilitador ao acesso ao ensino, pelo fator tempo x espaço, bem como pela gama de tecnologia colocada à disposição do discente e do docente comparado aos séculos passados em que esta metodologia funcionava através da troca de correspondência.

Ressalta-se que mesmo antes da isntitucionalização da Educação à Distância, na Grécia Antiga e em Roma já existiam redes de comunicação para a troca de informações e estudos filosóficos, vislumbra-se nestes atos a formação da educação à distância mesmo que ainda de maneira infromal.

Já no Séc. XIX, quando da sua institucionalização, já se percebia nos continentes europeu e norte-americano a prática difundida da educação a distância que ocorria em sua forma mais primitiva que era a correspondência. A utilização de um serviço público – qual seja o correio – era essencial para a troca de conhecimento, instruções e lições enviadas pelos docentes aos seus discentes e vice-versa. O sucesso desta modalidade ocorria principalmente nas áreas mais isoladas destes continentes, bem como para aqueles que não reuniam condições de acessibilidade aos cursos tradicionais (presenciais). Com o passar do tempo, outros meios de comunicação foram agregados a educação a distância, como por exemplo o uso do rádio transmissor.

Inoportunamente, ao agregar mais meios de comunicação a modalidade de ensino à distância esta adquiriu passou a sofrer preconceito social e ficou conhecida como uma forma barata a e de baixa qualidade de ensino, devendo ser utilizada pelas classes sociais menos favorecidas. Este fenômeno causou efei-

tos desfavoráveis a esta modalidade de ensino que passou a ser menos aplicada, perdendo força ao longo dos anos. Porém, com a atribulada vida que as pessoas costumam ter na atualidade, a educação a distância ganhou novo folego, sendo novamente reconhecida como modalidade de educação capaz de fornecer um estudo de qualidade comparado as instituições de ensino que oferecem o ensino na modalidade de educação presencial.

O presente estudo justifica-se pela importância da variadas formas de transmissão de educação e métodos de ensino na qual se insere a Educação a Distância como forma de democratização do ensino nas diversas classes sociais.

Tem como objetivo geral demonstrar a existência da modalidade de educação a distância já nos séculos passados, sendo errada a idéia de um ensino moderno, posto que a evolução foi dos meios utilizados e não da metodologia.

Apresentam-se como objetivos específicos demonstrar a evolução, queda e ascensão da educação a distância, demonstrar a evolução tecnológica dos canais de comunicação como ferramenta dos discentes e docentes da educação a distância, e comprovar a qualidade da educação a distância que se encontra no mesmo nível qualitativo que a educação presencial, desmistificando o preconceito da educação a distância como meio barato e de baixa qualidade de ensino.

A Metodologia de Pesquisa utilizada para este estudo será de cunho bibliográfico, tendo em vista a enorme gama de obras literárias sobre o tema Educação à Distância.

A Queda e ascensão da educação a distância

Como mencionado na introdução deste estudo, pode-se verificar que a Educação a Distância já existe há muitos séculos, sendo difundida, inicial e primordialmente, nos continentes europeu e norte-americano, onde se tornou uma modalidade institucionalizada de ensino.

Efetuada inicialmente através de correspondência, com a crescente tecnologia dos meios de comunicação, passou a ser vista como uma educação de baixo custo e qualidade. Porém, após o fim da Primeira Guerra Mundial, novas iniciativas surgiram para melhorar a educação a distância, conseqüência de uma demanda social por educação, o que tornou favorável a democratização do ensino para todas as classes sociais, permitindo o atendimento de uma grande massa de discentes.

Segundo Willian Harper, Reitor da conceituada Universidade de Chicago, em discurso proferido em 1886, a educação a distância alcançará um nível de excelência e de demanda que em certo momento da história superará o ensino presencial, mencionou que chegará o dia em que o volume da instrução recebida por correspondência será maior do que o transmitido nas aulas de nossas academias e escolas; em que o número dos estudantes por correspondência ultrapassará o dos presenciais.

Com a afirmação acima feita por Willian Harper, pode-se verificar sua visão pioneira sobre o tema, já que conseguiu identificar o fator característico desta modalidade, qual seja o estabelecimento de uma comunicação por vias variadas e de produção infinita, já que a tecnologia avança mais e mais a cada dia, superando qualquer dificuldade imposta pela distância, tempo, espaço e presença física do discente.

Com a crescente fomentação tecnológica e incentivos governamentais e privados, os meios de comunicação são cada vez mais modernos, permitindo em muitos deles o estabelecimento desta relação em tempo real.

Antes, a tecnologia e o crescente aumento dos mais diversos meios de comunicação, que foram considerados fatores preponderantes para a “marginalização” da Educação a distância hodiernamente apresenta-se como seu maior aliado. Quem tem tecnologia detém o poder, e quem detém o poder, consequentemente atrai mais clientes, neste caso, o discente em busca de conhecimento, já que seria impossível para uma instituição de ensino presencial investir em meios de comunicação, sem que tivesse um alto custo financeiro, tendo como um fator de dificuldade o limitador de discentes em razão do espaço físico, por exemplo.

A EaD no Brasil: características e importância sócio-educacional

A modalidade de educação a Distância concentra-se em quatro pilares basilares publicados pela UNESCO (United F. C. Educational, Scientific and Cultural Organization) – que tem como objetivo a contribuição para a paz e segurança mundial através da educação dos povos, ciência, cultura e comunicação – quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

A Educação a Distância busca no aluno não um indivíduo autodidata, mas sim um indivíduo que vá além dos limites impostos, que vença os desafios da barreira tempo x espaço, contextualizando o ensino com a sociedade em que vive e sua experiência de vida. O aluno passa de espectador à personagem atuante na relação discente x docente, o que só ocorre na forma presencial quando o aluno é inquirido pelo docente.

No mundo moderno são diversos os canais de comunicação utilizados como ferramenta EaD, especialmente as das tecnologias de informação e comunicação – TICs e e-learning, que se apresentam como estratégia para democratizar e elevar o padrão de qualidade da formação de profissionais e a melhoria de qualidade da educação brasileira. Além do aspecto educacional, nos países de menor desenvolvimento sócio-cultural, a Educação a Distância contribui para outro fator relevante, qual seja a inclusão digital.

A Educação a Distância pode ser apresentada basicamente em três gerações, conforme os avanços e recursos tecnológicos e de comunicação de cada época, a saber, conforme apresentação do site wikipedia, a seguir:

- **Primeira geração:** Ensino por correspondência, caracterizada pelo material impresso iniciado no Séc. XIX. Nesta modalidade, por exemplo, o pioneiro no Brasil é o Instituto Monitor que, em 1939, ofereceu o primeiro curso por correspondência, de Radiotécnico. Em seguida, temos o Instituto Universal Brasileiro atuando há mais de dezenas de anos nesta modalidade educativa, no país.
- **Segunda geração:** Teleducação/Telecursos, com o recurso aos programas radiofônicos e televisivos, aulas expositivas, fitas de vídeo e material impresso. A comunicação síncrona predominou neste período. Nesta fase, por exemplo, destacaram-se a teleescola em Portugal e o Projeto Monerva no Brasil;
- **Terceira geração:** Ambientes interativos, com a eliminação do tempo fixo para o acesso à educação, a comunicação é assíncrona em tempos diferentes e as informações são armazenadas e acessadas em tempos diferentes sem perder a interatividade. As inovações da World Wide Web possibilitaram avanços na educação a distância nesta geração do Séc. XXI. Hoje os meios disponíveis são: conference calls, chats, fóruns de discussão, correio, e-mail, blogs, plataformas acadêmicas e ambientes virtuais especializados, além das tele-aulas que possibilitam interação multidirecional entre alunos e tutores, provocando a expansão do ensino através dos meios de comunicação em massa, facilitando e democratizando o ensino.

(Disponível em: www.wikipedia.com.br Acesso em 28/10/2010 às 15:15)

O histórico da educação a distância no Brasil iniciou-se em com o Instituto Rádio Técnico Monitor, atualmente conhecido como Instituto Monitor, após esta prática passou a ser difundida pelos Institutos Universal Brasileiro e Padre Réus. Porém, tais resultados não foram relevantes para o aceite governamental desta modalidade de ensino. Atualmente, a realidade é outra, posto que o governo estabeleceu normas sobre esta modalidade de educação e a fiscaliza

O movimento de mais repercussão na área foi a criação do Telecurso Segundo Grau, uma iniciativa da Fundação Roberto Marinho, que utilizava um canal televisivo de sua propriedade para difusão das aulas e conteúdo acadêmico para ensino médio e fundamental.

Com o advento da internet, várias foram as instituições de ensino privado que aderiram a metodologia de ensino a distância, renovando esta modalidade e permitindo a democratização do ensino com qualidade e baixo custo.

Conclusão

Diante do exposto, conclui-se que a Educação a Distância é modalidade de ensino existente desde os primeiros tempos da manifestação de relação social entre indivíduos separados pela distância geográfica, uma vez que não havia canais de comunicação que encurtassem as distâncias ou pudessem ser transmitidas em tempo real, salvo quando aluno e professores estivessem em mesmo local. Trata-se ainda de modalidade de ensino que permite a democratização por ser agente facilitador daqueles que não possuem têm condições de estudar através da modalidade de ensino presencial. Restou comprovado que a educação a distância teve seu auge no Séc. XIX, passou por um período de marginalização, em razão de uma falsa afirmação de que se tratava de um ensino barato e de baixa qualidade, e voltou ao seu auge em razão de uma necessidade do mundo moderno, onde o indivíduo precisa aprender, mas não dispõe de tempo para a educação presencial, tendo como fator determinante a evolução tecnológica que outrora também foi responsável pela sua caracterização como ensino de baixo custo e de má-qualidade.

Além do fator tempo x espaço, a Educação a Distância contribuiu, especialmente, nos países em desenvolvimento, para a inclusão digital e para a redução do índice de analfabetismo e aumento do ingresso de discentes de classes sociais menos favorecidas no ensino superior.

A prova de que a Educação a Distância ocupa um lugar de destaque no meio acadêmico e encontra-se em mesmo patamar de qualidade que o ensino presencial é o fato de que não há distinção nos diplomas e certificados emitidos pelas instituições de ensino, ou seja, não há identificação quanto à forma de realização de seus estudos, já que ambos contemplam as normas e regulamentações impostas pelo MEC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. B. Incorporação da tecnologia de informação na escola: vencendo desafios, articulando saberes, tecendo a rede. In Moraes, M. C. (org.). *Educação à distância: fundamentos e práticas*. Campinas, SP: NIED/Unicamp, 2002.

_____. *Tecnologia de informação e comunicação na escola: novos horizontes na produção escrita*. PUC/SP. 2002. mimeo.

_____. Formando professores para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem. In: Almeida, F. J. (coord). Projeto Nave. Educação a distância. Formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem. São Paulo: s.n., 2001.

ALEMIDA, F. J. E ALMEIDA, M. E. B. Avaliação em meio digital: novos espaços e outros tempos. São Paulo: PUC/SPCED, 2003 (no prelo).

MORAES, M. C. O Paradigma Educacional Emergente. Campinas, Papirus, 1997.

SILVA, M. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

Educação a Distância. (Disponível em: www.wikipedia.com.br Acesso em 28/10/2010 às 14:50)

Ensino. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/> Acesso em 28/10/2010 às 13:00)

* Advogada, Mestranda pela UNIMAR –SP, Pós-Graduada em Direito e Processo Civil, Direito do Consumidor e Responsabilidade Civil, Direito Constitucional Contemporâneo. MBA em Gestão de Negócios com ênfase em IES. Professora Titular da Faculdade de Direito da Universidade Estácio de Sá e Orientadora Acadêmica da Faculdade Internacional Signorelli nos cursos de Pós-Graduação na Modalidade a Distância.

As Ciências Sociais na EAD: A Questão da Teoria e da Experiência

“Faço questão enorme de ser um homem de meu tempo
e não um homem exilado dele”
(FREIRE, 1984a, p.1).

Karina Arroyo Cruz Gomes Pereira
Especialista em Sociologia pelo Instituto de Gestão Educacional Signorell;
Bacharel em Ciências Sociais pelo Instituto de Humanidades
da Universidade Cândido Mendes.

Resumo

Ao me enveredar por entre as diversas possibilidades sociológicas e antropológicas que me são apresentadas ante a modernidade global e, ao amálgama de modalidades de ensino que convivem harmoniosamente com a dinâmica do mercado de trabalho, célere e eficaz em seus conceitos e práticas, em uma torrenciosa disputa social, dou-me conta que as Ciências Sociais na EaD é um caso à parte, digno de ser estudado, em razão da sua importância epistemológica, corroborada por fatos sociais repletos de sentido, capazes de nos situar no atual contexto socio-histórico, sem os quais deixamos de ser sujeitos ativos e nossas ações tornam-se desprovidas de sentido. Logo, faz-se indispensável a qualquer graduação o conhecimento teórico e a aplicabilidade prática das Ciências Sociais no contexto atual. A formação acadêmica, desde a Modernidade, preocupou-se em inculcar valores morais e cívicos no cotidiano discente, contudo, nem sempre damos conta, da importância deste situar socioantropológico nas relações sociais. Proporcionar esse conhecimento propedêutico das Ciências Humanas por meio da EaD, traz uma dicotomia na discussão entre teoria e prática, no sentido de que somente exercendo as relações sociais no âmbito acadêmico pode-se compreender de fato as teorias do fato social e da cultura ou, em contrapartida, apenas o conhecimento teórico ampliariam as perspectivas de mundo.

Palavras-chave: Ciências sociais. Ead. Teoria-prática.

Resumen

Cuando voy hacia abajo entre las muchas posibilidades sociológicas y antropológicas que se presentan a mí en la cara de la modernidad global y la fusión de las modalidades de aprendizaje que coexisten armoniosamente en el mercado de trabajo dinámico, rápido y eficaz en sus conceptos y prácticas en un torrente conflicto social, me doy cuenta que es una historia diferente, digno de ser estudiado, las ciencias sociales en el DL, cubierto de importancia epistemológica, apoyada por los hechos sociales llena de sentido, capaz de situarnos en el actual contexto socio-histórico, sin que dejen de ser ciudadanos activos y nuestras acciones sin sentido. Por lo tanto, es indispensable tener conocimientos de pregrado teórico y aplicación práctica de las Ciencias Sociales en el contexto actual. La educación que se imparte la modernidad, se ha preocupado por inculcar valores morales y cívicos en la vida cotidiana de los alumnos, sin embargo, no siempre somos conscientes de la importancia de este lugar socio-antropológica de las relaciones sociales. Proporcionar el conocimiento de Humanidades de introducción a través de la educación a distancia, ofrece un debate sobre la dicotomía entre la teoría y la práctica, en el sentido de que sólo mediante el ejercicio de las relaciones sociales dentro del contexto académico pueden realmente entender las teorías de la realidad social y cultural o en Sin embargo, sólo los conocimientos teóricos que amplíen las perspectivas del mundo.

Palabras-clave: Ciencias sociales. EAD. La teoría y La práctica.

1 Introdução

1.2 A Exposição dos conceitos e a vivência social

Nas Ciências Sociais como um todo e, especialmente, na Sociologia, a explanação de uma aula proporciona diversos benefícios profícuos, haja vista, a experiência passada pelo professor no trabalho de campo, o que instiga a curiosidade no trabalho, fomenta a formulação de questões sobre a pesquisa e inspira semelhantes posturas ante o objeto a ser explorado. Na sociologia, todo e qualquer caso humano, ou fator que englobe mais de um sujeito na atividade, requer análise e pode dar um enorme estudo fantástico apoiado em teorias socio-históricas, que por sua vez, originam novas teses que nos façam compreender, de forma mais justa e imparcial, todo um ritual ou processo social, tornando-nos, com isso, mais afeitos à compreensão social, à tolerância e à constatações de toda ordem.

Conhecer e entender a matriz histórica dos fundamentos da Sociologia nos situa em relação à História das Ciências Humanas e nos faz perceber a importância da pesquisa de campo para compreender os fatos e fenômenos sociais, prevê-los e contextualizá-los em diferentes *ethos*. (GEERTZ, 2000, tradução nossa) Além disso, os fundamentos sociológicos embasam toda a variedade de disciplinas que buscam compreender o homem e organizá-lo no meio ambiente. (FILHO, 2003)

A sua aplicabilidade prática se encerra nesse fato, ou seja, por meio de seus conceitos teórico-metodológicos, permitem que outras ciências como a Psicologia, a História e a Pedagogia, para citar alguns exemplos, desenvolvam em sua práxis cuidados com a questão social e, por conseguinte, considerem esse fator como determinante nos círculos sociais nos quais seus pacientes ou alunos convivem e, portanto, traz arraigado em seus comportamentos e paradigmas, tendências culturais próprias e herméticas. Tanto para trabalhar quanto para pesquisar objetos no campo das Ciências Humanas sabe-se que não se pode menosprezar o peso e a influência dos fundamentos sociológicos inerentes a todo e qualquer fato social que permeie tais ciências.

O grande desafio é que a aula nos proporciona toda essa vasta gama de possibilidades e compromete nossos sentidos com a causa sociológica, por outro lado, a disciplina quando oferecida na modalidade à distância (EaD), por meio da leitura nos transmite, talvez com maior precisão, pequenos detalhes, que, para um olhar sociológico repleto de nuances comportamentais, onde ainda , por seus

diversos prismas e decomposições de gestos, olhares, palavras, simbolismo trazem em seu bojo várias possibilidades de semântica e, portanto, o que para um primeiro olhar poderia ser caracterizado de uma determinada maneira, pode por intermédio de uma leitura atenta e detalhada configurar-se em outro fenômeno social. Portanto, enquanto a aula expositiva instiga mentes à pesquisa e fornece substrato para a *práxis*, a aula EAD, essencialmente teórica, garante um acesso permanente e muito mais específico (detalhes que escapam na fala corrida), dos detalhes tão cheios de significado.

2 Questões atuais de sociologia: Práticas versus teoria

Nos autores clássicos da Sociologia encontramos muitas das questões referentes à educação que se mostram atuais e relevantes. Para ilustrar essa afirmação, resgato, de uma maneira sucinta, as contribuições de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber.

A atualidade do pensamento de Marx tem sido amplamente discutida nos debates sobre educação e trabalho tendo como base a concepção de educação politécnica, em que ele defendeu a integração de uma educação humanista, tecnológica e corporal (OLIVEIRA, 2003). A educação, como um elemento que contribui para a superação da crise do ordenamento social, faz parte da análise de Durkheim. O momento atual de reestruturação produtiva e globalização da economia propicia um fecundo debate acerca da análise do autor sobre a divisão do trabalho e o papel da educação nesse contexto. Weber também é um autor que possibilita um rico debate sobre temas atuais da educação.

Para ilustrar esse aspecto, recorro à sua análise sobre a burocracia como um elemento que promove o desenvolvimento de uma “objetividade racional”, acarretando efeitos na natureza do treinamento e da educação. Os diferentes tipos de exames a que os estudantes são submetidos ilustram essa afirmação. As instituições educacionais de nível superior e médio, além de produzirem um sistema de exames especiais, priorizam essa especialização requerida pela burocracia. Weber afirma que existe uma ambivalência em relação aos exames nas sociedades democráticas. Se por um lado, a seleção pelos exames possibilita que indivíduos de camadas sociais distintas tenham acesso a posições privilegiadas na sociedade, por outro, esse sistema pode resultar numa casta privilegiada. A burocratização do capitalismo, com sua exigência de técnicos, funcionários preparados com especialização, generalizou o sistema de exames em todo o mundo. Os títulos educacionais, obtidos por meio desses exames, são símbolos de prestígio social e, muitas vezes, são utilizados como meios de obter vantagem econômica.

“Dessa forma, nas sociedades modernas, a especialização dos indivíduos passa a ser indispensável para o ingresso nas instituições públicas e privadas.” (NEY,2010, p.35) Convém ressaltar que a influência de Weber em questões relativas à educação tem sido um tema pouco abordado tanto em estudos na área de educação quanto na de Sociologia; inclusive, uma escassez de estudos que abordem sua influência na produção teórica da Sociologia da Educação contemporânea.

Dos três fundadores da Sociologia da Educação, apenas um, Émile Durkheim, possui uma Sociologia da Educação sistematizada em obras específicas desse tema - *Educação e Sociologia*; *A evolução pedagógica na França e Educação Moral*. Nem Karl Marx nem Max Weber dedicaram um texto específico à educação que pudesse dar origem à Sociologia da Educação como vertente da disciplina. Essa ausência não impediu, todavia, que, depois deles, houvesse sociólogos que se fundamentassem nos excertos desses pensadores para estudar o fenômeno educativo. A influência de Weber na Sociologia contemporânea se faz presente, entre outros autores, na abordagem da teoria da ação, de Talcott Parsons, nas noções de campo e de violência simbólica, de Pierre Bourdieu & Jean Claude Passeron, e na noção de efeitos perversos da ação social, de Raymond Boudon.

Sem desconhecer e nem desconsiderar a importância da obra de Weber para a Sociologia Europeia e Americana, resalto que ainda são poucos os estudos que abordam a influência do autor na Sociologia da Educação. E mais raros ainda são os estudos que abordam sua influência na produção teórica dos sociólogos nacionais. Portanto, para exponenciar questões atuais de Sociologia, que têm a ver com Educação, desenvolvimento social e econômico, nada melhor do que relembrar as questões acerca da burocratização, da dialética, violência simbólica, resultado direto da sociedade de classes, e ação social. Estudar esses autores e contextualizá-los na sociedade coeva, é condição sine qua non para compreender e analisar os fatos sociais atuais.

3 A Importância da EaD no cenário acadêmico

Atualmente, todo processo educacional diz respeito à tecnologia. Nesse sentido, a educação a distância tem se desenvolvido paralelamente, com as tecnologias de comunicação, ou seja, utilizando as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). A pedagogia moderna afirma que se deve estimular o aluno a buscar soluções em grupo, por meio de diálogo entre alunos e professores, e pelo estudo tendo como base questões que impliquem o desenvolvimento de destrezas cognitivas de avaliação, análise e síntese; e não mais a memorização inerte. Nesse sentido, a Pedagogia tradicional perdeu sua força em razão desse fator limitante, Freire é o expoente da autonomia nos estudos e na construção

do conhecimento, logo, um aluno formado é um aluno autônomo, crítico, capaz de formular hipóteses, manter um raciocínio lógico-científico e criticar dados e resultados, logo, um indivíduo consciente e ativo no mundo.

Na Sociologia, por sua, vez, interagir com as novas tecnologias, amplia o entendimento social, ratifica a rede complexa de informações em movimento e possibilita leituras sobre o comportamento social ante a novas modalidades de relacionamento. Para a Sociologia, isso é excelente, visto que as tecnologias e seus impactos sociais são o um substrato indispensável para as análises sociais do profissional. No EaD, os meios podem ser utilizados tanto para o acesso ao conteúdo quanto como objeto de estudo. Nesse caso, se cai em um caso clássico da Antropologia, a observação participativa, um método extremamente rico para o estudo socioantropológico, em que, o indivíduo atua, representa e analisa enquanto age. É um mister de experiência, lazer, cultura e conhecimento profícuo à disciplina.

Logo, a discussão dos prós e contras há de permanecer por longo tempo. Nesse contexto, os sociólogos, atear-se-ão às aulas expositivas, concatenadas aos textos clássicos, não dispensando depois da leitura, um discurso do professor, atrelando todo o conteúdo textual a uma pesquisa de campo em que se aplicam vários casos do texto lido. Os questionamentos que surgem são diversos que devem ser respondidos com cuidado, aliando sempre o rigor científico à liberdade subjetiva própria dos humanistas.

Embora haja uma supremacia irrestrita dos meios técnico-científicos no ambiente pedagógico, resalto e relevo como ponto fulcral para o desenvolvimento profícuo do indivíduo, e, por conseguinte, de todo o processo educativo, os valores morais coletivos, que norteiam a vida social e marcam, notadamente, as relações interpessoais e as questões de autonomia crítica do aprendente, haja vista que englobam questões subjetivas, nas quais o docente deverá ter o domínio adequado e eficaz para intervir produtivamente no processo de apreensão dos conteúdos.

Sabe-se há muito a importância da autonomia reflexiva do discente, principalmente no ensino superior, que visa, em última medida, à formação de pesquisadores capazes de empreender, com êxito, conclusões empíricas no campo das ciências humanas, nas artes e nas ciências exatas. Todavia, essa autonomia crítica, imprescindível mesmo no ensino técnico, não surge por um ímpeto individual, sem estímulo ou principalmente sem embasamento psicossocial, portanto, é nesse ponto, que ratifico a importância do “saber ser”, acima de qualquer outro pilar didático.

Principia-se por lograr êxito na vida acadêmica, a partir do momento que a capacidade de individualidade afetiva, intelectual e social encontra-se plena e perfeita, capaz, sobretudo, de ser exercida em sala de aula, um reproduzidor em menor escala do ambiente social que cerca o aluno. Pode-se citar, com esse últi-

mo exemplo, a Escola Ativa, pragmática, que busca recriar o ambiente social no diminuto campo da sala de aula, produzida para que o aluno se defronte com as dificuldades cotidianas, e com exercícios que aprimorem a busca de soluções individuais e originais que tragam boas soluções a todos. Apesar de ser um ensino personalizado e atualmente difícil de ser implementado em escolas e universidades públicas, no mundo hodierno poderia ser uma excelente alternativa à enxurrada tecnológica, que exige atitudes, decisões e uma sólida independência reflexiva e afetiva do indivíduo, imerso na exigente agilidade contemporânea. Tal exemplo embasa a afirmação da suma importância de uma sólida, porém flexível ou adaptável formação moral, onde juízos de valor não são simplesmente reproduzidos, na dicotomia bem ou mal, atrelada à recompensa ou castigo, mas no exercício da liberdade psíquica, onde os corolários negativos levam o aluno a perceber o quão de demérito alguns valores morais podem trazer à vida social, portanto, os juízos morais são exercitados conscientemente, como um imperativo categórico, ou seja, agir de tal forma, que todos possam repetir esse gesto, inclusive, com você, de tal forma que se torne uma norma universal, logo os juízos de valor são socialmente construídos, por meio da reflexão e da conclusão que o respeito à coletividade e às instituições são de fato, importantes e bem-vindas ao meio social.

Nesse ínterim, compreender os processos sociais, garantir a autonomia reflexiva e articulá-los aos juízos de valor são, sem dúvida, mais difíceis em um ambiente virtual, onde esses fatores não podem vir atrelados automaticamente à teoria como se fossem em uma aula prática ou em exortações teóricas presenciais. Nesses casos, levanta-se a questão da eficiência social da EaD, haja vista que só no contato social e na *práxis* coletiva tais assuntos podem ser inculcados de maneira mais eficaz. Logo, ainda merecem destaques estudos nessas áreas, pois de maneira alguma o tema será esgotado apenas na constatação de que as aprovações oriundas de cursos na EaD são possíveis.

REFERÊNCIAS

FILHO, R.F. *Educação a distância: análise dos parâmetros legais e normativos*. São Paulo: DP&A, 2003.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Petrópolis: Vozes, 1984

GEERTZ, C. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

NEY, A. *Planejamento educacional*. Rio de Janeiro:IAVM, Instituto A Vez Do Mestre, 2010

OLIVEIRA, E.G. *Educação a distância na transição paradigmática*. São Paulo: Papyrus, 2003

Formação de Docente: Desafios da EAD no Brasil

Márcia Aparecida Figueiredo¹

Resumo

O Censo da Educação Superior de 2009 registrou a participação de 2.314 IES no país. A distribuição de IES por categoria administrativa se aproxima à verificada no ano anterior, com 89,4% de instituições privadas e 10,6% de instituições públicas, divididas entre federais (4,1%), estaduais (3,6%) e municipais (2,9%). É importante salientar que estão incluídas aqui todas as IES que oferecem cursos de graduação (presencial e a distância).

No cenário brasileiro, as Instituições do Ensino Superior (IES) possuem um quadro agravante de docentes sem a qualificação máxima essencial para a formação de universitários, ou seja, apenas 26,4% (89.850) são doutores num total de 340.817 docentes. Esta realidade ocorre porque poucos são os docentes privilegiados em dar continuidade a sua qualificação, mediante a condições financeiras desfavoráveis, disponibilidade de tempo devido à dedicação exclusiva, dificuldades em virtude da distância geográfica, etc. A Educação a Distância é um recurso relevante para amenizar este quadro, novas demandas estão à disposição do profissional docente na atualidade. Entre elas, as inovações tecnológicas que incidem diretamente sobre as práticas pedagógicas e exigem não só mudanças curriculares e metodológicas, mas novas atitudes frente a uma diversidade de formas de comunicação e de linguagens e suas conseqüências nos processos de ensino-aprendizagem. Considerando os aspectos de limites geográficos, tempo e condições financeiras; o docente terá disponibilidade a sua formação máxima sem fronteiras de limites e espaço, promovendo sua educação nos horários mais convenientes, podendo conciliar sua formação e a sua subsistência.

Palavras-chave: educação a distância, ensino-aprendizagem, ensino, docente.

¹ Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto/SP – marciaead@baraodemaua.br

Introdução

A problemática da formação dos profissionais, tanto inicial quanto continuada, tem sido motivo de reflexão e pesquisa, especialmente, nas últimas décadas. São considerados, por um lado, os problemas encontrados nos modelos vigentes de formação aliados às dificuldades no exercício profissional relacionadas com as condições efetivas de trabalho. Tendências gerais nas pesquisas sobre formação de profissionais apontam para a necessidade de prepará-lo para uma atuação reflexiva sobre sua prática, capaz de desenvolver ações participativas e questionadoras no seu espaço de atuação. Associar educação de qualidade à facilidade de acesso, transformar o curso on-line para capacitar os profissionais para titulação de doutores e contemplar comunidades onde não hajam pessoas capacitadas para desenvolver tal ensino, transformou-se em um desafio. Essa modalidade educativa permite a descentralização do conhecimento, pois seu custo é acessível e pode chegar aos mais diversos pontos do país, possibilitando, assim, uma maior difusão do saber. O cenário educacional contemporâneo mostra uma forte tendência: a crescente inserção dos métodos, técnicas e tecnologias de educação a distância em um sistema integrado de oferta de ensino. Novas tecnologias possibilitam ao indivíduo acesso a uma educação global, em que a inovação e a descoberta são etapas fundamentais do processo de aprendizagem. Muitas instituições de ensino superior estão abrindo caminhos a novas mudanças, oferecendo programas educacionais a distância tendo como uma das ferramentas a Internet. Esta modalidade de educação é a que mais vem crescendo nos últimos tempos. A tecnologia da informação tem o potencial de apoiar esse novo processo de educação, possibilitando aos alunos maior acessibilidade às informações com custos baixos, sem limites geográficos. (AUGUSTO, 2003)

A Educação a Distância (EaD) é um novo paradigma educacional. O ensino ocorre quando o professor e o aluno estão separados no tempo ou no espaço. O professor continua a definir e a delinear os conteúdos e a comunicação deve se dar bilateralmente, ou seja, o aluno deverá estar presente “virtualmente”, discutindo todo o processo de aprendizagem. (PALLOFF, PRATTI, 2002)

A EaD emergiu como novas ferramentas significativas para transpor as barreiras culturais, socioeconômicas e geográficas entre centros urbanos e comunidades desprovidas de informação. Seus benefícios incluem acesso rápido da informação para um grande número de profissionais da área da saúde. A essência da Educação a Distância no contexto deste estudo é a oferta de serviços e

informação em saúde para indivíduos em suas próprias comunidades excluindo a necessidade de locomoção para os centros de referência.

Metodologia

Estudo descritivo quantitativo através da análise do Censo da Educação Superior, 2009, **Sinopses estatísticas da educação superior**: graduação. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/sinopse_da_educacao_superior_2009.xls>.

Cenário dos docentes na Educação Superior no Brasil

A categoria “funções docentes” está relacionada aos docentes declarados pelas IES às quais estão vinculados. Portanto, é importante destacar que o número de funções docentes não corresponde, necessariamente, ao número de docentes, já que profissionais que trabalham em mais de uma instituição são declarados no censo por todas as IES nas quais exercem alguma função e, dessa forma, há a possibilidade de múltipla contagem de um mesmo docente.

Na formação de docentes observa-se que há estágios diferentes com sérios desdobramentos junto às classes sociais dentro de um mesmo país.

A quantidade de funções docentes em exercício no Brasil cresceu em 2009. Nesse ano foram observadas 340.817 funções docentes no ensino superior, um acréscimo de 19.324 em comparação com 2008, ou seja, de 5,7%.

A função docente no Brasil dos 340.817 docentes é: Sem Graduação 174 (0,05%); Graduação 27.921 (8,2%); Especialização 99.406 (29,17%); Mestrado 123.466 (36,23%); Doutorado 89.850 (26,36%).

Fonte: MEC/INEP/DEED

Com os dados acima concluímos que a grande maioria dos docentes na Educação Superior 73,6,0% não possui uma formação máxima, título de doutor, pode-se deduzir que os profissionais da educação não tenham tempo para o seu aprimoramento, sua formação profissional, os motivos são inúmeros: financeiros, dedicação exclusiva, limites geográficos, tempo, etc.

Dentre os professores de universidades, faculdades, centros universitários e institutos federais a titulação está distribuída da seguinte forma:

Fonte: MEC/INEP/DEED

De 2008 para 2009, a quantidade de funções docentes cresceu 6%; a maior demanda por professores universitários foi a de doutores (16%). O professor

padrão das instituições públicas é homem, tem 44 anos, é brasileiro, doutor e trabalha em regime integral. Já o docente de faculdade particular é mais jovem, com 34 anos, também homem e brasileiro, é mestre e trabalha em regime horista.

Regime de trabalho

Nas públicas, a maioria dos professores trabalham em tempo integral (78,9%); já nas particulares, a maioria é horista (53%) e só 21,5% está em regime integral. De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), do MEC (Ministério da Educação), é aconselhável que pelo menos um terço do corpo docente trabalhe em tempo integral.

A legislação também prevê que pelo menos um terço dos docentes seja mestre ou doutor; os dois tipos de instituições contemplam essa diretriz.

Os Docentes estão concentrados na Região Sudeste

Segundo o Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2009, 160.106 (47,0%) dos professores que atuam na educação superior brasileira estão concentrados na Região Sudeste, 63.519 (18,6%) na Região Sul, 65.935 (19,3%) na Região Nordeste, 29.896 (8,8%) na Região Centro-Oeste e 21.361 (6,3%) na Região Norte (ver gráfico a seguir).

Fonte: MEC/INEP/DEED

O Censo da Educação Superior de 2009 registrou a participação de 2.314 IES no país. A distribuição de IES por categoria administrativa se aproxima à verificada no ano anterior, com 89,4% de instituições privadas e 10,6% de instituições públicas, divididas entre federais (4,1%), estaduais (3,6%) e municipais (2,9%). É importante salientar que estão incluídas aqui todas as IES que oferecem cursos de graduação (presencial e a distância).

Lei 9.394 ainda não está sendo obedecida por todas as universidades

Outros importantes dados apresentados são quanto ao cumprimento à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), que determina, em seu artigo 52 que as universidades se caracterizam por possuírem um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado (inciso II) e também um terço do corpo docente em regime de tempo integral (inciso III). Segundo o artigo 88 da mesma Lei, desde dezembro de 2004, as Universidades Públicas e privadas deveriam estar cumprindo esta determinação da LDB.

Para minimizar este quadro agravante no Brasil que é a formação e a capacitação dos docentes a alternativa é a Educação a Distância.

Crescimento das matrículas em cursos de graduação a distância

Ano	Cursos EAD	Aluno EAD	Aluno presencial	Total da graduação
1995	1	352	1.759.351	1.759.703
2000	10	1.682	2.692.563	2.694.245
2001	16	5.359	3.025.395	3.030.754
2002	46	40.714	3.479.913	3.520.627
2003	52	49.911	3.887.022	3.936.933
2004	107	59.611	4.163.733	4.223.344
2005	189	114.642	4.453.156	4.567.798
2006	349	207.206	4.676.646	4.883.852
2007	408	369.766	4.880.381	5.250.147
2008	647	727.961	5.080.056	5.808.017

Fonte: Censo EAD.br 2009

Com relação ao ano de 2007, o total de ingressantes apresentou um aumento de 42,2% em 2008. O total de matrículas apresentou um crescimento alto nos últimos anos e, em 2008, chegou ao número de 727.961 matrículas, quase dobrando o número em relação ao ano anterior. Esse número de matrículas em cursos a distância representa 14,3% do total as matrículas dos cursos de graduação, incluindo os presenciais.

A Alternativa é a educação a distância

A Educação a Distância (EAD) está crescendo no Brasil. Esse crescimento é devido à lacuna que ela vem sanar àqueles que desejam iniciar ou dar continuidade aos seus estudos, mas que, por um motivo ou outro, não dispõem de condições de deslocamento físico.

Na EAD, temos a separação física entre professor e aluno, além de algumas facilidades como a utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) para transmitir os conteúdos e fazer o elo entre os alunos/professores. Na EAD é o próprio estudante que decide quando, como e onde estudar, ressaltando que a participação efetiva é vital para a interação com essa proposta.

Segundo Litto (2010), presidente da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância), “Muitas pessoas, até o dia da aposentadoria, farão cursos para melhorar sua posição no mercado de trabalho; outras farão cursos sobre assuntos que lhes proporcionem prazer pessoal, como línguas estrangeiras, literatura, psicologia e culinária. Com tantos interessados fazendo cursos por necessidade ou por diletantismo, é possível prever o surgimento de um novo setor econômico de grande importância no cenário nacional e internacional, dedicado à aprendizagem em todas as suas formas e sobre todas as áreas do conhecimento, em abordagens introdutórias, intermediárias e avançadas. Certamente, não faltará no futuro oportunidade de exercer o magistério para quem escolher o setor de aprendizagem” Litto (2010).

A Educação a Distância apresenta várias vantagens, e muitas destas se resumem a própria concretização e eficácia de seus objetivos e estão relacionadas diretamente à abertura, flexibilidade, formação permanente e personalizada, e à economia de recursos financeiros.

O ensino a distância é um modelo educacional que proporciona a aprendizagem sem os limites do “espaço ou do tempo” (anywhere, anytime). O cenário educacional pressupõe a existência de uma separação geográfica ou temporal entre professor e alunos, a utilização da tecnologia como instrumento de distribuição (exceto nos cursos por correspondência) e de comunicação educacional e o controle da aprendizagem pelo aluno. (Lima e Capitão, 2003).

O ensino a distância tem como objetivo promover a educação nos locais e nos horários mais convenientes para o aluno (Moore e Kearsley, 1996) destinando-se essencialmente a “adultos” dotados de maturidade e motivação suficientes para imporem a si próprios um regime de auto-aprendizagem.

Na Educação a Distância os alunos e o professor estão separados fisicamente.

A distribuição dos conteúdos e a comunicação entre os alunos e o professor são transportadas através da tecnologia da informação e comunicação.

O processo de construção e desenvolvimento de um curso a distância são proporcionados pela instituição de ensino com profissionais de domínio de

conhecimento como: professores, designer instrucional, web designer, programador, monitoria, tutoria.

O processo ensino-aprendizado é controlado pelo aluno no seu tempo de estudo, ele determina o conteúdo a estudar, o tempo e o ritmo aprendizagem.

Ensino-aprendizagem

A introdução das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), particularmente a Internet, impulsionaram uma modernização drástica no processo ensino-aprendizagem para que a educação enfrente com êxito os desafios da era digital. É necessário que todos os indivíduos sejam educados para a sociedade da informação e do conhecimento e se tornem adeptos de uma aprendizagem ao longo da vida (Chute et al., 1999; Moore e Thompson, 1997) para que sejam trabalhadores de conhecimento (knowledge workers) de sucesso (Gates, 1999). Por outro lado, é às instituições de ensino ou formação que cabe a tarefa de preparar os seus educandos para as novas competências da era digital e de, simultaneamente, fomentar-lhes a aprendizagem dos pilares do conhecimento que sustentarão a sua aprendizagem ao longo da vida: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comum, aprender a ser (Missão para a Sociedade da Informação, 1997).

Paradigma atual do ensino-aprendizagem reformula a filosofia pedagógica, o papel da instituição de ensino, os conteúdos, o papel a desempenhar por professores e alunos, e a avaliação dos alunos.

A filosofia pedagógica: O conhecimento é construído pelo próprio aluno “Construtivismo” A aprendizagem é um processo intelectual e social e é influenciada pela cultura e pela interação da base de conhecimentos do aluno com as novas experiências de aprendizagem. Aprendizagem centrada e controlada pelo aluno. Aprendizagem integrada com fatos reais. Aprendizagem cooperativa e trabalho em equipe. Estilos de aprendizagem heterogêneos.

Instituição de ensino: “Centro de recursos de aprendizagem disseminados”. Preparar os alunos para a sociedade do conhecimento e a formação ao longo da vida em diversas atividades profissionais. Ensino centrado na quantidade e qualidade da aprendizagem.

Conteúdos: São essencialmente centrados no aluno e em casos reais.

Personalizados. Diversidade (conteúdos e atividades de aprendizagem).

Dinâmicos. Acesso a uma infinidade de informações globais.

Papel do professor: É prestar auxílio mútuo. Agente facilitador da aprendizagem. Integrar experiências reais com contextos relevantes – aprendizagem integrada. Ensinar a pesquisar, selecionar, relacionar entre si, analisar, sintetizar e aplicar informação. Despertar interesse a curiosidade, induzir ao aprendizado. Promover o trabalho em equipe. Fomentar a aprendizagem cooperativa, o diá-

logo social e democrático e a análise de múltiplas perspectivas. Desenvolver o espírito crítico. Desenvolver a autonomia ativar a liberdade intelectual.

Papel do aluno: Construtor ativo do conhecimento. Aprender a construir o seu próprio conhecimento. Trabalhar de modo cooperativo.

Manifestar pensamento crítico. Iniciativa e diversidade de perspectivas.

Avaliação: Fundamentada no desempenho (Chute et al., 1999), demonstrado em trabalhos de projetos, e que compreende o saber investigar, saber organizar, saber analisar, saber fazer e enfatiza o trabalho cooperativo e o espírito crítico revelado pelo aluno. Desta forma, a avaliação reúne os aspectos cognitivos e sociais da aprendizagem.

Dicotomia entre ensino presencial e o ensino a distância

O Ensino Presencial um paradigma tradicional de educação ou formação e, como tal, engloba o ensino e a aprendizagem. Os alunos e o docente têm estar presente fisicamente nas salas de aula, com horários pré-estabelecidos, no mesmo espaço geográfico.

O ensino é ministrado pelo professor: o professor transmite informação e conhecimento dirigindo-se, em simultâneo, a toda a classe (Chute, Thompson e Hancock, 1999; Khan, 1997); o ensino individualizado ou orientado a pequenos grupos ocorre com menos frequência (Khan, 1997), pois a aula decorre no mesmo período de tempo para todos os alunos.

O professor aplica técnicas de entoação de voz e expressões corporais (gestos, movimentos dos olhos, expressões da face) para salientar conceitos importantes (Moore e Thompson, 1997); por vezes, emprega meios tecnológicos como diapositivos, vídeos, enciclopédias eletrônicas e visitas a endereços na Internet, que o apóiam na divulgação da informação e do conhecimento.

Chute, Thompson e Hancock referem que o ensino presencial continuará a ser apropriado, e até necessário, para lecionar determinados conteúdos e para algumas camadas da população de estudantes (Chute et al., 1999).

A teoria da Educação a Distância, em geral, tem um panorama como algo complexo, abstrato, ameaçador e de difícil acesso, entretanto com práticas desenvolvidas em muitas IES tornou-se um recurso de acesso aos profissionais que necessitam de uma capacitação indispensável ao mercado de trabalho.

Metodologia para construção de um curso a distância.

As Instituições de Ensino Superior (IES) estão em um processo de transformação no que se refere à metodologia de ensino e à construção de cursos a distância. As IES privadas estão à frente deste novo paradigma de ensino.

As relações de ensino e aprendizagem remontam a algum tempo e historicamente adquiriram grande valor em dadas situações educacionais que se refletiram não apenas ao ensino tradicional, aquele limitado à sala de aula.

A escola não é o único lugar onde a educação acontece, ou a única fonte de aprendizagem (Maia, 2005). Para ser uma situação de ensino e aprendizagem, de acordo com Piletti (1997), basta que se tenha uma atitude científica diante da realidade e esta postura é a geradora do progresso tecnológico e educacional.

Nesse sentido a metodologia desenvolvida em cursos de EaD deve ter como foco ações didático/pedagógicas orientadas pelos seguintes princípios:

1. Foco na aprendizagem do aluno - compreensão e desenvolvimento das atividades da educação a distância tendo como núcleo o contexto, visando o perfil e as necessidades dos alunos;

2. Desenvolvimento dos Processos interativos - emprego de metodologias e ferramentas de comunicação e interação de modo a garantir a interatividade alunos, docentes, suporte técnico e gestores dessa modalidade, possibilitando a formação de uma comunidade de aprendizagem e prática;

3. Autonomia de Estudo- Criação do desenho pedagógico e implementação de estratégias tecnológicas com o objetivo de envolver os alunos no desenvolvimento de novas competências e habilidades de forma a possibilitar o trabalho colaborativo na resolução de problemas e na pesquisa.

Considerações finais

Considerando o grande número de docentes atuando sem qualificação adequada, aliada à exigência legal, que não está sendo obedecida por todas IES, a Educação a Distância coloca a possibilidade da formação em serviço.

Assim os desafios da formação dos docentes no Brasil requerem mudanças referentes à tecnologia, a cultura, a linguagens, aos comportamentos redefinindo as relações espaços-temporais, através da informatização que cruza as fronteiras nacionais, que cria formas de produção e propagação de conhecimentos. Nós como IES, voltados às mudanças tecnológicas da educação, devemos utilizar essas novas metodologias, expostas neste trabalho, relacionadas à Educação a Distância, visando uma maior capacitação de docentes no meio acadêmico, enfrentando os anseios teóricos, os “medos” e desafiando as questões na prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, C. E. O conteúdo em ambientes digitais: algumas recomendações. **Tecnologia Educacional**. 23/24 (159/160):33-41, 2003.

CHUTE, Alan G.; THOMPSON, Melody M.; HANCOCK, Burton W. **The McGraw-Hill handbook of distance learning**. New York: McGraw-Hill, 1999.

HANNAFIN, Michael; LAND, Susan; OLIVER, Kevin. Open learning environments: foundations, methods and models. In: REIGELUTH, Charles M. **Instructional-design theories and models: a new paradigm of instructional theory**. University of Georgia: Lawrence Erlbaum Associates, 1999. p. 115-140.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Sinopses estatísticas da educação superior: graduação**. Disponível em: < http://www.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/sinopse_da_educacao_superior_2009.xls>. Acesso em: 12 jan. 2011.

KHAN, Badrul H. **Web-based instruction**. Englewood Cliffs, N. J.: Educational Technology Publications, 1997.

LIMA, Jorge Reis; CAPITÃO, Zélia. **E-learning e e-conteúdos**. Lisboa, Portugal: Centro Atlântico, 2003.

LITTO, Fredric M. **Aprendizagem à distância**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

MISSÃO PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Livro verde para a sociedade da informação**. Lisboa, Portugal: Missão para a Sociedade da Informação, 1997.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Distance education: a systems view**. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1996.

PALLOFF, R.M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

* **Márcia Aparecida Figueiredo** é Mestre em Educação pela USP/SP e Coordenadora Geral de Educação a Distância do Centro Universitário Barão de Mauá em Ribeiro Preto-SP.

Sobre la naturaleza de los estudios universitarios

Prof. Dr. Francisco Muscará

Introducción: ¿Degradación de la universidad?

Bajo este título, algunos profesores relatan la historia de la universidad en la vida de Occidente¹. Es que para ellos la esencia de la vida universitaria, su finalidad, no debe ser otra que *“la investigación y transmisión o docencia de la verdad en un nivel superior de la ciencia o de-revelación de sus causas en todas sus manifestaciones particulares y en su visión sapiencial de la Filosofía y de la Teología cristianas en la actual providencia del hombre que las integra o unifica en el plano fundamental de sus últimas causas”* (Cfr. Derisi (1980); Naturaleza y vida de la universidad, p. 20).

Según ellos, la Universidad no es una institución directamente ordenada a la acción sino que su naturaleza es eminentemente teórica o especulativa. El carácter académico, propio de los estudios universitarios consiste en que los distintos sectores de la ciencia y de la técnica se realicen con un deseo desinteresado de descubrir y encontrar la verdad. También en el obrar moral, es decir en todos los aspectos de la actividad práctica humana, la Universidad considera cuáles deben ser los principios que guíen las acciones humanas. Este es el espíritu que debe animar a toda la tarea universitaria porque la Universidad estudia la economía pero no es una empresa; estudia las técnicas en sus múltiples direcciones pero no es una fábrica; estudia la política pero no es un partido; estudia teología pero no es una religión.

Sólo en esta actitud teórica, en esta independencia respecto de cualquier fin utilitario, puede fundarse la libertad académica. Por eso, dice Caturelli (1964): *“La Universidad es ciencia que busca la sabiduría y el movimiento hacia la unidad (versus unum)”*

¹ Cfr. Montejano (h) (1979), *La Universidad*, p. 96. En la misma línea, podemos mencionar a Josef Pieper; Karl Jaspers; Francisco Vocos; Nicolás Derisi; Alberto Caturelli y muchos otros profesores universitarios

es idéntico con ella; luego, toda la vida académica es, en el fondo, un 'versus sapientiam', hacia la Sabiduría, porque ésta se sigue de la contemplación de toda Verdad... La Universidad, en cuanto comunidad académica, se orienta hacia la contemplación' (Cfr. La Universidad, p. 54).

Sin embargo, a ese modelo original de la Universidad medieval que buscaba realizar la síntesis entre las verdades de fe y las de razón puesto que reconocía a Dios como el primer principio de todas las cosas y primera causa del orden natural. A esa universidad medieval le seguirá la Universidad del Renacimiento que, dejando de lado la Revelación, pondrá su confianza en la razón humana como último fundamento de explicación de todo lo real. El cisma del cristianismo y, por consiguiente, de la unidad cultural; el inicio de la expansión de los estados nacionales y el progreso del pensamiento experimental determinó, en los albores de la Edad Moderna, la crisis de la Universidad Medieval.

La Universidad filosófica, antropocéntrica, conservó la unidad que establece la Filosofía con relación a las ciencias particulares pero perdió la posibilidad de alcanzar la universalidad del saber y de plantearse el problema del último fundamento del universo ya que *"sólo puede haber teoría en pleno sentido; sólo es realizable como actitud, cuando se considera al mundo como creación... es el culto lo que hace posible y constituye desde dentro esa libertad fáctica y jurídica de la 'scholé', que es a la vez ocio y escuela"* (Pieper, 1979)

A partir del desarrollo de las ciencias particulares surgirá un nuevo tipo de universidad, sin criterio ordenador de los estudios. Diversas personas estudiarán por su cuenta distintos asuntos: Bacon, Hobbes, Locke, Descartes, Pascal, Spinoza... Afirma Villey: *"En lugar de estudiar la naturaleza, de ensayar y comprender su estructura y sus caracteres esenciales, precisamente porque ellos constriyen su doctrina demasiado solitariamente, los autores modernos se complacen en sus ideas; y ellos constriyen sobre estas ideas sistemas, como los geometras embobinan sobre axiomas séquitos de teoremas: sistemas variados, que forman tantas doctrinas particulares como obras de arte personales. Ahora el mundo sería construido o bien a partir de conceptos llamados innatos, como el 'cogito' de Descartes, o bien de ideas que se dicen sacadas de la experiencia física, moral, religiosa, pero de una experiencia muy estrecha, propia de la especialización científica de cada autor. Hay tantos sistemas como profesores"* (Cit. por Montejano, op. cit., p. 98)

Al prescindir de los estudios teológicos y filosóficos, los universitarios se vuelven intelectuales especializados en un estrecho sector de la realidad; aún persiguen la búsqueda de la verdad pero han perdido la posibilidad de alcanzar la universalidad del saber y obtener la unidad de conocimientos dispersos².

A la Universidad Cientificista siguió la Universidad Profesional y aquí se

² Para comparar el conocimiento académico del filósofo con el del científico positivista, Pieper (1989) cita un párrafo de Carnap (1931): *"Todo se reduce a superficie; todo es accesible al hombre. Es una aberración preguntar siquiera por una raíz de las cosas, y sobre todo por su última razón y significado. En una palabra: no existe en absoluto ese misterioso objeto de la filosofía. Sólo hay objetos de la ciencia, y en todo rigor éstos son, sin excepción, objeto de la física"* (Cfr. En defensa de la Filosofía, p 20 y ss.)

nota claramente el cambio de finalidad. Ya no interesa tanto aprender cuanto alcanzar un título que habilite para trabajar. La nueva actitud fue descrita por Piero Calamandrei (1960): “*La instrucción no se busca ni se desea por el bien que da al espíritu; la buscan de prisa, sin amor y sin fe, los que ven en ella el único medio para obtener del Estado aquel milagroso carnet denominado, según los casos, títulos de bachiller, de licenciado o de doctor, que da derecho al que lo posee de comer pan por toda la vida... y no siendo lo que más importa aprender sino apoderarse del documento en el que está oficialmente escrito que se ha aprendido, se comprende fácilmente que en la aplicación de la ley del mínimo esfuerzo, los llamados estudios se hayan reducido a una serie de estratagemas encaminados a obtener sin fatiga el título*” (Cit. por Montejano, op. cit. p. 100).

El objetivo principal de este documento es preguntarnos si estas etapas históricas por las que atravesó la Universidad en la cultura de Occidente constituyen verdaderamente un proceso de *degradación* y, en ese caso, qué tendríamos que hacer ahora para rescatar, de alguna manera, su ideal inicial: la búsqueda desinteresada de la verdad. Pasaremos revista a las principales características del modelo fundacional en la Edad Media; de la Universidad Humboltiana; de la Educación del gentleman inglés; del modelo napoleónico y del modelo norteamericano. Terminaremos con una breve referencia a las universidades argentinas que siempre priorizaron la formación de profesionales y, por último, buscaremos en las recientes propuestas de la UNESCO algunas ideas que nos permitan pensar en un sistema de educación superior que, desde una actitud académica, busque mejorar la calidad de las instituciones que ofrecen carreras de formación profesional.

1. Origen de la vida universitaria en la edad media³

El antecedente más próximo de las universidades europeas fueron las escuelas episcopales o catedralicias que se caracterizaban por revalorizar la filosofía antigua. En estas escuelas se enseñaban las artes liberales⁴: *el trivium*: gramática, retórica y dialéctica; y el *quadrivium*: aritmética, geometría, música y astronomía de acuerdo con la organización que les había dado Boecio⁵. No obstante, estas es-

³ El Prof. Krotsch (2003) cita a Durkheim que afirma la importancia de estudiar los orígenes de las instituciones, de reconstruir el pasado, pues “*para entender bien el desarrollo de un ser vivo, para explicar las formas que presenta en los momentos sucesivos de su historia, habría que comenzar por conocer la constitución del germen inicial que es el punto de partida de toda su evolución...*” (Cfr. *Educación superior y reformas comparadas*, p. 57)

⁴ El estudio de la Filosofía se denomina “artes liberales” porque supone la necesaria libertad que debe tener el espíritu para investigar y buscar la verdad donde se encuentre. El hombre libre no está esclavizado en las sombras de lo cotidiano y no busca la “utilidad” como objetivo de su trabajo intelectual; esto es propio de las “artes mecánicas”

cuelas no configuraban una Universidad porque: a) las *facultades* no se integraban entre sí para constituir un cuerpo; b) los *cursos* no se desarrollaban con regularidad y de acuerdo a programas; c) los miembros de la comunidad no pertenecían a ella de una manera estable.

Las universidades nacieron en Europa en los albores del siglo XIII debido a que se conjugaron una serie de circunstancias: la organización gremial de la sociedad y el influjo de la ciencia y la teología árabes cuyo conocimiento fue uno de los resultados de las Cruzadas que produjeron un intercambio cultural entre Oriente y Occidente. La organización gremial, en la Edad Media, permitía la constitución de sociedades de una misma clase social o profesión, por eso, así como existían corporaciones de artes y oficios, la *universitas* era una comunidad de maestros y discípulos cuya ocupación era el estudio, la enseñanza y la búsqueda de la sabiduría. Tenían por finalidad el deseo de desarrollar el saber y extenderlo por todo el mundo; organizar las carreras indispensables a la sociedad pero, sobre todo, ofrecer un servicio a Dios puesto que la mayoría de ellas estaban amparadas por la Iglesia.

Al comienzo se denominaron '*studium generale*' para dar a entender que estaban abiertas a todos los jóvenes de cualquier nacionalidad y que allí se cultivaban todas las ciencias. Como los títulos alcanzados por los graduados eran reconocidos en todas partes, las universidades tenían que ser creadas o reconocidas por el Papa (que tenía poder sobre todos los países cristianos) o por el Emperador. Como ejemplo, de acuerdo a su origen, podemos citar:

- Sin carta de fundación (por derecho consuetudinario): Oxford
- Con carta de fundación pontificia: Roma (1303) y Colonia (en la que estudió Santo Tomás de Aquino)
- Con carta de fundación imperial: Salamanca (fundada por Alfonso IX)
- Con doble carta fundacional: la Universidad de Viena

No obstante, los títulos y privilegios suponían siempre el reconocimiento de asociaciones culturales pre-existentes que permitían la fundación y el futuro desarrollo de la nueva institución. Los principales privilegios concedidos a los universitarios eran la '*licentia docendi*' (autorización para enseñar en todas partes, lo cual suponía: "*ser home de buena fama y de buenas maneras*", "*tener buen entendimiento del testo e de la glosa y desembargada lengua para mostrarla*") (Partida IX de Alfonso

⁵ Severino Boecio (480) fue un noble romano que estudió en Roma, Atenas y Alejandría. A este filósofo se atribuye la clásica definición de persona como *individua substantia, rationalis naturae*. Fue un personaje que tuvo influencia en la política de su tiempo y que fue condenado a muerte. Durante sus últimos días en prisión escribió su obra: *Consolación de la Filosofía*

El Sabio); el derecho de reunirse en asamblea y elegir autoridades; la exención del servicio de armas; la dispensa de algunos impuestos y contribuciones y, a instancias del Rey Felipe Augusto (1200), el *fuero académico*, gracias al cual algunos delitos cometidos por maestros o estudiantes sólo podían ser juzgados por los mismos universitarios.

Según Durkheim: “*Lo primero que debe admitirse sin reservas en el período de la universidad medieval, es su admirable **fecundidad en materia de organización escolar**... En un punto determinado del continente europeo, de un amplio cuerpo enseñante, anónimo, impersonal, perpetuo por consiguiente, que comprendía centenares de maestros y millares de estudiantes, **asociados todos a la misma obra y sometidos a la misma regla**; organización de ese cuerpo de forma que fuese, en la medida de lo posible, **representativo de todas las disciplinas humanas**; creación, dentro de este mismo sistema, de órganos secundarios que, con el nombre de facultades, corresponden a las diferentes especialidades del saber... **institución de grados** que jalonan la vida escolar y marcan sus etapas; **institución de exámenes que protegen el acceso a estos grados**; **institución, para terminar, de planes de estudios** que fijan al estudiante los conocimientos que debe adquirir durante cada una de estas fases, y a los maestros las materias que deben enseñar: tales son las principales novedades que aparecen en el espacio de dos o tres siglos” (Cit. por Krotsch en Educación superior y reformas comparadas, p. 63. El destacado es nuestro)*

Universidad de París: A comienzos del siglo XII, París se convierte en la capital del reino de los Capetos y en lugar de residencia de la Corte. La escuela de París ejerce una fuerte atracción para los jóvenes del reino y de los territorios vecinos. En 1208 fue reconocida por el Papa Inocencio III como *universitas magistrorum et scholarium Parisius commorantium*⁶; es probable que ello ocurriera porque la mayoría de los alumnos y de los maestros eran clérigos,

Poco a poco, los maestros que enseñaban en Chartres, en San Victor y en Notre-Dame se encontraron en una situación análoga a la de los maestros de una industria o de un comercio y sintieron la necesidad de organizarse corporativamente⁷. Como ocurría en las demás profesiones con la *obra maestra* que debía producir el oficial, el estudiante que terminaba su formación tenía que

⁶ Aunque en Bolonia ya se estudiaba Derecho y en Salerno Medicina; para Montejano (1979) sólo París tiene que ser reconocida como primera universidad porque allí se estudiaba Filosofía y Teología. Se apoya en un argumento de Carlos Sanz que dice: “*la Universidad sólo es tal, si se da esa apertura científica hacia el primer principio y causa última de las cosas. No puede, por ende, quedarse en una perspectiva meramente técnica, ni en lo estrictamente científico, sino que, por el contrario, debe integrar los saberes particulares a la luz de la sabiduría. Actitud sapiencial que, llevada hasta las últimas consecuencias, no puede terminarse tampoco en un planteamiento metafísico o de teodicea, sino que debe llegar hasta los principios revelados*” (Cfr. La Universidad, p. 77).

desarrollar una *lección inaugural* en presencia de un maestro que diese fe de su capacidad. Esta ceremonia, en la que se entregaba a los graduados las insignias de su nueva profesión, significaba que **sólo los maestros en ejercicio tenían poder para conceder el derecho a enseñar**. Finalmente, después de que muchos maestros y estudiantes emigraron a Toulouse por causa de graves disturbios, la Universidad de París recibió su Carta Magna en la Bula “*Parens scientiarum*”; en ella se autorizaba a la corporación a legislar sobre cursos, estudios y grados y se confirmaba su sometimiento a la autoridad eclesiástica.

La Universidad se organizó en cuatro facultades: la de Artes, Derecho, Medicina y Teología. Aunque la Universidad de París era famosa por sus estudios de Teología porque allí se explicaban las “*Sentencias*” de Pedro Lombardo y allí enseñaron maestros como San Buenaventura y Santo Tomás de Aquino que buscaban armonizar las verdades de razón con las verdades de fe⁸. El conjunto de los estudios estaba dominado por un sistema de grados y exámenes. Este régimen de exámenes respondía al hecho de que el gremio de estudiantes y maestros, al igual que otras corporaciones, era un cuerpo cerrado que sólo abría sus puertas a aquellos que demostraban poseer las aptitudes exigidas. **Los grados eran las sucesivas etapas que había que pasar hasta vencer la resistencia de la corporación**. Hasta los quince años el joven sólo debía estudiar; después de esa edad, a la vez que seguía la carrera hacia el doctorado, podía empezar a enseñar. El paso de una etapa a otra estaba determinado por el *bachillerato*. El grado por excelencia, que constituía el coronamiento del aprendizaje, era el de *Magíster* en la Facultad de Artes; equivalente al grado de *Doctor* en las otras facultades; quien alcanzaba este título gozaba de plenitud de derechos en la comunidad universitaria.

⁷ Entre esos maestros, Krotzsch otorga una importancia especial a Abelardo porque era capaz de organizar grandes debates en torno a la escolástica “... fue él quien atrajo a multitudes de estudiantes en torno a un espacio educativo concreto como fue Notre Dame..., lugar en torno al cual se constituirá un centro de atracción y referencia, de concentración de la vida espiritual y cultural que será el núcleo del que emergerá la universidad” (Cfr. *op.cit.*, p.61).

⁸ Según Wilson (1965): “Durante todo el siglo XIII encontramos en la Facultad de Artes de París un conjunto de profesores que sólo piden libertad para enseñar la lógica, la física y la moral de Aristóteles sin preocuparse de otras disciplinas ni de los intereses superiores de la teología. El averroísmo parisiense es la forma más visible y la manifestación más brutal de esta tendencia. Ante ella, aparece la Facultad de Teología, rígidamente agustiniana. El término medio superador lo encontramos en la intuición genial de Alberto Magno y de Santo Tomás de Aquino, y el secreto de su triunfo absoluto consistirá precisamente en que armonizarán las dos tendencias divergentes, e incluso contradictorias, en que se dividía la Universidad de París, legitimando todo el contenido positivo con que venía a enriquecerse la enseñanza de las Artes liberales y organizando, desde este punto de vista, el edificio de la teología tradicional, más acabado y sólido en adelante que hasta entonces?” (Cfr. *La Filosofía en la Edad Media*. Cit. por Montejano, *op.cit.*, p.88)

El año escolar duraba unos nueve meses y los métodos de la Pedagogía Universitaria se articulaban en tres tipos de actividades: La *lectio* que consistía en la lectura de libros que eran considerados básicos. Luego, para avanzar en la comprensión de las partes más difíciles, tenían lugar las repeticiones (explicaciones y comentarios) que se realizaban en forma de diálogo entre los maestros y los estudiantes. Por último, la *disputatio* en la que un maestro pronunciaba una conferencia y se sometía a las preguntas de los demás profesores que adherían o se oponían a la tesis propuesta. La *disputatio* era un expediente magnífico para desarrollar la destreza dialéctica, pero no pocas veces fomentó el formalismo de sutilezas insustanciales.

La facultad más numerosa era la de Artes porque constituía una especie de curso de selección en la que se preparaba a los estudiantes para el ingreso a otras facultades. La facultad de Artes gozaba de algunos privilegios: a ella debía pertenecer el Rector de la Universidad y ella podía expulsar a algún alumno sin necesidad de consultar con otras facultades.

Siguiendo la tradición de las escuelas monacales, la enseñanza universitaria fue gratuita en el comienzo, pero cuando los maestros no fueron únicamente los clérigos y necesitaron vivir de su trabajo profesional, los estudiantes debieron abonar aranceles diferenciados según el tipo de estudios que seguían. Institucionalmente, **las universidades tardaron mucho tiempo en tener recursos propios.**

Universidad de Bolonia: Nació como tributaria de tres sistemas: el de la escuela catedralicia donde se enseñaban las Artes; las escuelas municipales, dedicadas al estudio del Derecho Civil y las escuelas monásticas, para la enseñanza del Derecho Canónico. El aprendizaje de la jurisprudencia se documentaba: para el derecho profano en la colección de Derecho Romano redactada por Justiniano y para el Derecho Eclesiástico en la compilación de Actas de los Concilios y las decretales pontificias.

A diferencia de París que nació como iniciativa de los maestros, Bolonia se organizó en torno a la corporación de los estudiantes, **quienes no sólo pagaban a los maestros por sus clases sino que además definían las características de su propia instrucción**⁹. El primer documento que reconoció oficialmente la existencia de un grupo de estudiantes y maestros en Bolonia data de 1158. En

⁹ Pérez del Viso (1968) decía respecto de la estructura de la Universidad de Bolonia: “*El profesor es, por de pronto, una especie de docente contratado por un grupo de caballeros independientes entre los 17 y los 40 años. Estos estudiantes no deben a sus profesores obediencia espiritual de ninguna clase; como dueños de su universidad, los estudiantes ejercen considerable presión sobre la ciudad y sobre los profesores, negocian con la ciudad sobre los precios de la vivienda y los comestibles e intervienen en los constantes litigios jurídicos*” (Cit. por Cirigliano (1970) en *El Poder Joven*, p. 34).

él Federico Barbarroja concedió jurisdicción especial, escolar y eclesiástica a los extranjeros residentes en la Ciudad.

Los maestros eran ciudadanos boloñeses y estaban sujetos a las ordenanzas municipales; por su parte, el número de estudiantes crecía debido a los privilegios que se les concedían. La turbulencia juvenil, su falta de respeto hacia las autoridades, su apasionada intervención en las luchas políticas y sus frecuentes desmanes motivaron una propuesta de abolición de los privilegios pero esa iniciativa no prosperó. En el último tercio del siglo XIII (1275), las relaciones entre la Universidad (dependiente del Papa) y el Municipio fueron pacíficas; ello favoreció el normal desarrollo de la vida académica. En 1288 se organizó la Facultad de Artes y la de Medicina. En esta última, la Universidad se adelantó a Salerno practicando la disección de cadáveres para estudiar la anatomía del cuerpo humano.

Para describir los momentos de apogeo y de decadencia de la Universidad de Bolonia dice Mondolfo (1957): *“Cuando la elección de los maestros ya no la hacen los estudiantes, interesados en buscar a los mejores sino la Comuna, prevalecen, especialmente en el siglo XIII, estrechos criterios municipales e intereses locales; los maestros elegidos de este modo, tienden a cristalizarse en la rutina y a dejarse dominar por los intereses profesionales. El nivel de la enseñanza decae; disminuye la atracción, especialmente para los estudiantes foráneos; y cooperan en esta tendencia negativa los conflictos entre los privilegios estudiantiles y el orden de la ciudad que provocan a veces secesiones de estudiantes, como la de 1292 que da lugar a la creación de la Universidad de Padua; y también el florecimiento de otros estudios produce a veces la emigración de maestros y escolares”* (Cit. por Cirigliano, op. cit., p. 37).

Salerno y Montpellier. En la Edad Media se consideraba a la Medicina como la física de lo concerniente al hombre en tanto que tiene materia y movimiento: anatomía y fisiología. En Salerno (Italia), debido a la existencia de los Monasterios de La Cava y de Montecassino, se tradujeron abundantes manuscritos clásicos; fue el modo como la Europa medieval conoció los estudios de medicina de la antigüedad. La enseñanza acudía a las obras de Hipócrates (-V A.C.) y de Galeno (siglo II) y a la enciclopedia médica del filósofo árabe Avicena (siglo XI).

En Salerno se fundaron hospitales para extranjeros que atendían a las personas que transitaban por la Ciudad. **Los médicos transmitían sus conocimientos de un modo individual y asistemático.** Fue un monje de Montecassino quien tradujo tratados de medicina árabe y elaboró una serie de manuales que se usaron en las escuelas hasta el siglo XV.

Hacia el siglo XIII, la Escuela de Salerno había cumplido una gran misión: compilar, elaborar y adaptar a las necesidades académicas la medicina antigua clásica y la paleo-árabe. El *“antidotario”* (colección de recetas médicas, formularios y diagnósticos) recibió su forma definitiva. A finales del siglo surgió un grupo (*los cirujanos*) que quiso difundir una orientación más práctica de los estudios.

Sin embargo, Salerno comenzó a declinar a favor de Montpellier. Esta

Universidad se organizó entre 1180 y 1220 y reglamentó todo lo necesario para conceder títulos de licenciatura. La Medicina se separó del conjunto de las Artes liberales y alcanzó autonomía científica. Hacia 1240 fueron confirmados los estatutos de esta Universidad que ya había aprobado el legado pontificio, Cardenal Conrado de Urach.

Oxford: Esta Universidad tuvo su origen en la escuela catedralicia de la ciudad cuando regresaron estudiantes ingleses que estudiaban en París porque fueron expulsados de la universidad (1167). Se destacó por el estudio de las ciencias naturales; la institución se organizó como una federación de “*colleges*”.

Pauline Walton (1965), describe algunas tradiciones que se cultivaban en la vida de esta casa de estudios: “...*el sistema de enseñanza por medio de tutores estudiantiles sigue siendo el básico. Los estudiantes, vistiendo sus togas, deben cenar en el hall varias veces por semana... Allí, los “dons” (profesores residentes) se sientan a la Gran Mesa y la cena transcurre con cierta ceremonia. Los estudiantes no pueden estar fuera después de la medianoche, con excepción de los ‘Christ Church’, que disponen de veinte minutos después del toque de queda... De noche, por las calles de la ciudad —en las que resuenan las campanas de sus muchas iglesias y relojes— se pasea el censor, que viste toga con vueltas de terciopelo. Lo acompañan dos policías universitarios apodados ‘bull-dogs’. Si encuentran a un estudiante comportándose mal, le preguntan el nombre y a qué colegio pertenece y a la mañana siguiente el joven tiene que enfrentarse con el decano de la institución*”.

Por su parte, en un reportaje que se realizó al estudiante Ian Jones sobre el régimen de estudios de Oxford, respondió: “*El período lectivo consta de tres períodos de ocho semanas y de vacaciones se tienen seis semanas para Navidad y para Pascua y tres meses en el verano. A Uds. les sorprenderá que tengamos más vacaciones que período lectivo, pero gran parte de nuestro estudio debe hacerse durante las vacaciones. Debemos hacer lectura y trabajo general básico... tal es así, que a la entrada de cada período tenemos pruebas para verificar si uno ha trabajado o no durante las vacaciones... En cuanto a clases, Oxford y Cambridge están basados en un sistema muy peculiar: la Universidad en sí está dividida en colleges. Cada alumno tiene un tutor, hay alrededor de uno cada quince o veinte alumnos. El alumno debe hablar con este tutor una o dos veces por semana y éste le dice qué es lo que debe estudiar y le da trabajo para hacer. Hay lecturas (conferencias) de la Universidad, pero uno no está obligado a asistir. Cada colegio tiene sus tutores que son doctores con diversas distinciones... Se tiene un examen final al terminar el primer año y después no hay más exámenes hasta el tercer año... Los exámenes finales son muy bravos, son escritos y se toman ocho o nueve exámenes de tres horas en cuatro días¹⁰...*”

¹⁰ Cfr. art. “Oxford” en Rev. *Vida Universitaria*, N° 10, septiembre de 1965, Bs. As. (Cit. por Montejano, op.cit., p. 85 y ss.)

La Sorbona: Fuera del ámbito académico, para ordenar la vida extraescolar, los universitarios se organizaron en *Naciones* que eran agrupaciones encargadas de proveer todo lo relativo al alojamiento, la comida y las diversiones de los estudiantes. En los *hospitia* convivían maestros y alumnos que provenían del mismo lugar. Estos alojamientos no tenían carácter oficial y eran sostenidos por jóvenes que podían pagar esos servicios. Ellos mismos elegían al responsable de la comunidad.

En el siglo XIII nacieron los *Colegios Mayores* que eran residencias organizadas para estudiantes pobres. Estos “colegios” proporcionaban a los becarios una vida disciplinar adecuada y la posibilidad de asistir a clases de repaso. Uno de los más importantes, que dio origen a una Universidad, fue el que fundó Roberto Sorbón (1257).

En los Colegios Mayores se difundió la práctica de las cuestiones disputadas; los becarios discutían todas las semanas bajo la dirección del Rector del Colegio. Luis Vives (1531) decía que **se disputaba en todo tiempo y lugar, durante las comidas y después de ellas, en público y en privado**. No obstante, el diálogo que requería exposición de la tesis y argumentos a su favor, planteamientos de las objeciones y solución de las dificultades, no consistía en una charla baladí. **El profesor guiaba los debates e iluminaba los caminos para poner orden en las discusiones.**

A partir de París, Bolonia y Oxford, durante el siglo XIII se multiplicaron las instituciones por toda Europa: Palencia (1212); Salamanca (1220); Padua (1222); Nápoles (1224); Toulouse (1229). En todas se dieron problemas entre estudiantes y profesores; problemas de los universitarios con los habitantes de los lugares; conflictos de poder entre la Iglesia y el Imperio, etc. pero, a pesar de todas esas dificultades, la universidad medieval trató de mantenerse firme en sus ideales y nos legó como herencia: **la preocupación por buscar la verdad; la autonomía frente a los poderes políticos y el diálogo entre los intelectuales**. Por eso, Alfonso X (el Rey Sabio) de España prescribió sobre el trato que debían recibir los universitarios: “*De buen ayre, e de fermosas salidas, deue ser la Villa, do quisieren establecer el Estudio, porque los Maestros que muestran los saberes, e los Escolares que los aprenden, bivan sanos en el, e puedan folgar, e recibir plazzer en la tarde, quando se levantaren cansados del estudio. Otrosi deue ser abundada de pan, e de vino, e de buenas posadas, en que puedan morar, e pasar su tiempo sin gran costa. Otrosi dezimos, que los Ciudadanos de aquel logar, do fuere fecho el Estudio, deuen mucho guardar e honrrar a los Maestros, e a los Escolares, e a todas sus cosas*” (*Ley II de las Partidas...* Cit. por Monteiano, op. cit., p. 89)

2. Salamanca y las universidades Hispanoamericanas

No podremos comprender la vida universitaria hispanoamericana sino conociendo la estructura y organización de la Universidad de Salamanca (*la Atenas de España*) puesto que todas ellas reprodujeron en América, de manera más directa o indirecta, las líneas estructurales básicas del modelo salmantino.

Su fundación se atribuye a Alfonso IX, Rey de León (1188-1229). Sin embargo, es a Alfonso X, *El Sabio* (1226-1284), a quien la Universidad de Salamanca le debe su mayoría de edad. Este Rey ocupa un puesto destacado en la historia de la pedagogía occidental porque promovió la ordenación jurídica de aspectos importantes de la educación e impulsó la fundación de instituciones culturales en Toledo y en Murcia. A él se debe el *Código de las Siete Partidas* y la fundación de la Universidad de Sevilla (1254).

El Papa Alejandro IV otorgó confirmación oficial a los estudios por medio de la Bula "*Inter Ea*" (1255). Desde entonces, la Universidad recibió múltiples favores de los Pontífices y sus maestros, además de gozar '*licentia docendi*' en otras universidades, fueron reconocidos con títulos de nobleza. Privilegios, inmunidades y exenciones eran el flanco institucionalizado de la defensa de una libertad vital para esta institución: la de pensar¹¹.

Como se lee en los estatutos, que era la norma suprema, el propósito de la Universidad no era sólo instruir, enriquecer la inteligencia, sino también educar, formar la voluntad, **porque en la Universidad no sólo es razón se aprendan letras sino también virtud y buenas costumbres y composición**. De allí que ordenen las Partidas: "*los escolares finquen aseogados en sus posadas, et puñen de estudiar, et de aprender et de facer vida honesta y buena, ca los estudios para eso fueron establecidos*" (Cit. por Rodríguez Cruz en *La Universidad en la América hispana*, p. 22)

La máxima autoridad, cabeza de la Universidad, era el Rector aunque su poder estaba limitado porque en materia docente debía consultar al claustro de los consiliarios y en materia económica era asesorado por los definidores. En estos consejos participaban estudiantes y profesores por eso podemos decir que en la Universidad de Salamanca el llamado "*cogobierno*" ya se practicó desde la primera mitad del siglo XV. De esa manera, **los universitarios vivían en un clima democrático y se formaban en el sentido de responsabilidad porque participaban en el gobierno de la institución**; incluso en una época tuvieron derecho a voto en las clases de oposición para postular a las cátedras. No obstante, el claustro pleno

¹¹ "*La Universidad es una escuela, pero escuela única en su género. En ella no sólo se debe enseñar, el alumno debe participar en la investigación y llegar así a una formación científica decisiva para su vida. De acuerdo con la idea, los alumnos son pensadores independientes, autorresponsables, que siguen con espíritu crítico a su maestro. Poseen la libertad de aprender*" (Cfr. Jaspers, *La idea de universidad*. Cit. por Cirigliano, op.cit., p. 39).

era el supremo consejo resolutorio, el que trataba sobre los problemas más graves e importantes de la universidad, y legislativo en caso de reforma de los estatutos.

El método de enseñanza de Salamanca era variado, armonizaba el dictado de las materias con las disputas y demás ejercicios escolares aunque las clases consistían, casi siempre, en la explicación de un texto. Se atribuye al maestro Francisco de Vitoria la innovación de dictar apuntes a los alumnos. La facultad de medicina tenía una enseñanza de carácter eminentemente práctico y los catedráticos debían procurar cadáveres para hacer las disecciones.

El maestrescuela era el juez de la corporación, encargado de velar por el estudio, el orden y las buenas costumbres de los estudiantes. El debía examinar y decidir todas las causas civiles y criminales de los universitarios. Se les exigía, incluso, cierta austeridad en la vestimenta por eso se prohibían los colores vivos y el uso de joyas. Sin embargo, junto con el rigor de la disciplina y las exigencias del estudio, los estudiantes de Salamanca supieron generar ratos de juegos, novatadas, estudiantinas y tunas.

La costumbre de fundar universidades en conventos y en colegios tuvo auge en Hispanoamérica porque estas fundaciones resultaban más económicas a la Corona y ayudaban a satisfacer las necesidades del momento: sociales, administrativas, judiciales y eclesiásticas. Las universidades de San Marcos de Lima (1551) y de México (1551), precedidas por la de Santo Domingo (1538), pronto se constituyeron en las mayores del continente que reproducían en estas tierras el espíritu de Salamanca. La estructura y organización salmantina, toda su normativa y sus prácticas pedagógicas fueron proyectadas a las universidades hispanoamericanas. Es cierto que no podía realizarse una reproducción total porque el profesorado era escaso y las rentas exiguas pero poco a poco estas instituciones ejercieron su liderazgo y orientación sobre los nuevos centros de estudio que se fundaban¹².

Felipe II, El prudente, estableció por Ley la jurisdicción universitaria y mandó que los rectores de Lima y de México *“tengan jurisdicción en los doctores, maestros y oficiales de ellas, y en los lectores, estudiantes y oyentes que a ellas concurriesen, en todos los delitos, causas y negocios criminales que se cometieren e hicieren dentro de las escuelas de las universidades, en cualesquiera manera tocantes a los estudios... y en los delitos que se cometie-*

¹²El Prof. Krotzsch (2003) compara la diferencia de nacimiento entre las universidades europeas y las hispanoamericanas. Aquellas surgieron como productos del desarrollo social y económico; de la creciente movilidad de estudiantes y maestros o como resultado de nuevas ideas. En cambio, en Hispanoamérica serán parte de un proceso de trasplante cultural. “Serán en lo fundamental, producto de un hecho administrativo que al mismo tiempo respondía a distintas orientaciones espirituales, como el humanismo que caracterizó a la Universidad de México o la conquista espiritual a través de la universidad misionera de los jesuitas, que no dejaba de expresar bajo el mandato de la contrarreforma el espíritu disciplinario que exigía el naciente orden burgués” (Cfr. op. cit., p. 124)

ren fuera de las escuelas, si fuere negocio tocante o concerniente a los estudios, o dependiente de ellos... porque el principal fin porque les concedemos esta jurisdicción es la reformatión de vida y costumbres de los estudiantes, y que vivan corregidos y virtuosamente, para que mejor puedan conseguir la pretensión de sus letras” (Cfr. Recopilación de leyes de los Reinos de las Indias. Cit. por Montejano, op. cit., p. 95).

En conclusión, podemos decir que aunque la función principal de las primeras universidades era la docencia puesto que las instituciones estaban más preocupadas por retener y transmitir conocimientos ya adquiridos, **todas ellas contribuyeron a elevar el nivel cultural de la población y a formar maestros más capacitados**. Por eso afirmó Giner de los Ríos (1876): “*La Universidad fue una de las grandes fuerzas de la Edad Media, la única que representaba a la sazón la cultura superior del espíritu, cuando no había otros cuerpos científicos, ni imprenta, ni periódicos, ni revistas... Así intervenían en el gobierno de los Papas, de los Reyes, en todo... Por otra parte, su organización republicana, el ejercicio del sufragio, las frecuencias de las asambleas deliberativas, hacían de la universidad una escuela de libertad y un obstáculo contra la obediencia pasiva...*” (Cit. por Larroyo, op. cit., p. 292).

3. La Universidad Alemana y el modelo Humboldtiano

La derrota de Jena (1806) y la invasión de Napoleón a Alemania determinó que Fichte (1762-1814) se preocupara de organizar un sistema educativo que promoviera el sentimiento nacional de los habitantes. En sus Discursos a la Nación Alemana estableció los lineamientos de su propuesta. Allí afirmó que el Estado es el supremo sostén de la cultura y de la libertad y que, por eso, toda educación debe ser pública: “*Reunir a los alemanes en un todo cuyos miembros estén animados de un mismo espíritu es el fin de la educación nacional*”. Los alemanes deben ser los fieles guardianes de los preciados tesoros de la humanidad y los sostenes del progreso cultural. En ese contexto, poco después, se preocupó de organizar la Universidad.

Inspirada por Fichte (que fue su primer Rector) Humboldt y Schleiermacher, la Universidad de Berlín (1810) desarrolló un modelo propio centrado en el sentimiento nacional y el desarrollo del espíritu. **Esta Universidad fue concebida al servicio de la ciencia y de la investigación pura**. Por su parte, Schleiermacher dirá que los problemas de la educación están condicionados por las exigencias morales, los avances de la ciencia y las formas de la experiencia estética, es decir, por la cultura de cada sociedad.

De esa manera se dejó de lado el ideal de la Universidad Medieval que Santo Tomás describió en la Suma Contra Gentiles: “*La norma de orden y gobierno de cuanto se ordena a un fin se debe tomar del mismo fin; porque en tanto una cosa está perfectamente dispuesta en cuanto se ordena convenientemente a su propio fin, pues el fin es el bien de cada cosa. Así, vemos que en las artes, una, a la que atañe el fin, es como la reina y gober-*

nadora de las demás: la medicina, por ej., impera y ordena a la farmacia, porque la salud, que es el objeto de la medicina, es el fin de todos los medicamentos confeccionados en farmacia. Y lo mismo sucede con el arte de navegar respecto de la industria naval, y con el militar respecto de la caballería, y de todas las otras ramas. Las artes que imperan a otras se llaman arquitectónicas o principales. Por esto sus artífices, llamados arquitectos, reclaman para sí el nombre de sabios. Mas **como dichos artífices se ocupan de los fines de ciertas cosas particulares y no miran al fin universal de todas las cosas, se llaman sabios en esta o en otra materia.** En cambio, se reserva el nombre de sabio con todo su sentido únicamente para aquellos que se ocupan del fin del universo, principio también de todos los seres. Y así, según el Filósofo, es propio del sabio considerar las cosas más altas” (I,1. El destacado es nuestro). Por encima del desarrollo de los saberes particulares, el objetivo académico principal es contemplar la verdad del primer principio y juzgar de las otras verdades.

Por su parte, Humboldt dirá que el principio esencial de la vida universitaria debe ser la ciencia tal y como existe, en toda su pureza. Por eso, junto con las escuelas y facultades que se dedican a transmitir el saber ya constituido deben existir Institutos que se consagren a la investigación y al desarrollo de las ciencias. Desde entonces la docencia y la investigación han sido consideradas funciones propias de la vida universitaria pero la idea unitaria de la Universidad comenzó a diluirse en el trabajo aislado de un conjunto de facultades, escuelas y organismos.

Puesto que la enseñanza universitaria exige la reelaboración y el análisis crítico de las conclusiones científicas, los estudiantes tendrán que ser educados no para reproducir sino para formarse en un juicio independiente; no se tendrán que limitar a recitar lecciones sino que deberán juzgar y redactar trabajos. **Las didácticas de nivel superior tendrán que promover la relación directa de los estudiantes con la vida de la cultura e incentivar en ellos el estudio autónomo que supone la actitud de indagación.**

Según Nassif (1984), el modelo de Universidad plenamente académico quiso ser revivido por Kart Jaspers (1946), después de la caída de Alemania en la Segunda Guerra, pero eso fue imposible debido a la aceleración de la revolución científica y técnica y a las importantes transformaciones sociales y políticas que se produjeron.

4. La “Idea de universidad” en John Newman

Los valores espirituales que dieron a la Universidad Inglesa un carácter inconfundible fueron analizados en “*The idea of a University*” (1852) por el Cardenal Newman. Es más, en esas ideas se inspiraron un grupo de intelectuales de Dublín para fundar la Universidad Católica de Irlanda, única alternativa válida a otros centros de estudios superiores no confesionales que existían en aquella

región. Parece que la Iglesia de Roma quería reproducir en Irlanda el modelo de la Universidad de Lovaina que había sido reactivada hacia 1830 como un centro universitario católico de buena calidad.

A juicio de Newman, lo específico de la institución universitaria es la universalidad. Su misión es múltiple, abarcadora de todos los campos en que puede mostrar su fecundidad el ingenio humano: “*Un conjunto de hombres sabios, celosos por sus respectivas ciencias y mutuamente rivales, se ven llevados, por trato familiar y a favor de la paz intelectual, a armonizar las pretensiones y relaciones de sus disciplinas. Aprenden así a respetarse, tenerse en cuenta y ayudarse unos a otros. Se origina en consecuencia una atmósfera pura y clara de pensamiento, que también respiran los alumnos aunque éstos persigan sólo unas ciencias determinadas de entre toda una multitud. El estudiante se beneficia de una tradición intelectual, que es independiente de profesores individuales y que le guía en la elección de sus asignaturas e interpreta adecuadamente para él las que elige. Aprehende las grandes líneas del saber, los principios en los que descansa, las proporciones de sus diversas partes, sus luces y sombras, sus grandes y sus pequeños puntos, como de otro modo no lo aprehendería. **Por eso se llama liberal a esta educación. Se forma con ella un hábito de la mente que dura toda la vida y cuyas características son libertad, sentido de la justicia, serenidad, moderación y sabiduría.**... Este es el fin principal de una universidad en el trato con sus estudiantes” (Cfr. Discursos sobre el fin y la naturaleza de la educación universitaria, p. 125. El destacado es nuestro).*

De manera muy distinta al modo en que la Universidad alemana concibe sus fines, Oxford y Cambridge generan una tradición en la que no es la investigación lo que constituye la misión propia de los estudios sino que por encima de todo debe estar el aprendizaje. No es el progreso de los conocimientos, es la conservación y transmisión del saber lo propio de la actividad universitaria: “*Advertimos que hay otras instituciones mucho más aptas como instrumento para estimular la investigación intelectual y extender las fronteras del saber que una universidad. Las universidades se establecen para enseñar las ciencias a los alumnos que allí se forman. Las academias se proponen realizar nuevas investigaciones para el progreso de las ciencias... Descubrir y enseñar son funciones diferentes. Obedecen también a dones distintos y generalmente no aparecen unidos en una misma persona. Quien dedica su día a transmitir el saber que posee, difícilmente tiene tiempo para adquirir saber nuevo... Los grandes descubrimientos en química y electricidad no se hicieron en universidades. Los observatorios astronómicos se hallan más frecuentemente fuera de las universidades que dentro de ellas...*” (Cfr. Discursos..., pp. 29-30)

Lo que la Universidad enseña es mucho más que la mera preparación profesional. Ella es, ante todo, un ambiente educativo en el que se convive, se respira una atmósfera común y se busca la formación integral de la personalidad de los alumnos. No basta con impartir conocimientos, hay que crear hábitos de disciplina y solidaridad, afinar la capacidad de discernimiento, el sentido de la mode-

ración, la conciencia del deber... La Universidad inglesa apunta a la formación del gentleman y por eso en su curricula incluye el deporte en tanto que ayuda a desarrollar ciertos rasgos indispensables de caballerosidad y de dignidad: “*De ahí que casi sea una definición del gentleman el decir que lo es quien nunca da un pesar... El verdadero gentleman evita con todo esmero cuanto pueda provocar choque o sacudida en el espíritu de quienes están en contacto con él, todo roce de opinión o colisión de sentimiento, todo cobibimiento o sospecha, reserva o resentimiento, pues **su gran cuidado es hacer que cada cual se sienta bien y a sus anchas...** Quita toda importancia a los favores que hace y parece recibirlos cuando los otorga... Nunca habla de sí más que forzado, nunca se defiende con una mera retorsión, nunca de oídos a la calumnia o murmuraciones, es escrupuloso para imputar móviles a quienes se atraviesan a su paso, y a todo busca la interpretación mejor... Es paciente, sufrido y resignado... En ninguna parte encontraremos más sinceridad, consideración, indulgencia... Incluso si no es creyente, es demasiado profundo y abierto de espíritu para reirse de la religión o ir contra ella...*” (Cfr. Siles Salinas, *Universidad. y bien común*, p.105. El destacado es nuestro).

La *formación*, que determina esencialmente la racionalidad del hombre en su totalidad, constituye una actividad típicamente humana. El buen sentido, la capacidad de juicio y la prudencia son aspectos fundamentales del saber liberal que debe ser el objetivo primario de la Universidad. La originalidad de Newman estriba en que, sobre estas bases generales y afines a cualquier intelecto cultivado, la Universidad que propugna tiene en cuenta la dimensión espiritual y sobrenatural de la persona. Es que Newman no habla sólo para el caballero culto sino que piensa en el hombre cristiano.

5. Libertad academica. Universidad y estado

Como institución corporativa, la universidad pretendió el monopolio de la enseñanza y, a la vez, la independencia respecto de los poderes civiles. Los universitarios vivían en una ciudad “extraña”, amparados por el derecho de los Pontífices y de los Reyes. Por eso se entiende que París y Bolonia nacieran en medio de los pueblos pero que Oxford y Cambridge hicieran realidad un “campus”. No obstante, los privilegios de los universitarios, el prestigio de sus maestros y la creciente importancia de la cultura en la dirección de los pueblos incidieron para que la universidad tuviera su lugar en el gobierno del mundo. Por ej.: Ante una consulta del Rey Carlos I, Salamanca tuvo que pronunciarse respecto de los derechos de España en el gobierno de las poblaciones autóctonas de las Indias Occidentales. No obstante, a veces, esa influencia de los universitarios fue causa de conflictos con los poderes políticos.

Hacia fines del siglo XVIII hizo crisis la vida social y política en Francia; al “*antiguo régimen*” se le reprochaba: absolutismo monárquico y privilegios de los nobles; lujo en las cortes por despilfarro de los tesoros públicos; arbitrariedad en la aplicación de las leyes; aumento de la desigualdad entre las clases sociales. Los intelectuales impulsaban un cambio de régimen y ese clima favoreció la Revolución del 14 de julio de 1789. Entre los principios destacados de la Revolución se encuentra la *Declaración de los derechos del hombre y del ciudadano* (1789) que sostiene la igualdad de todos los hombres; la libertad de opinión y de religión; el derecho inviolable a la propiedad privada; la igualdad ante la ley y el derecho a desempeñar cargos públicos.

En el “*antiguo régimen*” había crecido el analfabetismo; la enseñanza elemental se reducía a la lectura del catecismo; el uso de castigos corporales era frecuente; la situación de los maestros era precaria... Los ideólogos de la Revolución crearon las bases políticas para que en educación se desarrollara el concepto de “*instrucción pública*”. Dice Compayré (1911): “*La ciencia de la educación no les es deudora de nuevos métodos; no completaron la obra de Locke, Rousseau y de La Chalotais. Pero fueron los primeros en tratar de organizar, legislativamente, un vasto sistema de instrucción pública. Es justo colocarlos en primer lugar entre los hombres a quienes se podría llamar los políticos de la educación...*” (Cfr. Larroyo, op. cit., p. 476). En coherencia con esas ideas, Talleyrand (1754-1838) logró que en la Asamblea Constituyente de 1791 se aprobara expresamente que “*se creará y organizará una instrucción pública, común para todos los ciudadanos, gratuita en todas las partes de enseñanzas indispensables para todos los hombres*”

Podemos afirmar que el nacimiento de la República no fue fácil ni inmediato, hasta comienzos del siglo XIX Francia tuvo que enfrentar luchas internas y guerras con países vecinos. Es más, en 1799 el General Napoleón Bonaparte derrocó a las autoridades y, después de reorganizar la administración y las finanzas, se hizo nombrar Emperador (1804); Francia volvió de la República a la monarquía. Durante su gobierno creó la *Universidad Imperial* (*ley del 6 de mayo de 1806*) con el objeto de que los estudios superiores tuvieran la unidad que gozaban en otros países.

A partir de 1806 todo el sistema educativo fue confiado a la universidad. **La política imperial estaba dirigida a asegurar la concordancia absoluta de las opiniones culturales, morales y políticas puesto que era necesario someter las conciencias al poder.** El designio supremo era el de la unidad y por eso había que reconstruir la universidad y la educación de acuerdo con una concepción militar y autoritaria. Una férrea centralización hacía de la Universidad de París el eje de ese complejo sistema cuyas autoridades eran designadas por el Ministerio del Interior.

La conformación dada por Napoleón a la universidad francesa se inspiraba en la idea de hacer de ésta una institución puesta directamente al servicio del Estado con el objetivo de preparar a los profesionales requeridos por la sociedad. **La enseñanza superior asumió un carácter marcadamente profesionalizante** y la producción de conocimiento tuvo una fuerte dependencia de las políticas impulsadas desde el poder. Ello implicó algunas consecuencias como la independencia de las facultades en desmedro del conjunto de la institución y la creación de escuelas politécnicas o de formación docente al margen de la universidad.

La herencia napoleónica en la organización universitaria no quedó limitada al territorio de Francia o a los que formaron parte del Imperio. Así, a fines del siglo XIX, Menéndez Pelayo advertía sobre las consecuencias del plan de estudios centralista que había sido implementado en España a partir de 1845: “*Se centralizaron los fondos de las universidades, se las sometió a régimen uniforme y desde aquel día la universidad, como persona moral, como centro de vida propia, dejó de existir en España. Le substituyó la oficina llamada instrucción pública, de la cual emanaron programas, libros de texto, nombramientos de rectores y catedráticos, y hasta circulares y órdenes menadísimas sobre lo más trivial del régimen interno de las aulas. A las antiguas escuelas en las que el gobierno para nada intervenía sucedieron otras en las que el gobierno intervenía en todo, hasta en los pormenores de indumentaria y en el buen servicio de los bedeles...* Nada más contrario a la generosa y soberbia independencia de que disfrutaban las grandes instituciones docentes del mundo moderno, las universidades inglesas y alemanas” (Cfr. *Historia de los heterodoxos*, T. II. Cit. por Galino (1982) en *Textos pedagógicos hispanoamericanos*, pp. 1132 y ss. El destacado es nuestro)¹³.

El modelo napoleónico también se reflejó en las universidades hispano-americanas en la época de los movimientos independentistas. Krotsch pone de ejemplo a la Universidad de Chile fundada por Andrés Bello (1842) sobre la antigua Universidad de San Felipe (1738) y dice que estas instituciones ya no se limitarían a formar en las profesiones que necesitaban las nacientes repúblicas

¹³ Afirma el que fuera Rector de la Universidad de Mendoza, Héctor Corvalán Lima (1983): “*En los comienzos de la Edad Moderna, con la prevalencia absoluta del principio político y la consiguiente aparición del absolutismo monárquico, es cuando el Estado va a intentar, en forma sistemática, instrumentar a la Universidad para sus fines políticos. Esta ingerencia va a asumir una peligrosa dimensión después de la Revolución Francesa, cuando los Estados pretenden someter al credo surgido de la misma a todas las inteligencias, sobre todo en el recinto universitario, fuente de los futuros dirigentes políticos del país... Así el laicismo decimonónico va a estatizar toda la enseñanza en forma monopólica. Con un sentido claramente totalitario, van a ser excluidas de las tareas académicas todas aquellas instituciones que no sean directamente controlables por el Estado liberal. En los casos en que se permita la acción privada en el campo de la educación, ello va a ser incorporándola a la oficial e imponiéndole los programas y textos de estudio*” (*La universidad en el acontecer nacional*, p. 76)

sino que también se harán cargo del desarrollo científico y de la organización de los sistemas educativos.

Este es el modelo que, entre nosotros, encarnó la Universidad de Buenos Aires (1821). La misión cultural y científica y la libertad académica se subordinarán a la formación de profesionales. **Su organización tendrá un desarrollo más ligado con las necesidades locales y, por eso, su enseñanza se apartará en parte de las tradiciones de la universidad colonial.** Afirma Halperín Donghi (1962): *“Desde antes de su fundación, la Universidad de Buenos Aires ve amenazado su destino como centro de saber por las urgencias inmediatas de la sociedad en la que nace, que exige de ella, antes que una actividad científica real, el cumplimiento de ciertas funciones sociales que el progreso de Buenos Aires hace ineludibles: el abandono de una tradición universitaria que se remonta a la Edad Media y se consolida en la España de la Contrarreforma no significa, entonces, para la Universidad de Buenos Aires, la adopción de una actitud más moderna frente a los problemas del conocimiento, sino un abandono del interés por ese problema”* (Cfr. Historia de la UBA, p. 17).

6. Modelo académico Norteamericano¹⁴

Las primeras instituciones norteamericanas reprodujeron la organización de las universidades inglesas de Oxford y Cambridge, muy comprometidas en la formación del clero protestante. Los primeros ‘colleges’ tenían orientación religiosa y se dirigían a la formación de una pequeña élite.

A fines del siglo XVIII la educación superior experimentó una notable expansión aunque los currículos de formación, centrados en los estudios clásicos y en las lenguas, no sufrieron cambios significativos. Nuevos ‘colleges’ se fundaron en ciudades nuevas para expresar el sentimiento de igualdad de la sociedad norteamericana y facilitar el acceso de las clases medias y rurales a los estudios de nivel superior. La mayor parte de esas instituciones surgieron gracias a la iniciativa de comunidades religiosas que tuvieron como referencia los currículos de Harvard y Yale.

La aparición de universidades públicas y el establecimiento de relaciones entre la investigación y el desarrollo agrícola e industrial se produjo, sobre todo, desde la firma del Acta Morrill (1862) que confirió grandes extensiones de tierras fiscales a cada uno de los Estados para sustentar la educación superior. Según el concepto de ‘land-grant’ los límites de la Universidad se identificaban con los límites del Estado y, por ello, **la institución debía ofrecer servicios a toda la población no sólo a través de la educación tradicional sino también por medio de la investigación aplicada al desarrollo de la industria y de la agricultura.** De esa manera, el paradigma universitario cambió en un doble

¹⁴ Cfr. Altbach, Philip (2001); *El sistema académico norteamericano desde una perspectiva histórica*, pp.125 y ss.

sentido: a) Los estudios científicos y clásico-liberales fueron desplazados por las enseñanzas de tipo práctico y b) Las instituciones comenzaron a preocuparse por ofrecer programas de estudios vinculados a las necesidades de la comunidad. De esa manera, el estudio y el trabajo fueron considerados como dos medios complementarios en la formación integral de las personas. En el saber hacer el hombre demuestra su vocación de servicio por los demás y justifica su actividad teórica puesto que el trabajo se humaniza cuando el hombre sabe por qué y para qué hace las cosas.

Ejemplos de esta tradición fueron las Universidades de Wisconsin, Michigan, Illinois, Indiana, Minnesota y otras que crecieron rápidamente y se convirtieron en las primeras “multi-universidades” por la cantidad de servicios que combinaban: el servicio directo a la sociedad; la educación liberal como fundamento de la formación de grado y el énfasis puesto en la investigación como parte de la empresa académica.

A comienzos del siglo XX, gracias al viaje de muchos estudiantes norteamericanos, se reprodujo el modelo alemán de desarrollar la investigación como servicio para el crecimiento industrial. Hacia 1910 se consolidó la estructura básica de instituciones que priorizaron la investigación aunque la mayor expansión de las grandes multi-universidades se produjo entre 1950-1970. Desde entonces no se produjeron grandes cambios excepto la aparición de los “community colleges”.

“Por todo esto, podemos decir que la universidad norteamericana contemporánea se forjó a partir de tres influencias: la tradición inglesa de las artes liberales, el concepto alemán sobre la investigación y la síntesis de estos elementos con la idea de servicio, encarnada en las universidades estatales”. (Albatch, p.127). En esta red de instituciones existe una jerarquía y son las universidades de mayor prestigio, orientadas a la investigación, las que dominan sobre las demás y fijan las pautas curriculares. Las universidades privadas son libres para desarrollarse de manera independiente mientras puedan conseguir los recursos necesarios para su funcionamiento.

En la actualidad, el sistema universitario norteamericano aparece como bastante anárquico. Cuenta con más de trece millones de estudiantes post-secundarios y con más de tres mil instituciones: *colleges* y universidades. **Las más importantes son unas cien universidades que se dedican a desarrollar la investigación y absorben gran parte de los recursos de origen privado y estatal.** Sus profesores tienden a dominar las redes de conocimiento nacional e internacional. Sus tareas más importantes se realizan a nivel de posgrados aunque también ofrecen carreras de grado en diversas áreas científicas. Ej.: Harvard, Berkeley, Wisconsin... No obstante, advierte Francis Mollet Rogers: *“La tradición europea, que los EE.UU. adoptaron, requiere que la Universidad sea un gran centro de investigación y el profesor una autoridad en su materia, autor de artículos, monografías, libros,*

en otras palabras, que sea un especialista. Pero ahora, dicha tradición tropieza con la necesidad de enseñar en forma efectiva. No todas las mil novecientas instituciones de educación superior pueden ser centros de investigación y sí buenos centros docentes o de enseñanza” (Cit. por Nassif, op. cit., p. 317).

Una segunda categoría de instituciones está conformada por los colegios de artes y ciencias para la formación de grado. Algunas sólo se dedican a ofrecer programas de estudios de cuatro años a gran cantidad de estudiantes. *Por lo general, ofrecen una educación básica en artes liberales con alguna clase de especialización en un campo académico o vocacional al final del ciclo.* Las universidades más prestigiosas, que mantienen las tradiciones de la educación liberal inglesa, también suelen ofrecer algunas carreras de maestría.

Otro sector importante en esta red de instituciones lo integran los *community colleges* que facilitan el acceso abierto a la educación superior. Se calcula que alrededor de la tercera parte de los egresados secundarios se inscribe en este tipo de instituciones. Ofrecen carreras cortas de dos años y otorgan una diplomatura. **El currículo es variado pero prioriza la formación profesional aplicada a diversos campos que permiten el rápido empleo.** Uno de los principales propósitos de estas instituciones es ofrecer un medio de movilidad social y ocupacional a segmentos de la población de menores posibilidades. Los *community colleges* son, por lo general, instituciones públicas financiadas por los gobiernos locales y aunque sus egresados pueden continuar estudios en universidades de mayor nivel académico, esa transferencia de graduados es poco frecuente.

Si bien los EE.UU. no tienen una política educativa centralizada puesto que el gobierno y administración del sistema está a cargo de los Estados, en California se da una buena articulación en el nivel superior y todas las instituciones públicas definen su orientación, su modelo organizativo y su función de acuerdo con sus objetivos. La Universidad de California está en la cima de este sistema y ofrece diplomas doctorales y profesionales. **Sus profesores, bien remunerados, dedican pocas horas a la enseñanza y priorizan la investigación y las publicaciones.**

Durante el siglo XX el sistema académico norteamericano ha evolucionado hacia una combinación de estabilidad institucional conservadora, por un lado, y hacia la adaptación a nuevas tendencias, por otro. Esta evolución no ha sido fruto de un planeamiento sino de la misma evolución puesto que, ante un nuevo requerimiento, o bien se crean nuevas instituciones o se agregan funciones a las instituciones tradicionales sin cambiar esencialmente su organización. Las reformas institucionales a gran escala han sido poco frecuentes. Se ha respetado el considerable grado de autonomía de las universidades y se ha permitido que cada una de ellas produjera los cambios que consideraba necesarios en diversos grados y direcciones.

7. Educación superior en Argentina

Podemos comenzar este tema citando las palabras del Prof. Krotzsch (2003): “*Si por origen entendemos la existencia de un acto inaugural que marca la historia posterior, como es el caso de la universidad humboltiana o napoleónica, podemos decir que la universidad argentina no tiene origen. La universidad argentina se desarrolla sobre la base aleatoria de distintos modelos prevalecientes en el mundo, al mismo tiempo que estos perfiles son moldeados y adaptados luego al estilo de demanda profesionalista que orienta a las clases medias en ascenso: proceso que se extiende a lo largo de todo este siglo y continúa teniendo vigencia aún hoy, y que posiblemente la exigencia de eficiencia y calidad de mercado no hará más que incrementar*” (op. cit., p. 187).

Tanto Córdoba que reprodujo el modelo hispano-escolástico; como Buenos Aires inspirada en el modelo napoleónico; como La Plata que quiso adaptar el modelo de investigación científica tuvieron un sello común: su función principal fue la formación de profesionales. La expansión de la matrícula universitaria de la década del cincuenta y la creación de la Universidad Obrera ¿acaso no perseguían, también, el acceso a mejores puestos de trabajo y la movilidad social por medio de la formación profesional?. La fundación de universidades privadas en la década del sesenta ¿pudo ofrecer cambios a las estructuras tradicionales diseñadas por las universidades históricas?.

Sin embargo, como decía el Rector Fundador de la UNCuyo, Dr. Edmundo Correas (1940): “*la universidad no puede limitarse a ser una fábrica de profesionales*”. La Universidad debe realizar la doble función de la formación profesional especializada y de la formación general. Eso es lo que manda la LES (1995): “*Es finalidad de las instituciones universitarias la generación y comunicación de conocimientos del más alto nivel en un clima de libertad, justicia y solidaridad, ofreciendo una formación cultural interdisciplinaria dirigida a la integración del saber así como una capacitación científica y profesional específica para las distintas carreras que en ellas se cursen, para beneficio del hombre y de la sociedad a la que pertenecen*” (art. 27).

Podemos preguntarnos: ¿a qué insistir con la necesidad de la dimensión teórica de los estudios universitarios?, ¿acaso el estudiante que ingresa a la Universidad no busca formarse en una determinada profesión?, ¿por qué no puede consistir la esencia de los estudios universitarios en la preparación de hábiles médicos, químicos o abogados?. En realidad, si esa formación quiere ser verdaderamente universitaria, si quiere realizarse *en un clima de libertad*, sin estar subordinada a ulteriores finalidades prácticas, debe ser académica. Naturalmente, la habilidad profesional del médico o del abogado debe ser un objetivo deseado pero esto necesita ese “plus” de aquel que supera la medianía y el aprendizaje de una técnica determinada. **La diferencia, en el nivel universitario, está en**

dirigirse hacia las cosas superando las circunstancias particulares que las rodean para penetrar la insondable profundidad del mundo a la vista del carácter misterioso del ser. Es probable que sólo desde esta perspectiva podamos decir que el modelo de formación de profesionales no es una *degradación* del modelo original de Universidad.

Lo distintivo es estar libre de cualquier fin utilitario y en eso consiste la libertad académica; las ciencias particulares sólo pueden ser libres cuando son tratadas sin referencia a ningún fin utilitario. ¿Será ésta la actitud que nos reclama Gago Huguet (1995) en su conferencia “A pesar de todo”? “El desafío fundamental de nuestras universidades sólo está de paso por los problemas del dinero insuficiente, del personal descalificado, de los rutinarios planes de estudio, de la investigación irrelevante, de las bibliotecas y centros de información caducos, del gasto ineficiente y muchos otros para llegar al problema central, el de las actitudes. ***El verdadero desafío es cambiar las actitudes y los comportamientos cotidianos de cada protagonista del quehacer educativo...***” (Cfr. “*La Universidad Latinoamericana ante los nuevos escenarios de la Región*”. Méjico: Universidad Iberoamericana-UDUAL. El destacado es nuestro).

Es probable que no todos los jóvenes tengan vocación o condiciones para emprender estudios universitarios. Para aquellos que sólo desean un título profesional de nivel superior, una carrera corta que habilite para desempeñarse en el mundo del trabajo, la LES 24521 ha previsto la creación de Institutos Superiores de Formación Docente y de Formación Técnica. Estos Institutos, de gestión estatal o privada, dependen de los gobiernos jurisdiccionales y, según el modelo norteamericano, pueden ofrecer carreras que satisfagan la demanda de egresados secundarios que por distintos motivos no pueden ingresar en la Universidad. Esas carreras pueden ser a término y deben tratar de atender a requerimientos concretos de las sociedades locales. Los estudios cursados en los Institutos Superiores deben tener un nivel de calidad equivalente y deben estar articulados con los estudios de grado y de posgrado que sólo pueden ofrecer las Universidades¹⁵.

En *Políticas para el cambio y el desarrollo de la educación superior (1995)*, la UNESCO propone la realización de un pacto académico que mejore las

¹⁵ Actualmente existen en Argentina alrededor de dos mil Institutos Superiores que ofrecen carreras profesionales de diversa calidad. En la medida en que puedan mejorar sus prácticas y ser más competitivos pueden ser una muy buena propuesta para responder a la demanda de muchos jóvenes que terminan la escuela secundaria. De esa manera se podría evitar la apertura de nuevas universidades nacionales que no están suficientemente preparadas para cumplir con eficiencia las funciones de investigación y docencia en el nivel de grado y de posgrado. Desde otra perspectiva, no sería irrelevante pensar que estas instituciones también podrían significar un importante ahorro de recursos.

condiciones de la Educación Superior en sus Estados miembros a fin de responder a las necesidades actuales y futuras del desarrollo humano sostenible. Considera que las políticas de educación superior latinoamericanas deben responder a cuatro tendencias: pertinencia; investigación; calidad e internacionalización puesto que en la actualidad se deben estudiar problemas complejos que no pueden ser abarcados por una sola disciplina científica (ej.: investigación genética; deuda internacional; derechos humanos; progreso tecnológico médico y militar; inteligencia artificial, etc.).

Se proponen las siguientes características para organizar una institución proactiva:

“El objetivo de la acción, en la que deben participar todos los interesados, es lograr que cada centro de educación superior se convierta en:

- Un lugar de **formación de alta calidad** que capacite a los alumnos para actuar de manera eficiente y eficaz en una amplia gama de funciones y actividades cívicas y profesionales, incluyendo las más diversas, actuales y especializadas.

- Un lugar al que **el acceso dependa principalmente del mérito intelectual** y de la capacidad de participar activamente en sus programas, cuidándose de asegurar la igualdad social.

- Una comunidad **dedicada plenamente a la investigación, la creación y la difusión del conocimiento**, al progreso de la ciencia y que participe en el desarrollo de innovaciones e invenciones tecnológicas.

- Un lugar de aprendizaje basado únicamente en la calidad y el conocimiento, que inculque a los futuros graduados el compromiso de proseguir el aprendizaje y la responsabilidad de poner su formación al servicio del desarrollo social.

- Un lugar que acoja a los que regresan para actualizar y perfeccionar sus conocimientos y sus calificaciones como parte de la práctica y de la cultura institucional.

- Una comunidad en que se estimule y apoye activamente la cooperación con la industria y los servicios a favor del progreso económico de la Región y la Nación.

- Un lugar en el que se individualicen, discutan y aborden con espíritu de crítica bien informada problemas y soluciones locales, regionales, nacionales e internacionales importantes y en el que se fomente la participación activa de los ciudadanos en los debates sobre el progreso social, cultural e intelectual.

- Un lugar al que gobiernos y demás instituciones públicas puedan dirigirse en busca de información científica fiable, cada vez más necesaria para las autoridades de todos los niveles y **que también promueva la participación en los procesos de decisión.**

- Una comunidad cuyos miembros, íntegramente dedicados a los principios de libertad académica, **estén comprometidos en la búsqueda de la verdad**, la defensa y el fomento de los derechos humanos, la democracia, la justicia

social y la tolerancia en sus propias comunidades y en todo el mundo, y que participen en la instrucción encaminada a la verdadera ciudadanía participativa y en la edificación de una cultura de paz.

- Una institución bien ubicada en el contexto mundial con todas las amenazas y las posibilidades inherentes y adaptada al ritmo de la vida contemporánea, a las características distintivas de cada región y de cada país". (El destacado es nuestro)

¿No reconocemos en algunas de estas propuestas un retorno al ideal primitivo de la Universidad entendida como comunidad de maestros y estudiantes que buscan la sabiduría?. Sin ignorar la importancia que reviste la vinculación con los problemas sociales, nos animamos a afirmar que el futuro de nuestras instituciones dependerá principalmente de la seriedad y responsabilidad con que los universitarios desempeñemos nuestra vocación intelectual.

BIBLIOGRAFÍA Y FUENTES

ALTBACH, Philip (2001). *Educación superior comparada. El conocimiento, la universidad y el desarrollo*. Trad. de Adelaida Ruiz. Bs. As.: Universidad de Palermo.

CATURELLI, Alberto (1963). *La Universidad. Su esencia, su vida, su ambiente*. Córdoba: Dirección general de publicaciones de la Universidad Nacional.

CIRIGLIANO y AMEGHINO (1970). *El poder joven*. Bs.As.: Libr. de las Naciones.

CORVALAN LIMA, Héctor (1983). *La universidad en el acontecer nacional*. Mendoza: Editorial Idearium de la Universidad de Mendoza.

DERISI, Octavio (1980). *Naturaleza y vida de la universidad*. 3° ed. Buenos Aires: Editorial El Derecho. Universidad Católica Argentina.

GALINO, Ma. Angeles (1973). *Historia de la Educación: Edades Antigua y Media*. 2° ed. Madrid: Edit. Gredos.

INFORME DELORS (1996). *La educación encierra un tesoro*. Madrid: Santillana.

KROTSCH, Pedro (2003). *Educación superior y reformas comparadas*. Colección Cuadernos Universitarios, N° 6, Universidad Nacional de Quilmes.

LARROYO, Francisco (1981). *Historia general de la Pedagogía*. 17° ed. México: Editorial Porrúa.

MONTEJANO, Bernardino (1979). *La Universidad*. Buenos Aires: Edic. Ghersi.

NASSIF, Ricardo (1984). *Teoría de la educación*. Problemática pedagógica contemporánea. 2° reimpresión. Madrid: Cíncel-Kapelusz

NEWMAN, John (1996). *Discursos sobre el fin y la naturaleza de la educación universitaria*. Trad. de José Morales. Navarra: EUNSA.

PIEPER, Josef (1979). *El ocio y la vida intelectual*. Trads. de Masegosa; Salcedo; García Ortega y Cercós. Madrid: Rialp S.A.

PIEPER, Josef (1989). *En defensa de la Filosofía*. 6° ed. Trad. de Alejandro Laton Ros. Barcelona: Edit. Herder.

RANDLE, Patricio (1974). *La universidad en ruinas*. Bs. As.: Edit. Almena.

RODRIGUEZ CRUZ, Agueda (1992). *La universidad en la América Hispánica*. Madrid: MAPFRE S.A.

SILES SALINAS, Jorge (1972). *La universidad y el bien común*. La Paz, Bolivia: Universidad Mayor de San Andrés.

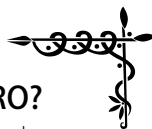
TAQUINI (h), Alberto (2000). *La transformación de la educación superior argentina: de las nuevas universidades a los colegios universitarios*. Buenos Aires: Academia Nacional de Educación.

UNESCO (1995). *Políticas para el cambio y el desarrollo en la educación superior*. París.

VOCOS, Francisco (1981). *El problema universitario*. 2º ed. Buenos Aires: Colección Ensayos Doctrinarios.

* Prof. Dr. Francisco Muscará

É professor titular da Universidade de Mendoza- Argentina
muscara@logos.uncu.edu.ar



GOSTOU DO LIVRO?

acesse www.publit.com.br e descubra ou encomende novos títulos de seu interesse.

QUER PUBLICAR O SEU?

Conheça nossas soluções editoriais de publicação.
Qualidade, Rapidez e Baixo custo.

PUBL!T SOLUÇÕES
EDITORIAIS

Prazer em Publicar



Rua Miguel Lemos, 41 - salas: 605 e 412 - Copacabana - Rio de Janeiro | RJ

email: editor@publit.com | 21 2525 3936

